



**GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO**



**IDEOLOGIA, CINEMA E FORMAÇÃO DOCENTE: O QUE NÃO TE CONTAM
SOBRE OS CONTOS DE FADAS**

PEDRO WESLEI DE OLIVEIRA SILVA

Crato - CEARÁ

2023

Pedro Weslei de Oliveira Silva

**IDEOLOGIA, CINEMA E FORMAÇÃO DOCENTE: O QUE NÃO TE CONTAM
SOBRE OS CONTOS DE FADAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação

Linha de pesquisa: Formação de Professores, Currículo e Ensino

Orientação: Profa. Dra. Maria Dulcinea da Silva Loureiro

Crato - CEARÁ

2023

Ficha Catalográfica elaborada pelo autor através do sistema
de geração automático da Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri -
URCA

Silva, Pedro Weslei De Oliveira

P372i IDEOLOGIA, CINEMA E FORMAÇÃO DOCENTE: O QUE NÃO TE
CONTAM SOBRE OS CONTOS DE FADAS / Pedro Weslei De Oliveira Silva.
Crato-CE, 2023.

111p. il.

Dissertação. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do
Cariri - URCA.

Orientador(a): Prof. Dr. Maria Dulcinea da Silva Loureiro

1.Ideologia, 2.Cinema, 3.Formação Docente, 4.Contos de Fadas, 5.Literatura
Infantil; I.Título.

CDD: 370

Pedro Weslei de Oliveira Silva

**IDEOLOGIA, CINEMA E FORMAÇÃO DOCENTE: O QUE NÃO TE CONTAM
SOBRE OS CONTOS DE FADAS**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação

Linha de Pesquisa: Formação de Professores, Currículo e Ensino

Orientação: Profa. Dra. Maria Dulcinea da Silva Loureiro

Crato, 11 de janeiro de 2023.

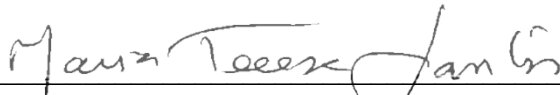
BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Dulcinea Silva Loureiro
Orientadora – URCA



Profa. Dra. Zuleide Fernandes de Queiroz
Universidade Regional do Cariri - URCA



Profa. Dra. Maria Teresa Carrasco Salvador Gonçalves dos Santos
Universidade de Évora (Portugal)



Profa. Dra. Sislandia Maria Ferreira Brito
Universidade Regional do Cariri – URCA

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, professora Dulcinea, pelo trabalho, dedicação e paixão com os quais conduziu esta orientação;

Ao professor Fábio Rodrigues, por me mostrar que mesmo nos nossos piores dias não há nada a se fazer, além de nos esforçarmos ao máximo, e que na educação não existe nada mágico. Apenas trabalho duro;

Ao professor Manuel Pina, que apesar dos puxões de orelha, sempre me incentivou, me ajudou e ficou feliz por minhas conquistas;

As minhas Coleguinhas de graduação Gleidiane e Cida por estarem ao meu lado compartilhando angústias e alegrias do exercício da docência;

A todas as professoras que se dispuseram a participar dessa pesquisa como voluntárias, muitíssimo obrigado.

Aos professores do programa, que muito contribuíram com minha formação, proporcionando momentos de inquietação e, por vezes, gerando mais dúvidas do que propriamente dando respostas. Em especial, Iara Maria, Glauberto Quirino e Zuleide Queiroz;

A tod@s que foram meus alun@s na Educação Básica, mais precisamente na ETI Maria Linhares Sampaio – CERU e na Graduação em Pedagogia da URCA, por me inspirarem a fazer o melhor.

A minha companheira Regina que sempre esteve do meu lado me dando força e colaborando para que eu consiga realizar meus sonhos;

A minha mãe Aurinete que comemorou comigo todas as vitórias e chorou também em todas as derrotas e que me ensinou a partir do seu exemplo de mulher guerreira como se tornar um cidadão íntegro e responsável. Amo todos vocês!

“A flor que desabrocha na adversidade é a mais bela de todas.” (Mulan)

RESUMO

O cinema pode ser uma fecunda ferramenta pedagógica, tanto para estabelecer diálogos com alunos e professores como para re-pensarmos a ação docente. Esse trabalho se justifica pela necessidade de problematizar as adaptações cinematográficas de contos de fadas e o trabalho docente a partir delas, tentando assim dar subsídios e sensibilizar os professores quanto a aspectos ideológicos presentes na Literatura Infantil, mais precisamente sobre suas adaptações ao cinema. Esta dissertação tem por objetivo analisar os aspectos ideológicos presentes em contos de fadas adaptados ao cinema, problematizando suas contradições de maneira dialética durante a formação docente continuada, dialogando sobre ideologia, cinema e formação docente com professores do ensino fundamental I da cidade de Barbalha-CE. É uma pesquisa-ação e foi fundamentada mediante autor@s como Abramovich (1997), Bettelheim (2018), Eagleton (1997) e Freire (2016). Os professores responderam a um questionário inicial, participaram de formações/oficinas e, posteriormente, concluída as oficinas, responderam a um questionário final. Durante a pesquisa podemos notar a ausência de aparelhos tecnológicos nas escolas, o que atrapalhava o pleno desenvolvimento do trabalho docente com relação à reprodução fílmica, somados à ausência de competências para o manejo e o uso dos filmes de animação como ferramenta pedagógica e a não compreensão dos aspectos ideológicos que permeiam os contos de fadas de maneira geral.

Palavras-chave: Ideologia; Cinema; Contos de Fadas; Formação Continuada.

ABSTRACT

Cinema can be a fruitful pedagogical tool, both for establishing dialogues with students and teachers and for rethinking teaching action. This work is justified by the need to problematize the cinematographic transfers of fairy tales and the teaching work based on them, thus trying to make progress and sensitize teachers about the ideological aspects present in Children's Literature, more precisely about their preferences for cinema. This dissertation aims to analyze the ideological aspects present in fairy tales adapted to cinema, problematizing their contradictions in a dialectical way during continuing teacher education, dialoguing about ideology, cinema and teacher training with elementary school teachers I in the city of Barbalha-CE . It is an action research and was based on authors@s such as Abramovich (1997), Bettelheim (2018), Eagleton (1997) and Freire (2016). Teachers responded to an initial test, participated in training/workshops and, later, completed the workshops, responded to a final test. During the research, we noticed the absence of technological devices in schools, which hindered the full development of teaching work in relation to film reproduction, added to the lack of skills for handling and using animation films as a pedagogical tool and the lack of understanding of the ideological aspects that permeate fairy tales in general.

Keywords: Ideology; Movie theater; Fairy tale; Continuing Training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	21
Figura 02	58
Figura 03	70
Figura 04	72
Figura 05	79
Figura 06	86
Figura 07	89
Figura 08	91

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO	11
1.1 METODOLOGIA.....	23
II. PARA ENTENDER INICIALMENTE O TERMO IDEOLOGIA	31
2.1 NÃO EXISTE DEFINIÇÃO ÚNICA DE IDEOLOGIA.	32
2.2 NEM TODA OPINIÃO, FALA OU PRÁTICA É IDEOLÓGICA	33
2.3 IDEOLOGIA É O QUE OUTRO FAZ, NÃO EU!	34
2.4 IDEOLOGIA E SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA	35
2.5 IDEOLOGIA NAS ESCOLAS	42
III. CINEMA E LITERATURA INFANTIL	46
3.1 UM POUCO SOBRE CONTOS DE FADAS.....	46
3.2. EDUCAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O CINEMA.....	52
IV. UMA INCRÍVEL VISÃO, NESSE VOO TÃO LINDO... ..	60
4.1 IMPRESSÕES ACERCA DO QUESTIONÁRIO 01.	60
V. A SEREIA É PEQUENA, MAS A REFLEXÃO É GRANDE	77
5.1 ANALISANDO O FILME A PEQUENA SEREIA	77
VI. VOU PLANANDO E SUBINDO, PARA O IMENSO AZUL DO CÉU... ..	84
6.1. QUESTIONÁRIO 2 E MAIS PROVOCAÇÕES:.....	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	97
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	100
APÊNDICE	104
ANEXO.....	107

I. INTRODUÇÃO

Nos velhos tempos, quando desejar ainda era de alguma ajuda...

Existia um Reino chamado Cariri Cearense, essa Região tinha como seus três principais vilarejos Juazeiro do Norte, Crato e Barbalha, os três juntos eram também conhecidos como o Triângulo CRAJUBAR, devido a sua proximidade territorial e laços afetivos que a população nutria. Nesse Reino existiam escolas de dois tipos, as particulares que eram organizadas pela iniciativa privada, ou seja, os Barões e/ou Clero e destinavam-se as classes mais abastadas; e as públicas que eram organizadas pelos Reis e tinham como finalidade dar um mínimo de educação às camadas mais baixas da população.

Nessas escolas públicas, @s professor@s são como Magos, que conseguem durante suas aulas se transformarem em vários personagens para tentar garantir a aprendizagem dos seus alun@s. Se vocês que leem esse trabalho tivessem a oportunidade de visualizar a magia *Precarizazione Docente* veriam que os professor@s em um estalar de dedos conseguem se transformar em tudo o que eles quiserem, seja em maravilhosos contadores de histórias, em psicólogos, transformam-se em médicos quando acontece algo pior, em pintores, dançarinos e até mesmo em atores. O que se cochicha nos becos e mercados do vilarejo é que essa magia é minuciosamente imposta pelos reis para que eles não contratem outros profissionais, reduzindo os custos presentes nas escolas e sobrecarregando os professores, para que dessa forma, possam esbanjar dinheiro público com as mais diversas extravagâncias, festejando com banquetes e festas glamorosas enquanto comemoram a construção de alguma obra superfaturada.

Outros dizem que o uso da *Precarizazione Docente* é uma estratégia dos reis para que os professores se distanciem do seu principal ofício que é ensinar magias e conhecimentos úteis ao dia a dia das crianças, dentre eles a história dos magos e da sociedade, leitura de grimórios¹, magias que transformam soma de números em outros números diferentes, além da consciência crítica de que a magia aprendida na escola deve ser usada para o Bem e para a construção de um mago consciente de seus deveres e reivindicador dos seus direitos. O problema é que como os professores nas escolas públicas não estão conseguindo usar as demais magias, por estarem sobrecarregados com a *Precarizazione Docente*, as escolas particulares estão ensinando todas

¹ Livro que contem magias ou o ensinamento delas

as magias e isso causa um abismo enorme entre quem tem condições financeiras de se apropriar de feitiços e os que não têm. Situação essa que é agradável e confortável a reis, barões e ao clero, pois seus descendentes tem acesso a uma educação mais sistematizada, organizada e de qualidade, enquanto os mais pobres não.

Outro ponto a ser destacado é que esse professor de escola pública, no exercício da sua prática de ensinar magia as crianças, recebe vários Grimórios, muitos deles de péssima qualidade que nunca ensinam a magia por completa, apenas algumas partes delas, agravando ainda mais a situação desses estudantes que não têm acesso à magia completa para poder exercê-la no seu cotidiano. Esses livros são ofertados por Marqueses que estão alinhados aos monarcas e buscam construir produção literárias que contribuem para a perpetuação de ideologias dominantes, e como os professores estão bastante ocupados conjurando a *Precarizacão Docente*, muitas vezes não conseguem dar conta de superar as fissuras destes livros, acabando por apenas lê-los, reproduzindo muitas vezes esses ideais da classe dominante composta que primam pela manutenção do status quo dos reinos. Dessa forma, essa prática dos professores reproduz essa dominância, seja por falta de formação, seja por inércia, seja por não compreensão do espaço que ocupa.

Inserido nesse ambiente temos a vítima dessa história, o Professor Pedro Weslei, que está efetivado como mago em uma escola pública desde 2016 no vilarejo de Barbalha e que foi formado na URCA, reconhecida Academia Arcana na formação de magos, feiticeiros, fadas e mágicos. Esse jovem professor é mago efetivo nesse vilarejo e um apaixonado pelo ofício e por literatura infantil. Se tiveres paciência, contaremos um pouco de sua trajetória e de ações que ele desenvolve na escola onde ministra aulas de magia.

Sendo oriundo de família bastante humilde, nasceu e morou até os 11 anos de idade no ABC Paulista, mais precisamente na Favela do Batistini em São Bernardo do Campo, onde foi amparado por programas sociais e por algumas boas professoras que o ajudaram a concluir a 4ª série do ensino fundamental.

Em 1998 quando fazia a antiga Alfabetização, foi pela primeira vez ao cinema assistir ao filme *Mulan*², junto com sua turma de escola. A nossa vítima recorda com emoção de diversos detalhes desse dia, por exemplo da nota de um real bem verdinha que sua mãe lhe deu para que pudesse comprar alguma coisa para comer lá, da chegada ao shopping onde tinha o cinema e como ele era lindo e brilhante, mas por incrível que pareça, embora o filme seja

² Filme que iremos analisar e discutir nesse trabalho

excelente, não consegue lembrar de nada do que acontece no filme³. O que ele se lembra bem é de como estava encantado com todo aquele espaço que para ele era novo e instigante, tão instigante que chegou a pedir a professora para ir algumas vezes ao banheiro, para que assim pudesse descer aquelas infinitas escadas no escuro. Recordava-se também do espanto que teve com a torneira do banheiro que era acionada a partir de um toque na superfície e não a rosqueando, além do mais a água parava de jorrar sozinha, sem que a desligasse. Por melhor que fosse o filme, aquele aluno estava naquele espaço com outras prioridades, prioridades essas que a professora talvez jamais entenderia.

Hoje, mediante essa vivência, o professor Pedro Weslei tem consciência de que antes de assistir ao filme, ele queria explorar os espaços “Cinema” e “Shopping”, espaços esses que ele nunca tinha ido e nem sabia quando iria novamente (só retornou a um cinema novamente em 2009, exatos 11 anos depois). Desde então, todas as suas aulas de campo que organiza como professor, antes de fazer o que foram lá fazer, se sente na responsabilidade de oportunizar que as crianças façam o que desejam fazer, como subir mais de uma vez na escada rolante ou elevador, brincar e correr nesses espaços (desde que não haja algo para ser quebrado), conhecer banheiros, refeitórios. Ele relembra que certa vez em uma visita com seus alunos a URCA, uma das crianças que estava dentro de uma das salas da Pedagogia disse: Professor! Olha como essa sala é boa! Ela é grande, tem ar condicionado e o quadro é gigante. Dá uma aula para a gente aqui!

Nosso mago predileto desde muito pequeno adorou assistir filmes, sobretudo os de animação como a Era do Gelo, Ratatouille, Aladdin e o Rei Leão. Para além disso, gostava de refletir e filosofar sobre o que acontecia nessas histórias, por vezes repensando finais ou adorando determinados personagens. Passado algum tempo, ele foi aprovado para ser aluno no Curso de Pedagogia da URCA e então começava seus estudos para se tornar um Mago, porém, enquanto cursava a disciplina de Filosofia da Educação II ministrada pela sua fada Madrinha Dulcinea Loureiro, ao discutirem sobre Ideologia, esse assunto se interseccionou com a discussão sobre os Meios de Comunicação em Massa – MCM e como eles são um dos instrumentos que massificam determinadas ideologias. Pronto. Um insight! Ele chegou à conclusão que poderia estudar e pesquisar sobre as ideologias que permeiam os filmes de animação...

Durante a graduação ele se dedicou a estudar ideologia e Literatura Infantil, e no seu Trabalho de Conclusão de Curso conseguiu analisar as versões em animação de Shrek e a Bela

³ A poucos meses, quando estava o assistindo novamente, fiz um esforço enorme para tentar lembrar de alguma cena do filme e não consegui.

e Fera. Na época buscou sugerir algumas propostas didáticas para o fazer pedagógico diário, além de apontar os aspectos ideológicos e contra ideológicos presentes nos filmes. As duas histórias se apresentam como relevantes, tendo em vista que n'A Bela e a Fera, a Fera deixa sua posição animalesca assumindo uma figura que está atrelada ao estereótipo de beleza do príncipe encantado, branco, magro e com cabelos lisos para assim poder encontrar o amor verdadeiro, e em Shrek a princesa abandona essa versão estereotipada de beleza para assumir a versão animalesca.

Já na pós-graduação em educação infantil, uma espécie de curso de capacitação onde os magos buscam se aprimorar para aprender outras magias, esse mago teve acesso à leitura do livro: Do silêncio do Lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil da Eliane Cavalleiro, onde a autora a partir de uma pesquisa etnográfica discute como o racismo é silenciado e normalizado na educação infantil. Decidiu então, a partir da disciplina de Literatura infantil ministrada novamente por Dulcinea, escrever um trabalho que analisava as dimensões de racismo, discriminação e preconceito a partir do Filme A princesa e o Sapo, animação essa que tem uma protagonista negra.

Assim, no seu fazer pedagógico enquanto professor de escola pública e sentindo a necessidade de garantir a essas crianças o direito de assistirem esses filmes, tendo em vista que muitos não têm televisão ou internet em casa; decidiu por reproduzir pelo menos um filme por mês, onde após o assistirem, iriam formar um círculo e discutir aspectos que chamaram atenção deles e outros que acreditava que cabiam ponderações⁴. Nesses seis anos de docência na educação básica já foram reproduzidos filmes como: O Pantera Negra, Divertidamente, o Bom Dinossauro, A invenção de Hugo Cabret, Viva – a vida é uma festa, Como treinar seu dragão e tantos outros.

Cabe destacar que como a escola é um espaço acadêmico, temos muitas vezes a falha compreensão de que devem ser reproduzidos nesse espaço apenas filmes *cults*, ou seja, aqueles que são transgressores ou que fazem uma enorme crítica à sociedade, mas aqui defendemos que além desse gênero de filme, também devemos reproduzir os filmes que estão presentes no *mainstream*, que geralmente são filmes que as crianças têm vontade de assistir como Star Wars, Velozes e Furiosos, Vingadores, Senhor dos anéis⁵, mas não podem por conta da sua situação social, geográfica ou econômica e a escola pode ajudar a garantir esse acesso à cultura de massa,

⁴ Essas atividades sempre foram intercaladas com as turmas do quarto e quinto ano, visando garantir um maior acesso a essas produções.

⁵ Sempre respeitando a classificação indicativa.

o incluindo, dando a criança, também o que ela quer assistir e não só o que queremos que ela assista.

Toda essa trajetória e trabalho do professor Pedro Weslei, fez com que intensifiquemos nossas análises de filmes de animação, na perspectiva de apontar o que neles tem de reprodução de uma sociedade que não nos cabe mais, como também garantir possibilidades a professores de pensar esses filmes para além do maravilhoso.

Após esse preâmbulo, no momento, nosso mago está realizando seu mestrado, outra capacitação para que consiga, agora receber a honraria de Mestre da magia, e como requisito para obtenção desse título de nobreza, ele precisa produzir um grimório contando um pouco sobre sua ação docente e sobre uma pesquisa que realizou com outros magos do seu vilarejo a respeito de cinema, ideologia e formação docente. Assim, nas páginas que se seguem teremos acesso aos escritos encantados desse professor. Então, te segura na cadeira, prepara a pipoca e vamos a leitura desse texto agora.

Iniciando a parte mais formal dessa produção, é importante salientar que esse trabalho se justifica pela necessidade de problematizar as adaptações cinematográficas de contos de fadas e o trabalho docente a partir delas, tentando, assim, instrumentalizar e sensibilizar os professores quanto a aspectos ideológicos presentes na Literatura Infantil, mais precisamente sobre suas adaptações ao cinema.

A Literatura Infantil é composta por várias narrativas como contos de fadas, fábulas, histórias em quadrinhos, lendas, mitos, contos e são lidos e assistidos em diferentes suportes como livros, televisores, celulares ou jornais, podendo até serem declamados ou contados a partir de narrativas orais ou de sinais. Mas independente do suporte ou da narrativa, a literatura infantil é composta por obras abertas à subjetividade que oferecem acesso a novas dimensões da imaginação da criança, garantindo a ela adentrar em um mundo rico em imaginação, segredos e descobertas.

A literatura infantil oferece infinitas possibilidades. Por isso, nesse trabalho nos deteremos aos contos de fadas adaptados para o cinema, porém, sempre que possível estabeleceremos diálogos com outras formas de narrativas como as orais e a escrita, por exemplo. Aqui daremos enfoque nas animações, pois elas estão cada vez mais acessíveis às crianças, graças ao advento da internet (torrentes, youtube e diversos serviços de streaming) e da popularização da pirataria a partir de DVDs além do mais, os recursos audiovisuais para reter a atenção dos pequenos estão cada vez mais desenvolvidos e sofisticados.

Somado a isso, os professores têm utilizado com maior frequência esses filmes como ferramenta pedagógica, daí a importância de se entender os impactos que suas utilizações

trazem para os estudantes e docentes durante o processo de ensino-aprendizagem. É imperativo termos consciência de que essas animações e seus produtos estão presentes na escola convivendo diariamente com professores e estudantes.

A exibição de filmes dessa natureza é corriqueira nos espaços educacionais, por vezes de forma significativa, por vezes de forma acrítica, para suprir a ausência de um professor. Vejamos: as datas comemorativas como dia da consciência negra, Páscoa, meio ambiente e tantas outras geralmente apresentam no seu “cumprimento de protocolo” a exibição de filmes, discutidos ao final da exibição ou não, mas, neste percurso entre a exibição de uma animação para reforçar um conteúdo a ser estudado e as atividades que são propostas a partir delas, são manifestados numerosos fatores ideológicos que não podem passar despercebidos, como massificações de estereótipos de beleza, felicidades, feminilidade ou masculinidade, daí a importância dos professores terem consciência do que estão usando para sistematizar ou mediar um conhecimento.

Uma das características dos contos que precisamos compreender é que eles transcendem o tempo, sendo repetidos, reprisados e revisitados inúmeras vezes e em diferentes localidades. Devemos compreender que a literatura em geral é produzida não em um vácuo temporal, mas dentro de um espaço e tempo históricos e que essas produções acompanhavam os interesses daquela determinada época, e isso também acontece quando reproduzimos animações de décadas passadas dentro de sala de aula.

Como os contos têm esse aspecto atemporal, podendo ser vistos em diferentes lugares e espaços, eles tendem a perpetuar e/ou reforçar alguns ideais e estereótipos de uma sociedade para outras. Podemos citar a pele branca presente na esmagadora maioria dos personagens desses contos, garantindo que as grandes potências (de população abastada branca) colonizem de forma étnica o subconsciente de países subdesenvolvidos e emergentes com sua visão de mundo e modelo de sociedade. Em quais das princesas se sentiram representadas meninas negras brasileiras nos últimos cinquenta anos que durante esse tempo internalizaram que princesas são bonitas porque são brancas? Rapunzel, Elza, Cinderela, Bela, Mulan, Ariel, Mérida, Branca de Neve ou Aurora? Abramovich reforça essa reflexão ao afirmar que a princesa geralmente tem pele branca, olhos claros, corpo magro e cabelo liso. Enquanto o príncipe é descrito como alguém: “alto, corpulento, forte, elegante, bem barbeado (ou até imberbe), sempre com o aspecto de quem acabou de sair do banho, mesmo depois de ter cavalgado dias a fio e enfrentado mil perigos de toda espécie e qualidade...” (1997, p. 36)

Outro exemplo seria o estereótipo da madrasta, que durante muito tempo nossa sociedade demonizou mulheres divorciadas ou mães solo, sendo motivo de vergonha para seus

familiares. As madrastas nesses contos reforçam esse estereótipo de uma madrasta má, que tem como objetivo prejudicar a enteada e afastá-la do amor de seu pai. Um reforço à concepção de amor cristã ocidental que prega que o amor deve ser para sempre e que mulheres não devem se separar. (BETTELHEIM, 2018)

Com essa dimensão atemporal presente nas animações, corremos o risco de estarmos contribuindo para a manutenção e continuação de uma sociedade que não acompanha mais as demandas da contemporaneidade. A atenção à temporalidade do conto e qual mensagem ele quer/queria deixar para a sociedade é primordial para a sensibilização do professor quanto a assuntos que aparecerão na narrativa.

Vejamos o exemplo do primeiro longa de animação produzido pela Disney, “Branca de Neve e os sete anões” no longínquo 1937. Na época, a televisão era algo que havia sido criado há pouco tempo e sua difusão para o acesso em massa ainda não tinha começado, assim, as produções audiovisuais eram quase que exclusivamente reproduzidas no cinema. Dado o sucesso de público e crítica que o filme alcançou na época, muitos outros contos de fadas foram adaptados ao cinema, buscando engajar o público infantil e encontrar o mesmo sucesso. Em seguida tivemos Pinóquio (1940), Dumbo (1941), Cinderela (1950), A pequena Sereia (1989) e tantos outros. Vejam que alguns datam mais de 60 anos de sua primeira aparição, porém continuam sendo reprisados e revisitados inúmeras vezes dentro das nossas escolas, trazendo uma característica de imutabilidade social, sobre qual os educadores precisam estar atentos.

Quanto a essas mudanças ou não mudanças, podemos citar inúmeras como: personagens femininas que durante muito tempo foram apresentadas sendo frágeis e passivas, contrastando com todas as conquistas que os movimento feministas conseguiram nos últimos anos, sobretudo quando falamos em empoderamento; podemos citar também a pouca ou nunca presença de personagens negros, constituindo esforços para a construção de uma eugenia dos contos, tentando branquear seus personagens. Essas e outras discussões que poderíamos citar aqui colaboram para que entendamos esses contos como artefatos históricos que estão presentes em uma sociedade e que necessitam ser problematizados.

Conforme os movimentos sociais em busca de igualdade crescem e tencionam a população para aspectos mais sensíveis e de visibilidade, os estúdios que produzem essas animações sentem a necessidade de pluralizá-las. A Disney e outros estúdios como a Pixar e Dream Works tem feito filmes nos últimos anos mais sensíveis a determinadas causas, como os imigrantes ou personagens mais gordinhos e menos sexualizados. A busca para que o espectador se reconheça no personagem é importante para os estúdios, tendo em vista a busca

pela comercialização da imagem de cada um. “Moana”, “Viva – A Vida É uma Festa” ou mais recentemente “Luca”.

Outro ponto é sobre o público dessas animações que vem se alterando. Adultos que outrora foram crianças e cresceram assistindo animações têm criado na indústria a necessidade de continuar assistindo-as, fazendo com que as produções atuais reservem um espaço que contemplem crianças e adultos⁶. O ápice dessa dimensão tem acontecido nos últimos anos, o filme “Soul” da Pixar (2020), evidenciando-se um filme de animação feito para adultos, só que usando de uma linguagem animada infantil, levando discussões sobre a relação homem e trabalho, espiritualidade e sonhos frustrados, mas como é uma animação tem uma pitadinha de infantilidade para também aproximar as crianças. Dentro desse mesmo raciocínio, poderíamos citar o “bum” de live actions que a Disney tem lançado como os do “Rei Leão”, “A Bela e a Fera” ou “Mogli”, que são versões com atores reais de animações antigas. Podemos dizer que atualmente animações não são mais feitas exclusivamente para crianças.

Discutir sobre o papel do professor e sua relação com os contos de fadas e às ideologias a eles subjacentes não é possível sem dialogar com a formação docente. Para elucidar esse aspecto, pontuamos que os cursos de Pedagogia vêm sofrendo grandes transformações e atualizações nas últimas décadas seguindo critérios estabelecidos pelas diretrizes educacionais e pela compreensão de colegiados de cursos Brasil afora. Vejamos o exemplo da lei 10.639/03 que garante o Ensino da Cultura Africana e Afro-Brasileira na Educação Básica e Superior do Brasil, porém, os professores que se formaram antes dessa lei não tiveram acesso a essa discussão durante a graduação e terminam por não conquistarem subsídios teóricos para mediar discussões relacionadas ao tema, ficando à mercê de formações continuadas oferecidas pelas secretarias ou por buscas individuais por esse conhecimento.

Dessa forma, por mais que estejamos avançando na melhoria da formação de professores nos últimos anos, esses avanços ainda apresentam lacunas quanto a sua efetivação na prática de sala de aula, afinal, muitos dos professores que estão na ativa não tiveram condições de ter acesso a discussões sobre africanidades, gênero, decolonialidade, sexualização, feminismos, machismo e estereótipos por isso esse trabalho é importante, pois busca dar subsídios para professores da ativa que por condicionantes históricos não tiveram oportunidade de se apropriar desse arcabouço teórico e suas relações com o fazer pedagógico.

A leveza que os contos de fadas carregam podem servir de ajuda para que a partir desse trabalho levemos discussões que sensibilizem e capacitem professores a lidar com assuntos que

⁶ Não estamos querendo dizer que animações são só para crianças, mas que a procura de adultos por esses filmes tem mudado as propostas dos longas.

pouco viram ou não tiveram acesso durante sua graduação, sendo assuntos que por conta da dinamicidade da sociedade estão sempre se atualizando, se renovando e se ressignificando. Assim, caso proporcionássemos aos professores essas discussões apontando os temas supracitados como carro-chefe poderíamos sofrer resistência por parte dos docentes. Eles poderiam julgar academicista demais, mas a partir dos contos de fadas podemos fazer um movimento iniciando com histórias fictícias e depois desaguando na realidade concreta, fazendo com que o processo seja mais humanizado.

Defendemos que essas lacunas deixadas pela formação inicial (que posteriormente será problematizada) sejam superadas pela formação continuada. Sendo oferecidas formações para que os professores que estão em campo hoje, e que por condicionantes históricos não tiveram o direito a se apropriarem desses assuntos, tenham condição de compreender sobre como se efetivam os discursos ideológicos, e a partir disso tentar combatê-los.

Esses temas (feminismo, machismo, racismo, dentre outros) estão em ebulição na nossa sociedade e precisam ser discutidos nas escolas, por mais pesaroso que seja para alguns. Defendemos que os professores devem estar preparados para exercer seu papel de formador de cidadãos críticos, mas para que os docentes consigam fazer isso é fundamental que estejam conscientes e formados para tal tarefa que extrapola as dimensões pedagógicas estando a educação lado a lado com as dimensões sociais e políticas. Lutar por um mundo mais justo e igualitário é um dever ético dos professores e dos trabalhos de pós-graduações.

Nas últimas décadas, as tecnologias em conjunto aos produtos das mídias digitais têm feito cada vez mais parte do universo escolar, tanto diretamente (computadores, celulares, tablets e televisores) como indiretamente (personagens de filmes, animações, youtubers). Essa virada tecnológica tem trazido vários benefícios ao processo educacional como aprender história a partir de vídeos, matemática com *games* e se alfabetizar também digitando e não apenas escrevendo a punho.

O trabalho docente está sendo atualizado, automatizado e informatizado constantemente e vemos com maior frequência diários, planos de aula e frequências sendo organizados de maneira on-line e usando computadores ou celulares para realizar muitas dessas tarefas que antes dependiam única e exclusivamente de papel e caneta. O uso do datashow para facilitar a apresentação de conteúdos tem feito professores se distanciarem dos quadros brancos, fazendo com que muitos docentes nunca ou quase nunca os utilizem⁷.

⁷ Temos consciência que essa democratização das tecnologias e seu uso e acesso não chegou ainda a todos os professores, escolas e alunos do nosso país, porém, é inegável que o trabalho docente tem caminhado para uma atualização a partir das TICs e que elas tem povoado um enorme número de escolas.

Com a pandemia da Covid-19 que forçou a população a se isolar desde 2020⁸ para não propagar e disseminar o vírus, esses aparelhos tecnológicos foram primordiais para continuarmos nossos trabalhos docentes de forma remota. Os professores⁹ tiveram que fazer uso constante de SEUS¹⁰ celulares e computadores, tendo que aprender a editar vídeos, converter arquivos, ministrar aulas via plataformas remotas on-line e tantas outras coisas. Os professores que antes da pandemia ainda não tinham se familiarizado com essas tecnologias foram obrigados a tentar se apropriar delas. A escola, que por muitas vezes ainda negava essas tecnologias, teve que se reinventar para continuar seu trabalho durante o isolamento, porém essa pandemia pode ter agravado essa demanda de acesso às tecnologias e veremos num futuro próximo se a educação conseguirá se adaptar a essas novas demandas.

A formação continuada para professores do Ensino Fundamental I oferecida por muitas secretarias de educação no Brasil tem focado suas atividades em formações que privilegiam aspectos técnicos sobretudo avaliativos de português e matemática. As avaliações externas como SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), SPAECE (Sistema Permanente de Avaliação da Educação Básica do Ceará) e ANA (Avaliação Nacional da Avaliação) têm pressionado secretarias a treinar seus professores no ano das avaliações para que garantam que os alunos avaliados consigam desempenho desejado nessas avaliações. E essa pressão faz com que essa gestão superior municipal desprivilegie a formação continuada para outros aspectos que fujam ao treinamento de habilidades para Português e Matemática.

As SMEs, que deveriam ser esse espaço plural para formação integral dos seus professores na tentativa de preencher lacunas oriundas da formação inicial docente, muitas vezes se omite da responsabilidade de fazer com que seus professores estejam mais preparados para enfrentar os problemas, sobretudo sociais que são tão importante quanto o ensino de português e matemática, e isso para não dizer sobre a negligência em outros campos do conhecimento como Ciências, História e Geografia por exemplo.

Outro ponto a destacar é sobre os aspectos ideológicos presentes nas animações em longa metragem dos contos de Fadas que são reproduzidos nas escolas. Muitos desses filmes destinados a crianças são adaptações de livros infantis como “A Bela e a Fera”, “Branca de Neve e os Sete Anões” ou “Soldadinho de Chumbo”. São contos de fadas que inicialmente eram

⁸Esse texto é escrito durante a pandemia da Covid-19.

⁹Aqui citaremos apenas os impactos partindo do professor para os estudantes.

¹⁰ Cabe destacar que os professores não tiveram apoio relacionado a materiais. Tudo o que foi utilizado durante as aulas remotas são de propriedade dos docentes, fazendo com que professores adquirissem materiais gastando seu próprio dinheiro para tentar garantir uma efetiva aprendizagem dos seus alunos. Fazendo uma função e assumindo uma responsabilidade que deveria ser do estado de oferecer o mínimo de material para efetivação do ensino remoto.

exclusivamente reproduzidos de maneira oral por conta da pouca escolarização das pessoas e que posteriormente com a população um pouco mais alfabetizada foram apropriados pelo universo escrito e se tornando livros para ser difundidos e comercializados, gerando riqueza para quem os produzisse e entretenimento para quem os lia. Há pouco mais de um século essas mesmas histórias vêm se tornando filmes de animação e movimentando bilhões de dólares no mundo inteiro.

O Capitalismo se aproveita desses contos e de seus personagens para gerar riqueza (como faz com tudo que pode) e como o mundo inteiro hoje é conectado, as grandes empresas de animação difundem alguns desses contos universalmente, logo, várias dessas histórias são reproduzidas de maneira simultânea em quase todos os lugares do planeta, globalizando os contos e interculturalizando os personagens. E o que é “vendido” como maravilha esconde alguns problemas. Temos países com sua população majoritariamente negra sendo inundados há décadas por filmes que tem apenas personagens brancos e como essas produções são atemporais, ou seja, repetidas milhares de vezes por anos a fio, acabamos por incidir em uma colonização cultural que pode não ser notada por aqueles os assistem. Isso, para dizer o mínimo.

FIGURA 01. Mochila com princesas



Fonte: 11nq.com/f4hDQ Acesso em 01 de junho de 2022

Vide a Cinderela produzida em 1950 e até hoje reproduzida. Com essa universalização dos contos a partir da difusão em massa do capitalismo e com esses personagens sendo associados imediatamente ao público infantil, os espaços educacionais inconscientemente se apropriam desses contos e de seus personagens de forma acrítica e passiva. Fomentando uma interculturalidade funcional que mantém “as práticas – de desumanização e de subordinação de conhecimentos – que privilegiam alguns sobre outros, “naturalizando” a diferença e ocultando as desigualdades que se estruturam e se mantêm em seu interior” (WALSH in: CANDAU 2009, p.23)

Com uma olhada minuciosa na escola podemos notar como esses personagens animados se apoderaram do ambiente educacional tanto fomentados pela própria instituição como pelos estudantes, pode-se perceber desde pinturas da Frozen nas paredes, fantasias da Jasmine, cadernos da Moana, lancheiras da Bela ou mochilas da Ariel, além de estarem em materiais didáticos, livros, peças teatrais, ou seja, os contos de fadas estão presentes e participando direta e indiretamente da formação e desenvolvimento das crianças e vinculadas ao espaço educacional.

Correspondente a isso temos a exibição desses filmes pelos professores aos estudantes. A escola também deve ser compreendida, não só como um espaço para aquisição formal de conteúdos, mas também como esse espaço de difusão literária e cultural, por isso queremos problematizar esses contos e sensibilizar professores para terem consciência dos impactos ideológicos que essas animações trazem para eles e para as crianças. A partir do que foi exposto, a pergunta que norteará essa pesquisa é: como professores da educação básica mediam aspectos ideológicos existentes em contos de fadas adaptados para o cinema que se inserem no contexto escolar?

Fazendo esse trabalho, não queremos de maneira nenhuma didatizar os filmes tornando eles chatos e pouco empolgantes, não queremos que os professores parem de assistir filmes por prazer ou que garantam isso a seus alunos, queremos sim oferecer mecanismos e possibilidades para, valorizando os contos como objeto de conhecimento e de investigação, podermos estabelecer diálogos e pontes que fortificarão e sensibilizarão os docentes e faremos isso adentrando na escola mediante os contos de fadas.

Dessa forma, essa pesquisa tem como objetivo geral:

Analisar os aspectos ideológicos presentes em contos de fadas adaptados ao cinema, problematizando suas contradições de maneira dialética durante a formação docente continuada.

E como objetivos específicos:

Compreender o conceito de ideologia identificando seus impactos e sua relação com a Literatura Infantil e o Cinema;

Refletir sobre a presença e influência dos contos de fadas inseridos nas escolas e como estão sendo apreendidos e reproduzidos por professores na educação básica;

Discutir o Cinema como ferramenta pedagógica relacionando sua experiência estética e ética com o exercício do magistério.

1.1 METODOLOGIA

Esta pesquisa se configura como uma pesquisa-ação, definindo-se como um tipo de pesquisa social estando associada com a resolução de problemas coletivos, sendo pesquisador e participante envolvidos de maneira cooperativa na pesquisa. (GIL, 2008). Logo, ela teve caráter exploratório, tendo como principal finalidade, segundo Gil (2008. p.46), “[...] desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores.”

Iniciamos por um levantamento bibliográfico das principais obras e autores que discutem as temáticas ideologia, Cinema e Literatura Infantil, todos os conceitos e suas reverberações no campo da educação são complexos e requerem um estudo rigoroso na tentativa de se apropriar das suas especificidades.

De maneira concomitante, precisamos assistir ao filme A Pequena Sereia, fazendo uma reflexão minuciosa e crítica buscando os aspectos ideológicos que estão na adaptação cinematográfica. Usamos reproduções fílmicas para as análises, pois acreditamos que as informações dessas histórias estão mais presentes na vivência das crianças, tendo em vista o fascínio que a imagem em movimento traz.

Enquanto num texto há apenas a presença da linguagem verbal para estruturar sua narrativa, no cinema temos a presença não só da linguagem verbal (que pode estar presente na forma de texto como em letreiros, por exemplo, ou na forma de diálogos), como também temos a linguagem visual, sonora e musical. (NOVO *apud* SILVEIRA, 2014, p. 01).

Na referida análise, discorreremos como a literatura infantil cinematográfica não deve ser vista somente como algo que seja maravilhoso e perfeito, mas sim como um espaço de relação conflituosa, onde se encontram interesses distintos entre os que produzem e os que apreendem

essas histórias e que, imbricado nesses contos, existe uma organização de ideias que tendem a reproduzir dominância ou lutar contra ela.

Os filmes por sua característica audiovisual conseguem a partir das imagens e das músicas massificar ideologias que o livro apenas a partir da leitura não consegue, assim, analisamos de maneira crítica vários elementos dessas produções, tais como: roteiro, qual foi o tipo de adaptação usada e como ela se distancia ou se aproxima da obra original, músicas, trilha sonora, posturas e estéticas de personagens, além de elementos cinematográficos que são próprios das animações.

Fizemos uso do materialismo histórico como enfoque metodológico e que deve ser compreendido como “[...] a ciência filosófica do marxismo que estuda as leis sociológicas que caracterizam a vida da sociedade, de sua evolução histórica e da prática social dos homens, no desenvolvimento da humanidade”. (TRIVIÑOS, 1987, p. 51)

Assim, apresentamos a maneira como esses contos de fadas reproduzem ideologias e estereótipos de beleza, família e riqueza, os transformando muitas vezes em práticas sociais de vida, ou seja, ocultos, essas animações frequentemente disseminam ideologias que buscam a manutenção do *Status Quo* Social ou a problematização e/ou rompimento do mesmo.

Essa pesquisa dialoga com a formação de professores, tanto a inicial como continuada, e busca estabelecer uma construção coletiva do conhecimento, garantindo que pesquisador e participantes conversem a respeito da ação docente e busquem alternativas para uma prática mais efetiva, humana e igualitária.

Como instrumento de coleta de dados utilizamos de maneira objetiva o questionário, pois necessitamos de materiais concretos para efetivação da pesquisa, e análise dos dados coletados. Aplicamos esse questionário com professores do ensino fundamental I, assim como coordenadores e diretores do município de Barbalha-CE¹¹. Esses professores participaram da pesquisa em duas etapas, uma no início para termos dimensão dos conhecimentos prévios dos professores e outro ao final do processo para sabermos quais conhecimentos e aprendizagens foram consolidados. A escolha pelo questionário se dá por ser um relevante meio de se obter informações sobre determinados assuntos, viabilizando subjetivar e objetivar dados a partir dos conhecimentos dos pesquisados.

¹¹ Barbalha é um município do sul do estado do Ceará que dispõe de 55.323 habitantes, com 44 escolas públicas, sendo 39 municipais e 5 estaduais, contemplando um total de 10.415 estudantes matriculados e com efetivo docente de 491 professores somando os três níveis de ensino.

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (GIL, 2008, p. 121).

Durante a pesquisa aplicamos dois questionários, um inicial e outro final, ambos tiveram perguntas discursivas e objetivas. O questionário inicial (Q1) teve como objetivo garantir acesso aos conhecimentos prévios e interpretações sobre ideologia na literatura infantil dos participantes. O questionário final (Q2) teve como objetivo avaliar o que foi aprendido ou não, durante as oficinas, tendo uma função de consolidação. Entre os dois questionários as professoras foram submetidas a uma formação que as ajudasse a se apropriar das discussões sobre ideologia, cinema e formação docente.

Para assegurar a lisura do processo, cada participante recebeu aleatoriamente e sem o conhecimento do pesquisador um nome fictício de personagem de literatura infantil antes do início da primeira oficina para que pudesse responder o questionário de maneira segura e sem que sua identidade fosse divulgada. Usamos esse procedimento, pois como submetemos os participantes a dois questionários, um inicial e um final, podemos analisar e comparar as suas respostas ao final do processo e que para assim, e para que não tivessem receio ou medo de represália por alguma determinada fala. Durante cada oficina fizemos nossas anotações em um diário de bordo para que contemplássemos os questionários com falas e/ou práticas dos professores.

Essa pesquisa foi dividida em quatro Tomadas. Tomada 1. Apropriação teórica e reflexão das animações; Tomada 2. Firmar acordo com a secretaria municipal de educação e Barbalha; Tomada 3. Aplicação das oficinas; e Tomada 4. Análise dos dados coletados. Como a primeira tomada já fora apresentada anteriormente, agora iremos expor os demais atos para ficar mais compreensiva nossa cronologia de ação:

TOMADA 2

Inicialmente nos dirigimos até a secretaria de educação do município de Barbalha, apresentamos a proposta de pesquisa para a Secretária de Educação e o Secretário Adjunto, que aceitaram de bom grado e se colocaram à disposição para ajudar no que fosse possível. Como

critério de inclusão, escolhemos as três escolas com o menor IDEB¹² no ano de 2019 do município. Sendo duas em zona rural e uma em zona urbana. Tendo a anuência da SME, fomos para as escolas, fazer o convite aos professores e conhecê-los um pouco. Visitamos as escolas em dois dias distintos, sendo um pela manhã e outro pela tarde, organizamos as visitas dessa forma em busca de estendermos nosso convite para os professores que trabalham em turnos diferentes, dito isso, seguem algumas informações sobre as escolas:

Escola zona Rural 1 – Nota do IDEB 4,8 – Tem turmas do infantil III ao 5º ano – Estão matriculados aproximadamente 160 estudantes – Escola que não tem condições exigidas, ou necessárias para o funcionamento, salas com quadros brancos em cima das cadeiras e não fixados nas paredes. Sem datashow, apenas uma TV de tubo e um aparelho de DVD para realização das atividades cinematográficas. O corredor entre as salas é tão estreito que não passam dois adultos juntos. Determinadas salas não têm janelas, apenas cobogós, tornando-as extremamente quentes e pouco ventiladas. Algumas semanas anteriores à visita, a tampa da foça caiu e o espaço estava interditado com tapumes. Não tem quadra. O espaço da escola em si é pequeno.

Escola zona Rural 2 – Nota do IDEB 5,2 – Tem turmas do 1º ao 9º ano e funciona com EJA à noite – Estão matriculados aproximadamente 270 estudantes – A escola passou por uma pequena reforma recentemente, a fim de melhorar um pouco as suas condições. Antigamente o prédio da escola era um posto de saúde. O que chama a atenção é o fato das salas de aulas serem bastante próximas umas das outras. Aproximadamente 1 metro separa a porta de uma sala da que fica em sua frente. Além do mais, quando você adentra a escola, parece estar entrando em um labirinto, tal a organização da mesma. Todas as salas têm janelas e a escola também não dispõe de quadra. O espaço da escola em si é demasiadamente pequeno e claustrofóbico em certa medida.

Escola zona Urbana 1 – Nota do IDEB 5,2 – Tem turmas do infantil III ao 9º ano – Estão matriculados aproximadamente 390 estudantes – A escola passou por uma grande reforma durante o período de isolamento pandêmico e está em perfeito estado, no que tange a sua estrutura. Algumas salas já estão climatizadas (ar-condicionado), tem uma quadra coberta, com vestiários e arquibancada. O espaço é amplo e aconchegante.

Feitos os convites aos professores decidimos que nossos encontros seriam nas terças e quintas durante o mês de junho de 2022. As formações ocorreram de maneira concomitante

¹² Índice de Desenvolvimento da Educação Básica -IDEB. Se constituiu como um indicador do nível da qualidade escolar. Onde soma-se fluxo escolar e média de desempenho nas avaliações externas (Saaeb). A título de informação, em 2019 a nota do IDEB do município foi de 5,5.

com as aulas e não foram um empecilho, pois as realizamos no turno da noite, iniciando as 18:30 e encerrando as 21:00 e para solucionar o problema da distância, as oficinas foram ministradas via *Google Meet*. Durante esse processo criamos um grupo no WhatsApp para facilitar comunicação e divulgação dos materiais e estabelecer diálogos entre os participantes.

Ao final do processo fornecemos um certificado de 30 horas pela participação nas oficinas. O município ficou responsável por ceder os profissionais e em contrapartida recebeu essa formação que além de possibilitar a pesquisa de mestrado de um professor efetivo da sua rede pública municipal, contribuindo para o avanço da formação acadêmica *Stricto Sensu* do seu pessoal docente também capacitou e sensibilizou seus professores para um posicionamento mais crítico e para a efetivação de uma melhor compreensão de ideologias, literatura infantil e cinema que impacta diretamente na prática pedagógica de seus professores.

TOMADA 3

Essa formação foi dividida em 6 oficinas. Sendo 3 síncronas e 3 assíncronas.

Oficina1. Assíncrona.

Enviamos via Google Forms o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) para que os participantes lessem e respondessem-no a fim de garantir a lisura da pesquisa. Após assinados os TCLEs, um voluntário encaminhou um nome fictício para cada uma das professoras, vale lembrar que os pesquisadores não tiveram acesso a correspondência nomes fictícios x nome real do participante, buscando assim, garantir o anonimato da fala e deixá-los mais à vontade para se expressar da maneira como julga-se necessário. Com o nome fictício em posse enviamos aos professores o Q1 e solicitamos sua resolução para que pudessemos ter elementos objetivos para garantir a contemplação do conhecimento prévio dos participantes acerca da temática.

Oficinas 02 e 03. Síncronas

Feita a análise das respostas do Q1, e conseguindo identificar os conhecimentos prévios das professoras, notamos uma dificuldade dos professores no que tange a compreensão das ideologias nos contos de fadas, sobretudo aqueles relacionados a estereotipação dos personagens e também sobre o uso do cinema como ferramenta pedagógica, dessa forma, organizamos duas oficinas expositivas e dialogadas sobre ideologias e literatura infantil. Antes de iniciarmos as oficinas síncronas, apresentamos novamente a pesquisa, o pesquisador e o TCLE e como eles poderiam desistir da pesquisa a qualquer momento, sem justificativa alguma. Realizamos um trabalho expositivo e dialogado apresentando de forma geral os princípios da

ideologia, contos de fadas e seus impactos na literatura infantil e no fazer pedagógico diário. Foram apresentadas algumas características ideológicas presentes nos contos de fadas, tais como a presença e o lugar da feminilidade, a presença e o lugar de personagens negros, quem são os personagens tratados como belos, como é feita a mobilidade social dos personagens, quem são as pessoas ricas, como as dimensões de gênero e sexualidade são apresentadas nessas animações. Buscando em certa medida casos de convergências de opressões ou de situações opressoras, utilizamos também em alguns momentos como ferramenta analítica a interseccionalidade, pois muitas dessas situações se acumulam dentro das discussões, como personagens negras e pobres. E esse posicionamento se faz necessário pois,

Quando ativistas dos direitos civis falam sobre raça, aprendem que precisam pensar também em classe. Quando as feministas antirracistas tratam dos problemas relativos ao racismo de gênero, também devem incluir classe. Portanto [...] ao formular a desigualdade de classe, devemos ter em vista também raça e gênero. O capital é interseccional. Ele sempre intersecciona os corpos que produzem o trabalho. (EISENSTEIN, *apud* COLLINS 2020, p. 35).

Oficina 04. Assíncrona.

Após terem acesso às discussões iniciais, os professores assistiram ao filme *A Pequena Sereia*¹³, anotaram suas considerações e proposições para ser discutido no encontro posterior síncrono.

O filme foi disponibilizado via google drive, cabendo ao professor apenas clicar no link que já seria direcionado para o filme.

Oficina 05. Síncrona.

Tendo os participantes assistido ao filme “*A Pequena Sereia*”, foram divididos em 2 grupos, o grupo *Sebastião*¹⁴ e o grupo *Linguado*¹⁵, nesses grupos eles deveriam discutir possíveis conteúdos ideológicos presentes na animação, tal como situações que lhes atravessaram de alguma maneira. Ao final, fizemos uma apresentação para a turma numa discussão coletiva.

¹³ Inicialmente, tínhamos interesse de apresentar também o filme *Mulan* e fazer a comparação entre os dois filmes, mas não conseguimos encontrar uma forma dos participantes assisti-lo. O google drive sempre nos acusava de ferirmos as leis de direitos autorais.

¹⁴ Nome do caranguejo amigo de Ariel em *A Pequena Sereia*.

¹⁵ Nome do Peixe amigo de Ariel em *A Pequena Sereia*.

Durante a discussão coletiva, aqui e acolá fomos intervindo e os provocando para pensar tanto as situações que acontecem em “A pequena Sereia”, como no diálogo com outros filmes. Como, por exemplo: o beijo do príncipe desconhecido para despertar Branca de Neve. Fazendo com que reflitam e discutam sobre essas ações e como eles enquanto professores as estão apreendendo e como podem possibilitar e/ou facilitar para seus estudantes esse tipo de compreensão.

Oficina 06. Síncrona.

No último encontro, fizemos uma avaliação das oficinas de forma dialogada e solicitamos que os participantes preenchessem o segundo questionário (Q2), onde nos concentramos em analisar o que foi aprendido e a relevância das oficinas.

TOMADA 4:

Aqui, foi o período destinado a organizar e sistematizar o que foi respondido, buscando compreender quais eram as situações iniciais de compreensão desses professores quanto à temática discutida e como eles concluíram essa passagem da formação. Somado a isso, tivemos também as anotações dos diários de bordo que enriqueceram esse trabalho na perspectiva de apresentar diálogos realizados durante as formações.

É importante salientar que essa análise individual de cada professor nos apresenta uma dimensão de como esses contos nos atravessam de maneira dramaticamente pessoal e específica, um filme, mesmo que uma animação tem a capacidade de tocar de maneira bastante íntima e representativa a adultos e crianças. Permitam-me a recordação de que certa vez em sala de aula, exibi o filme “O Homem-Aranha no aranha verso”. Uma releitura do homem-aranha que traz como seu personagem principal um herói negro, filho de um policial negro e de uma enfermeira mexicana (excelente filme diga-se de passagem) após o término do filme e enquanto discutíamos sobre ele, perguntei a turma qual o nome desse Homem-Aranha adolescente que era o personagem principal, a turma não soube responder, pois sempre associaram a figura desse personagem ao Peter Parker, mas houve exceção, um aluno negro, que disse: o nome dele é Miles (*M-A-I-O-U-S*) e eu sou ele! Eu sou ele!¹⁶

Dessa maneira, após todas essas vivências, conseguimos escrever e fundamentar nosso trabalho a partir dessas experiências e assegurando esse tipo de literatura infantil que são as animações como importante ferramenta pedagógica.

¹⁶Impossível não me arrepiar e me emocionar escrevendo essa parte. E disso eu não vou esquecer!

Após a descrição da metodologia, iremos apresentar a estrutura do texto que será dividido em 6 capítulos que irão se complementando durante os escritos

O capítulo dois será pautado nas compreensões e discussões aprofundadas de maneira teórica e bibliográfica dos assuntos: ideologia, cinema e literatura infantil. Aqui faremos um movimento buscando compreender aspectos históricos e gerais da Ideologia, como eles se inserem na Literatura Infantil, mais precisamente nos filmes de animação e posteriormente são transportados e apropriados pelas escolas de uma maneira geralmente passiva e acrítica. Usaremos como autores para fundamentar nossas discussões Gramsci (2011), Abramovich (1997) e Bettelheim (2018).

No terceiro capítulo, discutiremos Cinema e Literatura Infantil, abordando os aspectos do Cinema e da Literatura na escola e sua importância para a formação do cidadão e da promoção cultural da nossa sociedade, além da sua relevância como ferramenta pedagógica.

Nos quarto, quinto e sexto capítulos analisaremos a relevância das formações para a apreensão ou reprodução do conteúdo ideológico presentes nessas animações. Usamos para tal ação a análise dos questionários aplicados durante as atividades e de reflexões acerca das falas e práticas dos participantes, pois também usamos os contos de fadas como fio condutor para discutir temas sensíveis a nossa sociedade e capacitar e alertar os professores quanto aos processos ideológicos presentes nessas histórias.

II. PARA ENTENDER INICIALMENTE O TERMO IDEOLOGIA

Iniciaremos nossas discussões de uma maneira diferente de outros escritos que traçam a história de forma linear, mais precisamente do passado para o presente. Inverteremos um pouco essa ordem, iniciando do atual, do que estamos vivendo, pois assim acreditamos ser possível dar um melhor contexto a nosso discurso, afinal nunca é demais salientar que os escritos partem de um local e de um período histórico, ou seja, não são produzidos de forma atemporal e desfragmentado da realidade. Deste modo, partiremos do nosso Brasil, tentando apresentar de forma macro as nuances e proposições a níveis federal e estadual e como suas implicações e discussões interferiram/interferem na realidade educacional e na prática pedagógica.

É impossível falar de algo tão específico como a ideologia sem comentar/explicar os condicionantes sociais que levam a disseminação ou não de uma ideologia, dessa forma tentaremos fazer um movimento dos discursos ideológicos (sobretudo políticos) do geral para o particular.

O termo ideologia tem novamente emergido e ganhado força no cenário nacional. Nos últimos anos temos visto sua presença em redes sociais, debates políticos, novelas, filmes e conversas informais. O termo tem estado presente em vários discursos e discussões e hoje o vemos com uma frequência maior do que estávamos acostumados a vê-lo anteriormente. Não que o tema tenha desaparecido por completo do debate brasileiro, mas estava meio que “adormecido” durante o fim dos anos 1990 e primeira década dos anos 2000.

Atualmente (início da segunda década do século XXI) vivemos em um Brasil onde o extremismo político encontrou o “berço esplêndido” para se disseminar, propagar ideias, ideais e práticas de ódio entre cidadãos tupiniquins, desaguando em uma queda de braço entre um esquerdo e outro direito. Desde repartições públicas, praças e até mesmo famílias têm rompido relações com seus pares por conta de divergências políticas. Dentro dessa guerra de narrativas que vivemos, são colocados dois polos extremos, uma esquerda que se diz progressista e uma direita que se diz tradicionalista¹⁷.

Com a ascensão da direita ao poder no Brasil a partir das eleições presidenciais de 2018 na figura de Jair Bolsonaro, o termo ideologia volta a ganhar força a se efetivar mediante o discurso do presidente, que passou a se referir à ideologia como o discurso e práticas de

¹⁷ Isso mesmo, os conflitos a partir desse tema que geraram guerras, embargos econômicos, climas de tensão e regimes ditatoriais no sec. XX ressurgem com muita força no Brasil atualmente. Trazendo a luz um trecho da canção do músico Humberto Gessinger: “A história se repete, mas a força deixa a história mal contada”.

governantes de esquerda anteriores a ele que “contaminaram” o Brasil com uma certa ideologia de esquerda, pró-aborto e contra a família tradicional.

Muitos desses discursos e práticas ideológicas de Bolsonaro e daqueles que pertencem à direita Nacional reverberaram na Educação básica e superior (tentaremos focar no aspecto educação para não nos estendermos tanto), sendo até usados como palanque para defender uma educação neutra e cristã. É possível vermos políticos usando pautas educacionais como escada para disseminar e/ou massificar ideologias, inclusive, muitas vezes, fazendo uso oportunista do espaço democrático e plural da escola para promover ideias antidemocráticas e individuais. Podemos citar aqui: kit gay, escola sem partido e ideologia de gênero¹⁸ dentre tantas outras que serão esplanadas mais adiante.

Além disso, a minoria dominante dispõe de meios de difundir sua própria concepção de mundo (ideias, valores, práticas sobre a vida, o trabalho, as relações humanas e etc.) para justificar seu modo, o sistema de reações sociais que caracteriza a sociedade capitalista. Tais ideias, valores e práticas, apresentados pela minoria dominante como representativos dos interesses de todas as classes sociais, são o que se costuma denominar de ideologia. O sistema educativo, incluindo as escolas, igrejas, as agências de formação profissional, os meios de comunicação de massa, é um meio privilegiado para o repasse da ideologia dominante. (LIBÂNEO, 1994. p.20)

Essa breve introdução faz-se necessária para podermos compreender em que situação o Brasil está inserido e como a escola não está alheia a impactos de discursos ideológicos diretos e indiretos a ela. Além do mais, apresentar mesmo que minimamente como o termo ideologia voltou a ganhar força e ser utilizado num curto espaço de tempo é pertinente para percebermos o contexto geral da educação brasileira.

Para facilitar sua compreensão, e melhor sistematizar nosso discurso, antes de apresentarmos os aspectos e impactos históricos da ideologia, expomos algumas facetas que irão balizar nosso entendimento do que é ideologia, na tentativa de “preparar o terreno” para que você leitor consiga interpretar qual curso estamos seguindo na nossa proposta. Essas facetas são apenas indicativos para facilitar nossa compreensão, e não leis absolutas que buscam normatizar o que é ou não ideologia. Tente enxergá-las como dicas ao invés de regras.

2.1 NÃO EXISTE DEFINIÇÃO ÚNICA DE IDEOLOGIA.

¹⁸ Nem todas essas foram criadas por Bolsonaro, mas foram reforçadas em algum momento pelo presidente

O termo ideologia foi bastante citado ao longo dos anos, e essas citações deram um caráter plural e diverso a ele. É importante lembrar que a definição de ideologia está atrelada a um dado local, momento histórico e interesse, além do mais, essas definições são atualizadas, ressignificadas e redimensionadas. Vejamos exemplo dessa ressignificação:

Marx e Engels viam a Ideologia como uma falsa consciência ou uma consciência deformada do trabalhador pela Burguesia, uma forma de camuflar, maquiar as relações de dominação e opressão da classe burguesa a proletária. (LOWY,1996). Lenin defendia a existência de duas ideologias, uma Burguesa e outra Proletária que estão em luta constante. Compreendia também a relevância da criação de uma ideologia socialista que objetivaria combater essa ideologia burguesa e a partir dela criar intelectuais socialistas. Já Lukács (teórico marxista) posteriormente afirma que essa ideologia dominante não é exatamente um discurso infiel ao modo que as coisas são, mas um infiel restrito e superficial que não tem raízes tão profundas como se pensa. Enquanto Marx afirmava que a ideologia seria uma ideia falsa de uma situação verdadeira, em Lukács ela é uma ideia verdadeira de uma situação falsa. (EAGLETON in: ZIZEK in: LOWY 1996).

Logo, o termo ideologia está em um constante *devir* e por isso ninguém ainda propôs uma definição única e universal para ideologia, e nem esse é nosso objetivo aqui. Delimitar o termo ideologia a apenas uma definição seria um erro, pois poderíamos praticar um certo reducionismo, que a nosso ver não é interessante.

A palavra “ideologia” é, por assim dizer, *um texto*, tecido com uma trama inteira de diferentes fios conceituais; é traçado por divergentes histórias, e mais importante, provavelmente, do que forçar essa linhagem a reunir-se em alguma Grande teoria Global é determinar o que há de valioso em cada uma delas e o que pode ser descartado. (EAGLETON,1997, p.15)

Assim, iremos discutir o tema sob a ótica de alguns autores como Adorno, Althusser e Lukács, e que as críticas que fizermos a outros escritores não têm o intuito de desprestigiá-los, pois entendemos sua contribuição para a construção e discussão da ideologia como objeto de pesquisa.

2.2 NEM TODA OPINIÃO, FALA OU PRÁTICA É IDEOLÓGICA

É imperativo explicitar antes das nossas futuras observações que tenhamos cuidado para não cairmos no erro de acreditar que toda ideia ou discurso é por si só ideologia ou ideológico.

Acreditar que tudo é ideologia é um caminho que inviabiliza sua discussão, afinal, se tudo é ideologia, então nada também é ideologia. Vejamos um exemplo para ficar mais explícito: uma pessoa pode não comprar notebooks brancos, pois eles sujam mais rápido e assim ela teria mais trabalho em mantê-los. Enquanto outro pode não comprar notebooks brancos, pois eles são fabricados na China e como ela é “comunista” não deve ser financiada. Vejamos que temos dois casos, que podem ser interpretados como “opiniões”, mas uma é ideológica, enquanto a outra não.

Apresentaremos a ideologia numa perspectiva de “discurso” e não de “linguagem”, pois não podemos, como dito acima, analisar uma fala como ideológica ou não, sem levar em consideração o contexto discursivo. A ideologia está mais relacionada a quem está falando e com que finalidade está falando, do que propriamente com a análise de palavras ou frases isoladas. Destarte, é possível dizer sobre ideologia que: “o mesmo fragmento de linguagem pode ser ideológico em um contexto e não em outro; a ideologia é uma função da relação de uma elocução com seu contexto social.” (EAGLETON, 1997, p.22)

2.3 IDEOLOGIA É O QUE OUTRO FAZ, NÃO EU!

Esse ponto é delicado para se tratar, mas também é necessário. Inúmeras são as vezes que pessoas acusam outras pessoas de terem em seus discursos ou práticas conteúdos ideológicos ou ideologizantes. Em alguns casos as pessoas que acusam não conseguem enxergar seu discurso como ideológico. A ideologia é como um defeito, uma coisa que a outra pessoa tem, mas “eu não tenho!”

Para explicitarmos melhor essa faceta, voltaremos para nossa situação política. Usaremos um fragmento do discurso do atual presidente da república Jair Bolsonaro na Assembleia Geral da ONU realizada em 2019:

[...] Durante as últimas décadas, nos deixamos seduzir, sem perceber, por **sistemas ideológicos** de pensamento que não buscavam a verdade, mas o poder absoluto. **A ideologia** se instalou no terreno da cultura, da educação e da mídia, dominando meios de comunicação, universidades e escolas. **A ideologia** invadiu nossos lares para investir contra a célula *mater* de qualquer sociedade saudável, a família.

Tentam ainda destruir a inocência de nossas crianças, pervertendo até mesmo sua identidade mais básica e elementar, a biológica. [...] **A ideologia** invadiu a própria alma humana para dela expulsar Deus e a dignidade com que Ele nos revestiu. E, com esses métodos, essa **ideologia** sempre deixou um rastro de morte, ignorância e miséria por onde passou. Sou prova viva disso. Fui covardemente esfaqueado por um militante de esquerda e só sobrevivi por um

milagre de Deus. Mais uma vez agradeço a Deus pela minha vida. (BETIM e MARREIRO2019. s/p) (grifo nosso)

Não iremos nos deter aqui a fazer uma análise minuciosa, tampouco um juízo de valor do discurso do presidente, não porque não seja necessário, mas é que precisamos destacar nossos esforços na análise do termo ideologia (os impactos advindos dela na educação serão esmiuçados *a posteriori*). Pois bem, o atual presidente é um dos responsáveis por trazer à tona novamente o termo ideologia para o debate popular nacional, isso, desde quando ainda era deputado federal. Nessa fala carregada de conteúdo ideológico, faz-se uso dessa característica da ideologia: não reconhecer/assumir seu discurso como ideológico. Ideológico para ele é o que os outros fazem. Ele atribui à ideologia, muitos dos problemas nacionais, desde aparelhamento de universidades e imprensa; destruição da inocência de crianças, da alma humana e de que por conta da ideologia sofreu um atentado contra a sua vida. Com isso, não estamos aqui dizendo que aquilo que o presidente acusa de ideológico não seja ideológico (embora poderíamos), mas queremos apresentar essa prática de acusação ao outro como possuidor de conteúdo ideológico.

Um estadista atribuir os problemas nacionais às ideologias ou aos ideólogos não é uma característica inventada por Bolsonaro. Napoleão Bonaparte após derrota para os russos em 1812 declarou que:

Nós devemos colocar a culpa dos males que a nossa França sofreu na ideologia, a metafísica obscura, sutilmente, pelas ultimas causas, onde se deve colocar a legislação dos povos, em vez de fazer uso das leis conhecidas do coração humano, e das lições da história. Estes erros, inevitavelmente, devem levar, e de fato levaram, a um governo de homens sanguinários... Quando alguém é chamado a revitalizar um Estado, ele deve seguir exatamente os princípios opostos. (NAPOLEON. "Responsé a Padresse du Conseild'Etat, citado em Kennedy, A "Philosophe" in the Age of Revolution, p.215, APUD THOMPSON, 1995.)

É comum vermos essa tendência de sempre acusar o outro de praticar ideologia e não reconhecermos esse discurso ideológico na nossa fala, afinal, a ideologia não vem dizendo: Ei! Eu sou ideológico!

Após apresentadas essas facetas que têm como objetivo facilitar sua interpretação e apreensão de qual rumo tomaremos nessa escrita, faremos agora uma retrospectiva histórica desse termo para que possamos estabelecer diálogos importantes para a maturação do termo, além de perceber como a ideologia foi utilizada e por quem foi utilizada nos últimos anos.

2.4 IDEOLOGIA E SUA TRAJETÓRIA HISTÓRICA

Como vimos anteriormente várias são as interpretações e ressignificações que são dadas à ideologia que historicamente assumiu várias formas, modelos e afirmações, também demos uma indicação de qual perspectivas iremos seguir e de quais concepções sobre o termo iremos nos apropriar. Porém, escolhendo algumas perspectivas, não queremos desmerecer as demais, mas estabelecer diálogos e fomentar a reflexão. Dessa maneira, antes de fazermos um breve apanhado histórico de como alguns autores interpretam o termo, é preciso deixar evidenciar que muitas dessas posições foram ditas em momentos históricos diferentes e em lugares e situações diferentes, possibilitando alguns estudos a avançarem no entendimento do termo ou usá-lo para compreender ou interpretar a situação de quem estava vivendo.

Começaremos apresentando o criador do termo ideologia Desttut De Tracy, um filósofo francês, nascido em 1754 e falecido em 1836. De Tracy nasceu aristocrata, porém desertou da sua classe para lutar ao lado da burguesia revolucionária francesa como soldado. Preso, esboçou o conceito de ideologia na prisão. De Tracy afirmava que “não podemos conhecer as coisas em si mesmas, mas apenas as ideias formadas pelas sensações que temos delas” (THOMPSON, 1995, p.45). De Tracy se mostrava um ideólogo de base empirista, tratando as ideias como fenômenos naturais, contribuindo para o conhecimento da verdadeira natureza humana.

Algumas páginas atrás comentamos que Napoleão Bonaparte acusara alguns ideólogos dos males acometidos a nação. Dentre esses ideólogos estava De Tracy. Napoleão perseguiu esses ideólogos, os culpou de derrotas em combates e que eles destruíam as ilusões que seriam fundamentais para a felicidade dos povos. (EAGLETON. 1997). Roland Barthes (in: EGLEATON 1997, p.69) diz que Napoleão denunciava os “ideólogos por que eles são os adversários juramentados da ideologia, empenhados em desmistificar as ilusões sentimentais e a religiosidade divagante com a qual ele esperava legitimar no seu governo ditatorial. “Dessa forma, o nascimento da ideologia já nos mostrava algo para além da ciência das ideias, mas de como estaria intimamente ligada a aspectos políticos.

Seguindo na nossa apresentação histórica, o principal expoente no que diz respeito a análise sobre ideologia foi Marx. A partir do seu materialismo histórico-dialético e uma compreensão macro do capitalismo, conseguiu elaborar uma crítica ao sistema capitalista, entendendo as lutas de classes e a fragmentação do trabalho como formadoras de ideias e construção de consciência, que para Marx era socialmente construída e determinada.

A ideologia em Marx teria de fato esse enfoque unilateral, pertencendo apenas à burguesia, com o intuito de dominar a classe proletária e de mascarar as relações de poder imbricadas no trabalho.

Marx faz uma crítica elaborada e fundamentada à concepção de ideologia de Hegel. Para Marx a ideologia hegeliana valorizava em demasia o papel das ideias na história e na vida social, de forma que opõe ideias a ideias, lutando sentenças contra sentenças e, como resultado, deixam o mundo real sem modificação (THOMPSON, 1995). Marx defendia que dialeticamente as organizações sociais são as que primeiro formam as ideias e não o contrário (MARX, 1998). Nessa nova ideologia proposta por ele, ao contrário da alemã que desce do céu para terra, aqui parte-se da terra para o céu, iniciando das ações dos homens, das suas atividades reais, e não do que os homens pensam ou imaginam. Marx assim constrói uma perspectiva de ideologia Materialista, diferente da idealista de Hegel.

O que se pode dizer sem controvérsia é que Marx assume que as condições econômicas de produção tem um papel primário na determinação do processo de mudança sócio histórico e que, por isso, elas devem ser vistas (**ideologias**) como o meio importante para explicar as transformações sócio históricas particulares. (THOMPSON, 1995, p.51) (Grifo nosso)

Nessa perspectiva marxista a ideologia é forjada dentro das práticas sociais capitalistas, fazendo com que o trabalhador se aliena do seu trabalho e se distancie do objeto produzido, se tornando estranho ao produto (EGLEATON, 1997). Logo, com o trabalho deixando de ser reconhecido como resultado de projetos humanos, passa a ser percebido como coisas materiais, criando assim uma falsa consciência da realidade e deformando nosso conhecimento sobre as coisas reais. Logo, ideologia para Marx pode ser entendida como:

É um instrumento de dominação de classe porque a classe dominante faz com que suas ideias passem a ser ideias de todos. Para isso eliminam-se as contradições entre força de produção, relações sociais e consciência, resultantes da divisão social do trabalho material e intelectual. Necessária à dominação de classe, a ideologia é ilusão, i. é, abstração e inversão da realidade e por isso permanece sempre no plano imediato do aparecer social [...]. O aparecer social é o modo de ser do social de ponta cabeça. A aparência social não é algo falso e errado, mas é o modo como o processo social aparece para a consciência direta dos homens. Isto significa que uma ideologia sempre possui uma base real, só que essa base está de ponta-cabeça, é a aparência social. (CHAUÍ *apud* BRANDÃO, 1986, p.105).

Marx chama a atenção para o combate dessas ideias falsas, para ele, essas ideias não deveriam ser combatidas com o seu oposto, ou seja, ideias verdadeiras, afinal, essas ilusões sociais são pautadas por contradições dramaticamente reais e materiais, pois ficaríamos num campo subjetivo de ideias contra ideias. Marx defendia que essas ideias irrealis só poderiam ser superadas a partir de uma revolução materialista.

Dando um salto temporal, iremos apresentar e discutir alguns pontos do filósofo do Sec.

XX de origem francesa, mas nascido na Argélia, Louis Althusser. A França do final dos anos 60 e início dos anos 70 estava em ebulição. Mais precisamente em maio de 1968, tivemos estudantes tomando as ruas francesas reivindicando direitos civis, liberação sexual e fim de uma postura conservadora pelas escolas. Nessa conjuntura Althusser, Bourdieu, Passeron e Establet inauguram um movimento que criticava a reprodução de aspectos ideológicos e dominantes nas escolas francesas. Movimento esse entendido como Crítico-Reprodutivista, fornecendo pressupostos para uma importante análise dos fenômenos educacionais a partir de uma sociedade estruturada no capitalismo. Cabe pontuar que os críticos reprodutivistas não apresentaram alternativas ao processo educacional, e isso não pode ser considerado um limite, uma vez que jamais tiveram essa pretensão – eles produziram uma teoria *sobre* educação. (SAVIANI. 2008)

Para Althusser a ideologia representa a forma como alguém vivencia a sua relação com a sociedade. Para ele a ideologia está associada com a relação afetiva e inconsciente com os quais mediamos nossa realidade social. A ideologia expressa uma vontade, uma esperança, mais do que descreve uma realidade. (EGLEATON, 1997).

Dentro do conceito de ideologia, Althusser dá uma dimensão mais política ao termo e menos epistemológico, conseguindo compreender o estado como principal propagador de ideologias dominantes, conseguindo disseminar suas ideologias a partir de dois mecanismos de reprodução: os Aparelhos Ideológicos do Estados-AIEs e os Aparelhos Repressivos do Estado-AREs.

Os Aparelhos Repressivos do Estado – AREs são aqueles que funcionam pela violência como a polícia, que têm como objetivo reprimir a população a partir da sua força bruta. E os Aparelhos Ideológicos do Estado – AIEs funcionam a partir da inculcação de ideologias, preservando a hegemonia burguesa como as escolas, igrejas, sindicatos, imprensa, literatura e etc.

Os AIEs garantem que escolas e igrejas, por exemplo, ratifiquem punições, adequações e seleções para disciplinar os pastores e os rebanhos, assegurando a reprodução (consciente ou inconsciente) das relações de produção e exploração. Nessa dinâmica, tanto professores como estudantes reproduzem esses interesses de classe. Um trabalho pedagógico que provoque os estudantes a sempre respeitarem as leis sem questioná-las, inicialmente pode parecer um projeto significativo, mas seria essa a postura que gostaríamos que nossos estudantes tivessem? Aceitar, “baixar a cabeça” e não questionar. Não estaria essa proposta contribuindo para estudantes acrílicos? E assim atendendo aos interesses do capital? Pensemos...

É preciso refletir sobre esses e outros aspectos, para compreender como a ideologia da

classe burguesa se transforma em ideologia dominante. Seria num passe de mágica? Não! Ela está sendo construída historicamente, por vezes, “embaixo do nariz” de professores, tanto tradicionais, como progressistas, mas essas ideologias estão tão impregnada em nós¹⁹, que a tendência é que a naturalizemos, ou não problematizando-a, pois a princípio: “que mal faz fotos apenas de famílias nucleares nos livros didáticos?” ou “por que não posso fazer piadas com o cabelo crespo dele?” ou ainda “é só uma brincadeira sobre o corpo dela”. Logo, tendemos a naturalizar e reproduzir (erroneamente) práticas opressoras que visam ferir camadas da população historicamente perseguidas e marginalizadas, contribuindo assim, para a manutenção do *status quo*. E fazemos isso de várias maneiras, desde a massificação do estudo da história europeia em detrimento de outros povos e civilizações à colonização intelectual e racial que recebemos; poderíamos citar também a precarização e sucateamento dos serviços públicos em gerais, fortalecendo o neoliberalismo a se apropriar de bens universais como saúde, educação e segurança, e posteriormente cobrar por esses serviços e dizer que a melhor alternativa é a privatização.

É necessário dizer que nem todos os AIEs são ideológicos o tempo todo, na sua estrutura ainda existem profissionais que estão presentes nesses espaços públicos que problematizam e enfrentam as ideologias dominantes. Essas lutas causam fissuras nas organizações de poder, que a longo prazo podem evoluir para rachaduras nessas estruturas orgânicas, vide a implementação de muitas políticas afirmativas como a lei 11.645/08²⁰.

Na primeira metade do século XX, o filósofo italiano Antonio Gramsci também deu uma excelente contribuição para o conhecimento do tema ideologia. Gramsci era filiado ao partido socialista italiano, numa época em que a Itália já fascista perseguia adversários políticos. Gramsci foi preso e permaneceu no confinamento de 1926 a 1934. Pouco antes de morrer, já que sua tuberculose estava bem avançada, recebeu liberdade condicional para que não morresse entre os muros da prisão e fosse compreendido como mártir. Durante sua prisão, se manteve ativo, escrevendo os cadernos e cartas do Cárcere que seriam publicados após sua morte.

Para Gramsci, grosso modo, o sistema de produção vigente busca a todo tempo uma hegemonia, mas para alcançar essa hegemonia enquanto poder precisa-se que a população acredite nas ideias dominantes, que são entendidas como ideologias, mas para essa disseminação das ideologias, a burguesia precisa de Intelectuais tradicionais para serem os porta-vozes desses pensamentos, porém a classe proletária também produz seus intelectuais, os

¹⁹ Aqui preciso me reconhecer também enquanto professor.

²⁰ A lei garante a obrigatoriedade do estudo no ensino fundamental e médio de instituições públicas e privadas: história e cultura afro-brasileira e indígena.

orgânicos que entram em conflito com os tradicionais, estabelecendo essa luta das ideias em busca da hegemonia, tudo isso num constante devir. Dito isso, dentre algumas categorias elaboradas por ele, destacaremos o de Hegemonia, ideologia e intelectuais tradicionais e orgânicos.

Começaremos pelo conceito de hegemonia, que o entenderemos sendo “a maneira como um poder governante conquista o consentimento dos subjugados a seu domínio” (EGLEATON. 1997. p.105). Importante compreendermos a hegemonia não como um tipo específico de ideologia, mas como uma camada da sociedade se torna dominante e exerce essa dominância aos subordinados. Porém, o exercício da hegemonia não é estático, precisa ser constantemente renovado, pois do contrário não conseguirá atender às demandas iniciais da sociedade, fazendo com que a classe dominante perca a hegemonia. Dessa maneira, para Gramsci, alcançar a hegemonia “é estabelecer a liderança moral política e intelectual, difundindo sua “visão de mundo” pelo tecido da sociedade como um todo, igualando, assim, o próprio interesse com o da sociedade em geral” (IBID, p.108)

O conceito de ideologia em Gramsci vem complementar o conceito de hegemonia. Ele rejeita o tom pejorativo e negativo que a ideologia vinha ganhando no início do século XX, pois acredita que as ideologias devem ser vistas como forças demasiadamente organizadas que moldam o terreno onde as pessoas adquirem consciência de suas posições sociais. “Em qualquer “bloco histórico” as forças materiais são o “conteúdo” e a ideologia a “forma”” (Ibid, p.109), dessa maneira Gramsci definiria ideologia como:

Ideologia refere-se especificamente à maneira como as lutas de poder são levadas a cabo no nível da significação, e, embora tal significação esteja envolvida em todos os processos hegemônicos, ela não é em todos os casos o nível dominante pela qual a regra é sustentada. (EGLEATON, 1997, p. 106)

Gramsci supera seus antecessores dando um caráter mais positivo ao termo. Para ele, Ideologia não significa somente mais um conjunto de falsas ideias ou ideias que são mascaradas pelo sistema econômico de produção; ela passa a ser vista como concepção de mundo que se manifesta na ação e é definidora e construidora do real (BRANDÃO. 2007. n.p), tendo uma existência material, assim, “as ideias não nascem de outras ideias, que as filosofias não nascem de outras filosofias, mas são as expressões sempre renovadas do desenvolvimento histórico real” (GRAMSCI, *apud* BRANDÃO. 2007. n.p).

Gramsci faz uma distinção entre ideologias, sendo uma historicamente orgânica e outra arbitrária, essa puramente imaginada pela consciência. A Ideologia orgânica é “aquela que corresponde à determinada estrutura social, constituindo a base da coesão social e da atividade

que os homens desenvolvem no interior da sociedade.” (SEVERINO. 1986. p. 42). Essas ideologias orgânicas funcionam como cimento social das ideias, elas “devem ser vistas como forças ativamente organizadas, moldando terrenos onde homens atuam, lutam e adquirem consciência de sua posição social.” (EGLEATON, 1997, p. 109) sendo primordiais para uma estrutura social.

Os intelectuais na visão gramsciana dão sustentação à massificação das ideologias, servindo de mediadores para a manutenção e/ou ruptura hegemônica junto à sociedade civil, sendo verdadeiros agentes hegemônicos ou contra hegemônicos, travando uma batalha cultural a partir de ideias e tendo igrejas, escolas e sindicatos como locais de ação.

Os intelectuais são formados, conforme os vínculos de grupos sociais que representam e que, de fato, são os mais importantes. Estes intelectuais “servem” aos grupos dominantes, por meio dos quais, ocorre assimilação da ideologia vigente. Desta forma, de acordo com o nível cultural de um grupo e de seu desenvolvimento, será o perfil do intelectual, não somente no aspecto quantitativo, mas também, e, especialmente, no caráter qualitativo. (REIS. 2018, p.13)

Na busca pela hegemonia, classe diligente e subalternizados estão em antagonismo buscando vencer a batalha de narrativas e a efetivação de ideologias, assim, os intelectuais cumprem papel bastante relevante quanto a organização da sua classe social, cabendo a um a manutenção da ideologia da classe dominante (intelectual tradicional) e ao outro a construção da consciência crítica dentro de seu bloco cultural subalterno (intelectual orgânico). Vejamos suas definições.

Os intelectuais orgânicos são produtos de uma classe social emergente e têm como função garantir a essa classe uma consciência que seja pertencente a ela mesma, sua função é estreitar os laços entre o pensamento político coletivo e os interesses da sua classe em específico. A função desses intelectuais orgânicos é: “Forjar os vínculos entre “teoria” e “ideologia”, criando uma passagem em ambas as direções entre a análise política e a experiência popular”. (EAGLETON, 1997, p.111)

Esses intelectuais lutam contra a tentativa de inculcar nas classes operárias a ideologia da conformidade social e o distanciamento de sua consciência de classe, desenvolvendo a construção da consciência crítica dentro de seu bloco cultural. Dessa forma, “cabe ao proletariado e ao intelectual orgânico estabelecer o intercâmbio de saberes, que, para Gramsci, trata-se do princípio educativo, capaz de criar uma nova concepção de mundo, libertadora e pronta para a revolução cultural” (REIS. 2018, p.03).

Já os intelectuais tradicionais estão a serviço das classes dominantes e têm basicamente

duas funções, a primeira sendo estabelecer consenso entre os subalternizados, de uma maneira que continuem a serviço da burguesia, e a segunda sendo garantir o disciplinamento dos grupos que não se submetem à essa coerção estatal. (GRAMSCI, 2011).

Educação, cultura e arte são os principais campos de atuação desses intelectuais (sejam eles tradicionais ou orgânicos), e abrangendo esses espaços, temos as instituições escolares (públicas ou privadas), espaços estratégicos para disseminação ou rompimento de ideologias e fortalecimento da hegemonia, sendo muitas vezes mediado por esses intelectuais. Dessa forma, apresentaremos como essas ideologias se apresentam e se efetivam na escola.

2.5 IDEOLOGIA NAS ESCOLAS

Como dito anteriormente, as instituições de ensino têm se constituído como um importante espaço estratégico para disseminação de ideologias. Alguns professores, coordenadores e diretores mais sensíveis e atuantes nas causas sociais têm empreendido esforços para combater esse discurso ideológico, porém uma grande parcela desses profissionais ainda apreende esse discurso de forma acrítica, não conseguindo contribuir para efetivação de uma educação mais progressista e dialógica. Discursos ideológicos, sejam de estereótipos de beleza, ideais de família, sexualidade ou africanidades ainda são marcantes e disseminados dentro das escolas. Essas ideologias muitas vezes fazem parte da “Estrutura orgânica” das escolas, sendo assim, a tendência é passarem despercebida pelos profissionais da educação ou, em alguns momentos, silenciadas pelos próprios.

Uma das dificuldades encontradas no combate às ideologias é que por mais que ela nasça na materialidade das relações humanas, ela encontra caminho fértil para existir na psique dos indivíduos. E uma das características desses discursos ideológicos é a reprodução em massa de pensamentos individuais compreendidos como universais. Assim, quem não se enquadra nessa “padronização social”, acaba por ser excluído dentro dos espaços sociais. Dessa forma, a educação se colocar numa posição de enfrentamento a esse estado de coisas é delicado.

A situação é paradoxal. Uma educação sem indivíduos é opressiva, repressiva. Mas quando procuramos cultivar indivíduos da mesma maneira que cultivamos plantas que regamos com água, então isso tem algo de quimérico e de ideológico. A única possibilidade que existe é tornar tudo isso consciente na educação; por exemplo (...)colocar no lugar da mera adaptação uma concessão transparente a si mesma onde isto é inevitável, e em qualquer hipótese confrontara consciência desleixada. Eu diria que hoje o indivíduo só sobrevive enquanto núcleo impulsionador da resistência (ADORNO apud

MAIA. 1998. p. 6).

Poderíamos citar a tecnificação do ensino como um dos vetores que contribuíram para a padronização de práticas e metodologias. Com a educação mais técnica e tendo que atender a uma parte cada vez maior da população, metodologias e discursos universais passaram a ser reproduzidos por professores sobretudo através do livro didático. Visualizamos hoje de forma mais sistematizada a metamorfose da formação em informação. Com uma escola mais técnica e menos preocupada com as rupturas advindas dessas transformações, tende-se a estimulação da exclusão. Assim, cabe pensar:

A exclusão e a violência em todas as suas nuances, especialmente a exclusão do singular, do diferenciado, que pode se dar sem que os alunos deixem de frequentar as aulas e, o que é pior, sob a aparência de perfeita ordem e ótima produtividade. Nesses casos, teremos profissionais respeitados, aparentemente competentes, mas envolvidos com a reprodução da barbárie que viceja ao nosso redor, e que depende de nós para persistir ou sucumbir. (MAIA, 1998,p.12)

Vários são os exemplos de reprodução de discursos ideológicos pela escola, tanto criados por ela ou recebidos e difundidos a partir dela. Nosso objetivo aqui não é apresentar todos eles (afinal, nem daríamos conta), mas apresentar alguns que possam ilustrar o quão contestado é o território escolar, e como as ações e discursos ideológicos nascem na sociedade, e são transportados para os espaços educacionais e recebidos muitas vezes de forma passiva. Muitas práticas que não se apresentam explicitamente como ideológicas (lembramos das nossas facetas da ideologia) têm se manifestado a professores como tabus e desafios, na tentativa de construir um sistema educacional mais plural, inclusivo e crítico e é sobre isso que discorreremos.

Mas antes de apresentarmos algumas dessas ações cabe deixar algumas inquietações que durante nossa escrita vão nos surgindo, como por exemplo: a quem serve esse discurso ideológico? Quem é beneficiado por ele? Como ele contribui para construção de identidades? Quem ganha com isso? Pensemos...

Para que não divaguemos na nossa fala e nem percamos o foco, apresentaremos apenas um caso de maneira mais geral que foi discutido na última década em nosso país quando falamos de ideologia e escola. A *tal* da “ideologia de gênero”. Mas para compreendermos seus impactos na educação, precisamos compreender sua construção. A partir de 2011, iniciamos uma tentativa de dinamizar e objetivar a pluralidade de gêneros e fundamentar um maior debate

na educação sobre violência de gênero e sexualidade, além de tentar fomentar a aceitação e o respeito à diversidade com a projeto de lei “Escola sem Homofobia”.

Na época, essa PL foi duramente criticada pelas bancadas religiosas na Câmara dos Deputados, as escolas, em especial os professores começaram a ser atacados por políticos e entidades religiosas de praticar “ideologia de gênero”. Segundo os acusadores, professores têm ensinado meninos a se tornarem meninas e vice-versa. O MEC foi acusado de distribuir as escolas de educação infantil e fundamental I, mamadeiras com bico em formato de pênis e livros paradidáticos que tinham como objetivo ensinar as crianças a transar e a se masturbar. O então Senador do Espírito Santo Magno Malta, que a época presidia a CPI da Pedofilia, chegou a declarar que: “A aprovação do projeto implicaria a legalização da pedofilia, do sadomasoquismo e da bestialidade”²¹

No Brasil, o confronto com a “ideologia de gênero” apareceu nos debates em torno do Plano Nacional de Educação, em 2013. Os setores “conservadores” assumiram uma estratégia de apropriação de termos dos estudos de gênero e dos movimentos feministas, alterando seu sentido. A perspectiva de gênero, que vem dando base para toda a construção de um campo de estudos e produção de conhecimento, é vulgarizada e tratada como ideologia. Tendo como base uma perspectiva biológica reducionista do binarismo de gênero e articulado a uma hierarquização das orientações sexuais, o ideário da “ideologia de gênero” tem sido utilizado para defender a manutenção de uma ordem hierárquica e desigual entre as pessoas em nome da defesa das crianças e dos jovens. (LEITE, 2019, p.130)

Desde então, essa discussão se tornou presente no cenário educacional nacional, além do mais, uma grande parte da população acreditou no discurso ideológico que tenta associar pedofilia ao Escola sem Homofobia – ESH. E que a PL iria destruir fé e os dogmas cristãos. A nível estadual, chegamos ao ponto dos Bispos do Ceará publicarem nota de repúdio em 2017 e lida em igrejas estaduais durante as missas afirmando que:

Trata-se de um verdadeiro projeto estrutural, profundo e nefasto, de desmonte dos nossos mais preciosos valores humanos e cristãos, através da banalização do matrimônio, da ideologia de gênero, da legalização do aborto, da liberação das drogas, da relativização dos valores morais nascidos do Evangelho e ensinados pelo Magistério da Igreja.²²

²¹Disponível em: <http://colunistas.ig.com.br/poderonline/2011/02/26/do-senador-magno-malta-sobre-o-projeto-contra-a-homofobia-querem-legalizar-a-pedofilia-o-sado-masoquismo/> [Acesso em junho de 2021].

²²Disponível em: encurtador.com.br/eqGTX. [Acesso em junho de 2021].

Além disso, ainda em 2017, nas cidades de Crato²³ e Juazeiro do Norte²⁴, foram criadas leis com o intuito de garantir que o professor não reproduzisse ou discutisse essas “ideologias de gênero” dentro de escolas públicas.

Diante dessa enxurrada de perseguições a pessoal docente, má interpretação de conceitos há muito tempo aceitos na academia e no mundo científico e de ataques diretos à educação, onde ideias falsas são apontadas como verdadeiras e usadas para legitimar perseguições e opressões a professores, cabe a nós reorganizar essas afrontas e tentar apontar suas inconsistências, reforçando que pesquisar e apresentar fatos comprovados é mais difícil do que publicar twitter ou pequenos vídeos com palavras de ódio e de perseguição a professores.

Esse exemplo dá um panorama de como a escola é um território contestado e impregnado por discursos ideológicos que os atravessam de dentro para fora e de fora para dentro. Aliás, o fato de não querermos que crianças e adolescentes pensem e/ou falem sobre sexo não os impede de pensar e falar sobre.

Assim como o exemplo da ideologia de gênero, poderíamos citar vários movimentos que têm se efetivado no Brasil que dispõe de uma carga ideológica excessivamente organizada, como o “Escola Sem Partido”, PL que visa amordaçar os professores e impedir que discutam os aspectos políticos dentro do seu campo de conhecimento. A influência neoliberal que tem tomado conta das escolas com projetos visando o fortalecimento do empreendedorismo. O fortalecimento e popularização de colégios militares. A insistência de pessoas com “notório saber” ocupando espaços de professores e tantas outras são ilustrações de como a ideologia está presente no fazer educacional.

Feito esse preâmbulo, em que percebemos um pouco a presença do discurso ideológico nas escolas, faz-se necessário compreendermos sobre a presença e importância da literatura infantil, seja como contação, ou como exibição fílmica para a formação das crianças, e como professores têm mediado esses discursos ideológicos presentes nessas histórias.

²³ Disponível em: encurtador.com.br/zMQTZ [Acesso em junho de 2021].

²⁴ Disponível em: caririceara.com/projeto-que-proibe-ideologia-de-genero-em-escolas-de-juazeiro-e-aprovado-por-unanimidade-mas-com-ressalvas/ [Acesso em junho de 2021].

III. CINEMA E LITERATURA INFANTIL

3.1 UM POUCO SOBRE CONTOS DE FADAS

Geralmente quando falamos em literatura infantil, os olhos brilham em esperança e nostalgia. Muitos de nós temos boas lembranças da infância, com algumas experiências insubstituíveis, desde ouvirmos histórias contadas por nossos avós, tias e pais. Lembramos também daquele livro que lemos infinitas vezes até decorarmos a história, ou mesmo de alguma animação que assistimos quando criança e até hoje nos dá um “quentinho no coração”. Segundo Azevedo, “(...) a literatura proporciona uma consciência e uma destreza metalinguística e metatextual que nenhum outro tipo de textos pode assegurar.” (AZEVEDO, 2014, p. 30)

Se é verdade que as crianças, pela sua ainda reduzida experiência de interação com textos, parecem encontrar na literatura infantil, independentemente do grau de inovação que ela manifeste, os lugares para uma iniciação à ludicidade do estranhamento e da surpresa, espera-se que esses textos as auxiliem a desenvolver e a aprofundar a sua competência literária, facto que só poderá ser adequadamente conseguido se eles, não reiterando excessivamente experiências semióticas já conhecidas dos seus leitores, contribuírem, de facto, para um alargamento do conhecimento dos seus quadros de referência intertextuais. (AZEVEDO. 2014. p. 24)

A Literatura Infantil é composta por várias narrativas como contos, contos de fadas, fábulas, história em quadrinhos, lendas ou mitos e são lidos e assistidos em diferentes suportes como livros, televisores, celulares ou jornais, podendo até serem declamados ou contados a partir de narrativas orais ou de sinais, mas independente do suporte ou da narrativa a literatura infantil é composta por obras abertas à subjetividade que oferecem acesso a novas dimensões a imaginação da criança, garantindo a ela adentrar em um mundo de infinitas possibilidades.

Aqui nos deteremos aos contos de fadas, pois são a figura central da nossa análise, porém, sempre que possível estabeleceremos diálogos com outras formas de narrativas.

A maneira como se inicia os Contos de Fadas, a maneira que “Era uma vez”, “Num lugar tão, tão distante” ou “nos velhos tempos, quando desejar ainda era de alguma ajuda”, são expressões que garantem à criança logo no início do conto a se desconectar da realidade concreta e adentrar na imaginária. Permite a ela logo no princípio o direito de sonhar, de se deslocar da dureza do real e imergir no ambiente imaginativo e simbólico, garantindo uma transição não abrupta a um espaço mais sensível e delicado e a visita a lugares onde tudo é possível, desde que começado com Era uma vez...

Essa característica do maravilhoso e encantador é o principal aspecto dos contos de fadas e de literaturas infantis em geral para cativar a criança. Afinal, elas têm uma grande necessidade de imaginar, criar significados para sua existência, ou seja, a realidade ainda é difícil de ser digerida por aqueles que ainda estão se adaptando ao mundo a sua volta, por isso o universo onde são narrados essas histórias como florestas encantadas ou em castelos mágicos, ambientes fundamentalmente instigantes e provocativos são um convite a imersão em uma boa aventura.

Nesta perspectiva, lendas, mitos, fábulas e contos, concretizando uma visão inusitada dos eventos e frequentemente transgressora dos limites impostos pela racionalidade ou pelo conhecimento dos quadros de referência do mundo empírico e histórico-factual, permitem presentificar o Outro e mostrar que, graças à natureza simbólico-conotativa do mundo possível criado pelo texto, o Outro mantém uma comunhão íntima e dialógica com o Eu. Esta abertura explícita de horizontes, que na escrita literária para a infância se concretiza frequentemente pela presença ostensiva do maravilhoso (Todorov, 1990), representa simultaneamente um estímulo a uma cooperação interpretativa ativa por parte dos seus receptores. (AZEVEDO, 2014, p. 27 e 28)

Nesse universo dos contos de fadas existem também personagens, desafios e problemas que correspondem às exigências infantis e estão dramaticamente ligados às suas necessidades, afinal fazem menção às interpretações que estão presentes no imaginário das crianças. Todos nós já desejamos ser um príncipe ou princesa, e por vezes consciente ou inconscientemente, acreditamos sê-lo e agimos como se fossemos. Mas por que essa ligação tão íntima e representativa com os personagens?

[Os personagens dos contos de fadas] São simples e colocadas em inúmeras situações diferentes, onde têm que buscar e encontrar uma resposta de importância fundamental, chamando a criança a percorrer e a achar junto uma resposta sua para o conflito... Porque todo esse processo é vivido através da fantasia, do imaginário, com intervenção de entidades fantásticas (bruxas, fadas, duendes, animais falantes, plantas sábias...) (ABRAMOVICH, 1997, p.120)

A imaginação é o melhor caminho para se chegar à realidade, é mediante ao estímulo dela que podemos garantir que nossas crianças sejam mais criativas e com pensamentos menos engessados e binaristas. Essa estimulação da imaginação a partir dos contos de fadas garante à criança acesso ao universo simbólico e imaginativo, porém sem descolar o pé da realidade. Por que dizemos isso? Pois as crianças entendem que os contos de fadas são situações irreais, porém têm a convicção de que são histórias verídicas, ou seja, sabem que aquelas histórias são fantasiosas, mas que muito do que acontece nelas, também acontece no mundo real, logo, ao

passo que o conto diverte a criança com sua magia, também evidencia muitas das angústias internas dela própria, favorecendo o desenvolvimento da sua personalidade. (BETTELHEIM, 2018).

A preocupação com a imersão no mundo imaginativo por parte das crianças é tão relevante que alguns pais e/ou responsáveis acreditam que só deveriam expor histórias com conteúdos que fizessem menção ao que é bom ou agradável para seus filhos, acreditando que a privação de contato com situações difíceis e conflitantes podem ser prejudiciais ao seu desenvolvimento, submetendo seus filhos a ambientes hiper controlados para que não tenham acesso à “maldade” do mundo. Outros temem que a cabeça da criança fique tão saturada de fantasia a ponto de prejudicar sua relação com a realidade como no exemplo de Dom Quixote que

De tanto imaginar, um dia rompeu o elo que o prendia a realidade. Num estado febril e agitado iniciou uma existência onde só existiam personagens da cavalaria andante. Eram gigantes para derrotar, castelos que deveriam ser assaltados, donzelas prisioneiras de algum tirano para salvar e legiões de bandidos a combater. (CERVANTES, 1997, p.06)

Mas o caso de Dom Quixote não se aplica às crianças, afinal, os contos de fadas têm diferentes significados, e só a criança pode saber aqueles que são importantes para ela no momento, pois, uma obra literária pode produzir vários significados em diferentes pessoas. O conto de fadas só faz sentido para criança quando ela que descobre intuitivamente seu significado oculto. Além do mais, inundar criança apenas com histórias realistas é improdutivo para seu desenvolvimento imagético. É imperativo destacar que a literatura infantil é a que inclui as crianças, sem necessariamente excluir os adultos, pois muitos dos adultos também são consumidores ativos desse tipo de literatura

Outro ponto a se considerar são os eixos sob os quais os contos de fadas estão fundamentados e estruturados. Segundo Bettelheim (2018), essas histórias a via de regra são divididas em dois eixos, um eixo negativo (mal) e outro positivo (bem), fomentando uma estrutura maniqueísta que divide os personagens em muito bons ou muito maus, sempre em antagonismo, chapeuzinho vermelho x lobo mal, branca de neve x a Madrasta, João x o gigante do pé de feijão e tantos outros. Os personagens ou são retratados como “a ferocidade encarnada ou a benevolência altruísta. Um animal ou é só devorador ou só prestativo. Cada personagem essencialmente unidimensional, possibilitando a criança compreender com facilidade suas ações e reações.” (BETTELHEIM, 2018, p.108)

Essas estruturas de separação tão evidentes em certa medida ajudam as crianças pequenas a terem consciência de quem é bom ou mau, também contribuindo para a construção

linear da narrativa. Como a identificação dos sentimentos ainda é difícil para os pequenos, contos de fadas onde as situações são simples e sucintas os ajuda a compreender melhor o conto, por exemplo: quando uma menina jovem é perseguida por um animal, é fácil associar quem é bom e quem é ruim. Ou quando os bons são recompensados e os maus são punidos. Vejamos os exemplos de *O Mágico de OZ* onde Dorothy volta para casa enquanto a bruxa é destruída, ou mesmo em *Aladdin*, onde ele se torna rei e Jaffar fica preso na lâmpada²⁵. Os contos de fadas também deixam subentendidos que os maus são espertos, astutos enquanto os bons são tolos e facilmente enganados. Vejamos, Scar em *O rei Leão*, consegue enganar Simba, para que ele se convença de que seu pai Mufasa foi morto por sua causa, e ainda consegue incutir nele a ação de se autoexilar. Azevedo (2014. p.35) reforça que:

Uma das estratégias retórico-discursivas utilizadas, nas narrativas literárias para a infância, de modo a assegurar esta intensificação e clara dicotomização entre valores positivos e valores negativos é conseguida através da caracterização das personagens: as personagens negativas, para além dos seus traços ideológicos disfóricos, recebem frequentemente designações e qualidades culturalmente negativas, as quais, reforçando-se mutuamente.

A reparação do mal é apontada como um castigo merecido aos antagonistas, e discussões como essas precisam ser conversadas com a criança, não de uma perspectiva de que o herói derrota o malfeitor, pois nesse momento a criança já entendeu que o mal precisa ser castigado e o bem valorizado, mas de um prisma social de equilíbrio do universo, que só estará em harmonia novamente quando o mal (personificado em uma pessoa ou coisa) for não apenas derrotado, mas destruído.

Esses sentimentos que os personagens têm, são válidos nas nossas discussões, sobretudo a maneira como eles reagem a seus sentimentos nos contos. A compreensão dos sentimentos é importante porque muitas crianças não conseguem ter o entendimento de qual sentimento o personagem está sentindo, por isso a ação dele na mediação dos seus conflitos é relevante para a assimilação da criança espectadora. Em *Cinderela*, a protagonista é espezinhada e humilhada pelas suas irmãs. O direito ao sentimento de revolta de Cinderela é legítimo? Sim! Mas por que ela não se revolta? Porque os protagonistas devem ensinar benevolência aos espectadores, pois o personagem principal deve ter pensamentos e ações positivas em situações difíceis, e esse comportamento de Cinderela promove na criança a compreensão de que maldade se paga com bondade e que sentimentos vingativos não devem ser estimulados (BETTELHEIM, 2018).

²⁵Essas estruturas geram também construções de estereótipos negativos a determinados grupos ou classes como as madrastas, apontadas determinantemente como malvadas, porém veremos isso posteriormente.

Quanto aos desejos coléricos e vingativos, os contos de fadas são sábios ao apresentar às crianças os impactos desses tipos de desejos na devastação da vida, deixando evidente que é a partir de boas ações que as pragas são canceladas e vilões são derrotados, reforçando o ideal de que as crianças devem ser sempre benevolentes. Afinal, a criança está mais preocupada em saber quem é o bem e quem é o mal da história do que propriamente saber se é verdade ou não aquela história, por isso essa discussão entre o bem o mal, justiça e injustiça dentro dos contos não pode ser secundarizada (BETTELHEIM, 2018).

Essa sensação de injustiça presente nessas histórias, geralmente associadas a uma boa conduta por parte do protagonista que mesmo se comportando bem, acaba por ser maltratado por alguém, gera um sentimento de revolta na criança que acompanha a história, enquanto espera que seja feita justiça em relação às opressões que seu personagem favorito naquela história vem sofrendo. Essa compreensão de que sempre as injustiças serão reparadas rapidamente pode construir na criança uma “moral ingênua”, onde apenas se manter bem-comportado, de forma passiva, é sinal de que será feita a justiça.

Alguns personagens, movidos por sentimentos de vingança, não esperam passivamente pela justiça externa e a fazem com suas próprias mãos. Temos como exemplo a menina Maria de João e Maria que atea fogo na bruxa viva. Em versões mais antigas da Branca de Neve, ela faz a madrasta calçar sapatos com Bragas e dançar até morrer. A Chapeuzinho Vermelho dos irmãos Grin que coloca pedras na barriga do Lobo. (DINIZ, 1995).

Os contos de fadas também fazem uma associação entre o estético e ético, sendo o bonito bom e o feio ruim. Uma rápida olhada em como são descritas as bruxas, sempre apontadas como más, malvestidas, sujas e com cicatrizes no rosto e as fadas como boas devem estar sempre limpas, bem-vestidas e com cabelo arrumado apontam essa construção estereotipada de associação entre o bom, o belo e o bem-comportado²⁶. As crianças se sentem representadas nos heróis, não somente pelo fato do bem vencer o mal que promovendo a moralidade ingênua, mas pelo fato do herói ser extremamente atraente (fisicamente) para criança.

Devemos nos questionar em que posições e situações as personagens femininas são apresentadas nesses contos. Afinal, muitas vezes elas são obrigadas a esperar de forma inerte sua salvação por um príncipe encantado, sendo negadas a essas personagens o direito de escolher/lutar por seu destino. A princesa, leia-se mulher, da forma como é descrita muitas vezes nessas animações precisa de um homem para salvar sua vida, como se estivesse amarrada

²⁶ Título do texto de Maria Lúcia Vissoto Paiva Diniz

à sina de não poder decidir seu futuro, apontando muitas vezes o caráter misógino que muitos desses contos trazem.

Os contos de fadas são explorados nos espaços escolares, professores têm usado dessa literatura para fomentar aprendizagens e sensibilizar crianças para assuntos mais delicados e relevantes da sociedade. O uso dos contos de fadas como ferramenta pedagógica contribui para a inserção das crianças no mundo da imaginação e na sua construção enquanto ser.

O uso da literatura infantil como ferramenta pedagógica é uma corriqueira metodologia utilizada por professores em escolas Brasil afora. Esses contos são usados para trabalhar leituras em voz alta, interpretações de textos, verbos, pronomes ou advérbios. A nossa crítica aqui é que diversos desses exercícios são descontextualizados e buscam apenas atender às dimensões técnicas do uso gramatical e ortográfico da leitura e escrita. Não que esse exercício não seja pertinente, mas a sua hipervalorização contribui para a NÃO relação afetiva e prazerosa das crianças com a leitura. Buscando em primeiro lugar a obrigação do que o prazer.

Es un absoluto desperdicio aprender a leer sólo para leer manuales de instrucciones y guías de autoayuda. Todo ciudadano no tiene derecho a poder acceder a la literatura y descubrir y compartir una herencia humana común. El placer de leer no significa solamente encontrar divertida. Una historia o seguir las peripecias de una trama atractiva y fácil; además de los placeres sensoriales que compartimos con otras especies, existe un placer puramente humano: el de pensar, descifrar, argumentar, razonar, cuestionar, enfin, unir y confrontar ideas diversas. Y la literatura es una de las mejores maneras de encaminar nos hacia esse territorio de refinados placeres.” (ANA MARÍA MACHADO *apud* AZEVEDO, 2014. p.5)

Como professor da educação básica, algumas vezes me deparei com uma situação que me angustiava. Estudantes que não se comportavam bem durante as aulas eram “punidos” com a perda do recreio ou das aulas de arte ou educação física²⁷. Nesse período que a criança ou adolescente estava de “castigo” ou em “punição” era exigido que ele lesse alguns livros. O estudante revoltado com a punição, num momento de raiva tinha que ler. Sua punição era imediatamente associada à leitura. Logo, seu castigo era a leitura! Converter crianças em leitores ou amantes da literatura deve ser feito pela alegria ou pelo prêmio de poder ler um livro e não por obrigação ou castigo. Como achar que alguém vai gostar de ler, estando preso na secretaria enquanto todos os seus coleguinhas se divertem no recreio?

Esse modelo vigente de educação nacional que escolariza ou didatiza a leitura, “em nome da avaliação e certificação, a situa frequentemente num espaço simbólico exterior às suas

²⁷ Não iremos discutir o absurdo que é esse tipo de punição para não nos alongarmos mais e fugirmos do foco.

práticas sociais e à esfera do prazer e da fruição, constitui mais um entrave a uma adequada promoção da educação literária”. (Azevedo, 2014, p. 51). Desprivilegiando o caráter formativo do conto, que é substituído por aspectos técnicos de compreensão, onde são retiradas do texto apenas informações explícitas ao invés de implícitas. Perguntamos a nossos estudantes pelo que João trocou a vaca da família, mas não o porquê de João ter que vender sua vaca para sobreviver. Perguntamos o que João leva do castelo do gigante, mas não perguntamos se a atitude de João em roubar a harpa do gigante é correta.

Além do mais, precisamos valorizar o ato da leitura livre, sem ficar massacrando as crianças com questionários. Elas devem ler um livro ou assistirem um filme porque é gostoso assistir/ler e depois conversar com um colega sobre o que gostou, ou não conversar se não quiser. Ou até mesmo não assistir ao filme caso não queira.

Além disso, frequentemente solicitada a traduzir numa linguagem utilitária o significado de determinados elementos do texto, a criança adquire a ideia errônea de que a língua literária é um mero *sermopulchrior* ou uma forma imperfeita e vicária de um outro discurso mais correto representado pela linguagem dita corrente ou utilitária. A experiência estética da literatura é, por conseguinte, completamente negada. (AZEVEDO, 2014, p.50)

Assim, não é suficiente tornar crianças leitoras, é preciso que elas continuem leitoras. Desfragmentando assim a ideia de que leitura além de uma atividade penosa e cansativa só deve ser feita em ambiente escolar. Compreendendo assim o caráter humanizante que a leitura traz, sendo não uma atividade escolar mecanizada e descontextualizado, mas uma atividade vital para o seu desenvolvimento e formação.

Agora que compreendemos um pouco sobre as nuances da construção e apreensão dos contos de fadas, iremos discutir como o cinema atravessa a educação, compreendendo como um complementa o outro e como a escola pode se apropriar dessa ferramenta para produzir uma educação transformadora e libertária.

3.2. EDUCAÇÃO E SUA RELAÇÃO COM O CINEMA

Cinema e educação, mesmo sendo espaços distintos, conseguiram ao longo dos anos firmar parcerias que contribuíram para o crescimento, reconhecimento e democratização de ambas as partes, estando durante determinados períodos históricos mais próximos e em outros mais distantes. A escola na tentativa de mediar os conhecimentos acumulados pela sociedade, buscou e busca alternativas para a efetivação da aprendizagem dos estudantes e tem encontrado

na Sétima Arte potencialidades para a efetivação de um saber mais significativo e crítico, tendo em vista todas as leituras e releituras de fatos históricos reais e/ou de ficção advindos dessas produções. Dessa maneira, o cinema ao mesmo tempo que “colabora para a construção dos mitos da sociedade – legitimando os valores do poder que se instala e recontando à sua moda os acontecimentos passados –, também carrega em si um potencial de liberdade”. (GUIMARAES, 1998, p.112)

A busca histórica pela “modernização do ensino”²⁸ tem se apresentado de diferentes maneiras nesse percurso da educação brasileira. Várias alternativas foram criadas para alcançar tal fim, desde a inserção de tecnologias como rádios, televisores, retroprojetores, DVDs, Vídeos K7, computadores e mais recentemente lousas digitais, *tablets* e celulares. Como visto, muitos aparelhos foram disponibilizados, porém um dos pontos de intersecção entre eles são sua capacidade para a reprodução de vídeos, apontando a tentativa histórica de inclusão de material audiovisual no processo de ensino aprendizagem.

Para pensarmos a expansão do cinema no Brasil, precisamos diretamente associá-lo à democratização do acesso aos televisores e posteriormente a internet e como a popularização desses bens foi/é tardia no Brasil. É preciso deixar explícito que as produções em áudio visuais de forma geral são bens culturais e proporcionam segundo os dizeres de Duarte (2002, p. 19) “determinadas experiências culturais, que associadas a uma certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais”

Além do mais, o cinema de forma ampla necessita ser democratizado para que todas as camadas da população tenham acesso a elas como um direito humano, que segundo a própria Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948, s/p) no seu artigo 27, afirma que: “Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios.”²⁹

Com a popularização e difusão do cinema em terras brasileiras, mesmo que num primeiro momento estando acessível a poucas pessoas, sobretudo os que estavam em capitais e/ou regiões metropolitanas, conseguiu-se um espaço onde a imagem estava em movimento e

²⁸Cabe destacar que muitas vezes é confundida com tecnização. Sendo a modernidade um pretexto dos governantes para tecnicizar a educação.

²⁹ Dois dados importantes: Atualmente 21,7% da população Brasileira com idade acima de 10 anos não tem acesso à internet - Disponível em: encurtador.com.br/jlzL8 [Acesso em dezembro de 2021]. E quanto aos televisores, hoje apenas 2,8 % da população não tem televisores em casa, felizmente, esse item tem adentrado as residências das famílias, realidade bem diferente das famílias da segunda metade do Sec. XX, quando poucos eram os brasileiros, que detinham televisores em casa - Disponível em: encurtador.com.br/DEO03 [Acesso em dezembro de 2021].

que além de ver essas histórias também era possível ouvi-las. O Cinema finda nas palavras de Oliveira (2014, p.37) “[...]se tornando um marco da Modernidade e perspectivado em função do seu impacto não somente na visualidade, mas, também, nas formas de representação do real (fenômeno que acompanha, também, a fotografia)”.

Até a década de 1980, muitas eram as famílias que não tinham televisão em casa, assim, o cinema cumpria uma considerável função social, que se consistia em além de entreter, informar e divertir, também de difundir ideias e conceitos de governos vigentes através da propaganda. Por exemplo, durante a Segunda Guerra Mundial a Alemanha Nazista e os Estados Unidos se utilizaram (e se utilizam até hoje) do cinema para apresentar propagandas pró seu eixo e ideologia na guerra, como também se apresentar como nação hegemônica e potente, tanto que até nos dias atuais vemos filmes estadunidenses se apresentando como o país que enfrenta e destrói as mazelas do mundo, sempre se colocando como centro do mundo.

Situações como essas são possíveis graças ao investimento público feito pelo estado nessas produções, que conseguem a partir de financiamentos cooptar diretores e estúdios cinematográficos para que seus materiais continuem reproduzindo dominância e colonizando de forma intelectual, ética e estética outros países que consomem esses filmes, garantindo a manutenção da hegemonia. Consono a Almeida *apud* Guimaraes (1998, p.110)

O diretor faz cortes, escolhe as cenas mais representativas do seu credo e da ideologia político-religiosa dominante, leva em consideração os desejos e pressões dos ‘produtores’, como também imagina o possível entendimento do espectador.

No Brasil a partir da década de 1930, nossa educação sofreu grande influência do escolanovismos, essa corrente defendia de forma incisiva a inclusão do Cinema e seus filmes na escola como uma ferramenta de difusão de cultura, arte e conhecimento. Sobre isso o Manifesto dos Pioneiros da Educação nova diz:

[...] A escola deve utilizar, em seu proveito, com a maior amplitude possível, todos os recursos formidáveis, como a imprensa, o disco, **o cinema** e o rádio, com que a ciência, multiplicando-lhe a eficácia, acudiu a obra de educação e cultura e que assumem, em face das condições geográficas e da extensão territorial do país, uma importância capital. (AZEVEDO, 2010, p.62) (grifo nosso)

A busca por produções cinematográficas mais significativas e propedêuticas para o processo de ensino aprendizagem, além de garantir o controle das narrativas a partir das propagandas estatais fizeram com que o Brasil criasse em 1936 o INCE (Instituto Nacional de

Cinema Educativo) que tinha como objetivo produzir filmes educativos para que fossem reproduzidos nas escolas. Nesse período, como apresenta Catelli (apud PEREIRA 2019, p. 03), “entre outros instrumentos pedagógicos, elegeu-se o cinema educativo como forma de renovar as práticas escolares e garantir o acesso ao conhecimento escolar a um maior número de pessoas”

O INCE esteve ativo até 1966 e foi fundamental no desenvolvimento de uma modalidade específica: o filme científico estatal (OLIVEIRA, 2014). Essas produções inicialmente tiveram um caráter de documentários, mas com o passar dos anos, o INCE conseguiu produzir também animações que buscavam ajudar crianças durante o processo de alfabetização. Essas obras por serem produzidos diretamente para o uso em escolas tinham a função/finalidade educativa, que era a de auxiliar professores no trabalho pedagógico diário, finalidade essa diferente dos contos de fadas hollywoodianos que analisaremos aqui, que embora não tenham sido criados diretamente para o exercício do labor educacional, acabaram por muitas vezes exercerem essa função dentro das escolas.

Afinal, uma das características do cinema é sua capacidade de seduzir e cativar diferentes públicos em contextos diferentes sejam elas crianças, adolescentes, idosos, apaixonados, amargurados ou depressivos. Essas pessoas, por vezes encontram no cinema uma forma de representatividade, diversão, entretenimento ou aprendizagem e algumas possibilidades e complementações entre o espaço educacional e o cinema merece algumas pontuações e considerações.

Várias são as maneiras de se utilizar o cinema em sala de aula e/ou na escola. Uma delas é que podemos utilizá-lo como uma ferramenta pedagógica que visa mediar, reforçar ou sistematizar algum determinado conteúdo ou assunto, como também podemos utilizá-la como um momento ou espaço para lazer e entretenimento. Ambas as opções não se anulam e podem em alguns momentos serem utilizadas de maneiras conjunta, mas invariavelmente as vemos separadas, mas o principal objetivo em ambas as propostas é que professores e alunos se coloquem de modo crítico e ativo perante esses filmes, dessa forma, destacaremos alguns pontos que julgamos pertinentes nessa nossa análise.

O primeiro ponto a se destacar é que na escola existem bastante profissionais e núcleos gestores entendendo (equivocadamente) que toda e qualquer atividade que aconteça na escola necessita invariavelmente ter um finalidade pedagógica, ou seja, uma brincadeira de amarelinha só deve ser realizada porque desenvolverá aspectos da coordenação motora ampla e lateralidade das crianças, um exercício de pintura só deve ser seguido de uma produção textual ao final do

mesmo, ou uma gincana que visa a descontração das crianças deve ser apenas com base em conhecimentos gerais vistos na sala de aula. Com os filmes não é diferente.

Os filmes deslocam-se da condição de arte cinematográfica para serem reduzidos a produtos pedagógicos, com vistas à “articulação com o currículo e/ou conteúdo discutido, com as habilidades desejadas e com os conceitos discutidos; adequação à faixa etária e etapa específica da classe na relação ensino-aprendizagem” (NAPOLITANO, 2003, p.16). Assim instrumentalizado, o filme deixa de operar esteticamente, deixa de ser obra de pensamento, de criação, perde sua condição de resistência, de desnaturalização, desveste-se de seu imaginário e de sua condição de obra de arte para servir a propósitos didático-pedagógicos que o transformam em referente de um significado que está em outro lugar que não no próprio filme (ALMEIDA 2002, p.07)

Diante desses exageros em pedagogizar determinadas ações dentro da escola, incluindo os filmes, muitas vezes os vemos sendo reproduzidos apenas porque é dia da consciência negra, ou porque os alunos estão desunidos e precisam assistir a um filme para se reconciliarem, o filme sendo apenas sendo didatizado como meio para se chegar a algo e não como uma finalidade em si. Sobre essa pedagogização exagerada, Almeida (2002, p. 06) diz que:

Tudo pode ser pedagogizado, isto é, qualquer coisa inicialmente alheia à escola pode ser usada para se atingirem os fins pedagógicos historicamente assumidos pela instituição. Do rap ao Facebook, do jogo ao cinema, tudo pode ser instrumento de ensino. A pretensa abertura da escola à tecnologia, sua busca pela inserção do novo, é incapaz, no entanto, de produzir o novo, já que seu *modus operandi* permanece inalterado.

Destacamos essas opções para afirmar que, embora nesse trabalho estejamos defendendo o cinema como uma ferramenta pedagógica, também temos consciência de que devemos ter cuidado para não o pedagogizarmos de maneira exagerada, afinal, não queremos acometer no erro de pensar o cinema apenas dentro do currículo, mas também como um primordial instrumento de ruptura, dessa forma, a concepção que defendemos é a de que:

[...]o professor cria margens de liberdade não para ilustrar a aula com um filme, mas para ajudar os alunos a tornar visível que não se vê. Trata-se de uma “folga”, de um espaço intersticial onde a “invisibilidade da dominação”, como diz Chauí (1980, p. 23), pode ser vista e sentida, onde uma parte da existência individual e social dos alunos e educadores se expressa pelo uso da imaginação, dissolvendo o que está cristalizado, solidificado e emperrando a ampliação do conhecimento. (GUIMARAES, 1998, p.112)

O segundo ponto é que essas atividades podem ser prazerosas e divertidas em si mesmas. Antes de serem pedagógicas, podem ter um fim em si mesma, sem precisarmos pedagogizá-las. Voltando ao exemplo da amarelinha, as crianças também podem brincar de amarelinha porque tal ato é divertido, assim como nem toda leitura precisa ser seguida de um extenso questionário. Ler um livro pode ser prazeroso porque ler um livro é bom. É divertido ler como cada gato se tangalomangou³⁰ ou como a Mônica conseguiu recuperar o Sansão do Cebolinha. Assim como é na leitura de livros, é no cinema, devemos possibilitar que nossos alunos assistam a filmes pois esse contato é um momento de apropriação desse artefato artístico e cultural que muitos deles são privados do direito a ter acesso. “Ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais” (DUARTE, *apud*. ALMEIDA 2002, p. 17).

Terceiro é que, gostemos ou não, com intenção ou não, como já fora citado, os filmes estão presentes direta e indiretamente nas escolas e exercem uma função educativa seja ela qual for, dessa forma precisamos fazer com que esses alunos se coloquem de maneira crítica e ativa enquanto assistem aos filmes por isso, o cinema na escola deve ser:

O cinema que “educa” é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é “passar conteúdos”, mas provocar reflexão, questionar o que, sendo um constructo que tem história, é tomado como natureza, dado inquestionável. (Xavier, 2008, p. 15)

O quarto ponto é que com cada vez mais produções audiovisuais independentes, somadas a uma maior sensibilização de produtores, roteiristas e espectadores que têm ansiado por novas proposições e diferentes histórias que fujam da normalidade, o cinema, sobretudo no campo da Literatura Infantil tem produzido filmes que garantem espaços mais diversos e representativos para povos e categorias outrora silenciados. Podemos citar o caso de Os Incríveis 2 que subvertem completamente a ordem patriarcal, colocando a Mulher Elástica para trabalhar como heroína e prover o sustento financeiro da casa, enquanto o seu marido também herói, Sr. Incrível, fica em casa cuidando dos filhos e da casa, mostrando como é difícil e estafante o serviço doméstico que muitas vezes é desempenhado única e exclusivamente por mulheres. Essa reflexão sobre o papel de cada gênero tem ganhado força no cenário hollywoodiano e contribui para o trabalho contra ideológico imposto por histórias de opressão patriarcalista.

³⁰Referência ao livro os 10 gatos que se tangolamangaram

FIGURA 02. Sr. Incrível dormindo depois de um dia cansado como “dono” de casa



Fonte: <https://br.web.img2.acsta.net/news/7/18/02/15/11/24/2262816.jpg> Acesso em 28 de dezembro de 2021

A compreensão de que o cinema pode também possibilitar a produção de conhecimentos e de práticas mais humanizadas que buscam o rompimento com ideais e ações discriminatórias e preconceituosas é um dos motivos para estarmos produzindo esse trabalho, afinal, precisamos construir uma escola que garanta a democratização de bens culturais e artísticos, mas que também tenha capacidade de questionar essas produções de forma crítica, combatendo o processo de inculcação ideológico que alguns desses contos possuem.

A intervenção do professor pode fazer com que o feitiço volte-se contra o feiticeiro, isto é, pode funcionar como contra ideologia: o cinema seria uma “práxis social orientada pelo e para o mercado. A escola vai se apropriar desses produtos culturais para seus fins específicos” (CARMO, 2003, p. 85), isto é, tratará “o filme como um instrumento de desalienação dos sentidos” (CARMO, 2003, apud ALMEIDA p. 7).

Destarte, o cinema para além dessa produção ideológica também pode assumir um papel importante na busca de romper com as ideologias dominantes vigentes, ademais, podemos afirmar que com o avanço das tecnologias e com as produções que antes eram exclusivamente

a livros sendo adaptadas ao cinema, não seria surpresa afirmarmos que os filmes na contemporaneidade têm o mesmo peso cultural que os livros.

Por isso, aqui defendemos o cinema como uma ferramenta pedagógica que busca para além de ser um instrumento que apenas reproduz dominância, mas um artefato cultural e artístico de direito de estudantes, sobretudo os de escola pública, e que professores bem formados podem garantir além do acesso a essas produções, um compreender mais sensível e ativo perante essas animações, construindo um trabalho contra ideológico em que nossos estudantes não sejam presas tão fáceis de bruxas que gentilmente oferecem maçãs perfeitas e atrativas visualmente, mas que dentro delas carregam um veneno perigoso, que é a manutenção das ordens de poder e opressão vigentes.

IV. UMA INCRÍVEL VISÃO, NESSE VOO TÃO LINDO...

Nesse momento, analisaremos as respostas iniciais das participantes da pesquisa. Relembramos que para participar da pesquisa precisava-se ser professor do município, em contrato efetivo, substituto ou temporário e estar lecionando no fundamental I. Responderam ao Q1 dezesseis professoras: todas elas definidas pelos nomes fictícios de: Fiona, Simba, Branca de Neve, Malévola, Zangado, Jasmini, Moana, Serena, Mérida, Elza, Tiana, Cinderela, Rapunzel, Pocahontas e Aladdin.

4.1 IMPRESSÕES ACERCA DO QUESTIONÁRIO 01.

As perguntas que aqui serão analisadas foram respondidas antes das oficinas acontecerem e essa ação se justifica pela necessidade de se compreender os conhecimentos prévios das participantes com relação à ideologia, cinema e contos de fadas. Em um primeiro momento, buscamos algumas informações sobre essas professoras, traçando seus perfis.

Nome fictício	Graduação	Especialização	Mestra do	Vínculo empregatício	Tempo de atuação no magistério	Tempo de atuação na escola
Fiona	História	Psicopedagogia escolar	Não	Efetivo	27 anos	27 anos
Simba	Pedagogia	Planejamento escolar	Não	Efetivo	13 anos	13 anos
Branca de Neve	Pedagogia	Psicopedagogia clínica e institucional	Não	Efetivo	10 anos	10 anos
Malévola	Letras	Psicopedagogia	Não	Efetivo	41 anos	41 anos
Zangado	Administração e cursando pedagogia	Psicopedagogia clínica e institucional	Não	Temporária / Substituta	1 ano	3 meses

Jasmini	Pedagogia	Psicopedagogia clínica e instituição	Não	Efetivo	18 anos	8 anos
Serena	Curso normal	não	Não	Efetivo	39 anos	38 anos
Moana	Pedagogia	Psicopedagogia clínica institucional com ênfase na educação infantil	Não	Temporário / Substituto	15 anos	15 anos
Mérida	1ª Geografia / 2ª Pedagogia	Geografia e meio ambiente/ Gestão Escolar e em fase de conclusão Psicologia escola	Não	Efetivo	20 anos	1 ano e 6 meses
Elza	Pedagogia	Psicopedagogia	Não	Efetivo	29 anos	29 anos
Tiana	Pedagogia	Língua portuguesa e artes	Não	Efetivo	19 anos	5 anos
Cinderela	Pedagogia	Língua Portuguesa Arte e Educação	Não	Efetivo	20 anos	15 anos
Aladdin	Geografia	Gestão Escolar	Não	Efetivo	32 anos	32 anos
Rapunzel	Pedagogia	Psicopedagogia	Não	Temporário / Substituto	13 anos	1 ano

Pocahontas	Pedagogia	Psicopedagogia clínica e institucional/ Educação infantil - Alfabetização e letramento	Não	Temporário / Substituto	14 anos	2 anos
------------	-----------	--	-----	----------------------------	---------	--------

Traçada essa tabela, é importante destacarmos que das 16 participantes dez são formadas em Pedagogia³¹, três em Geografia; uma a nível normal, uma em História; uma em Letras e uma em administração. Chama nossa atenção o fato de 6 dessas professoras não serem formadas em Pedagogia e mesmo assim atuarem no ensino fundamental I, uma vez que a habilitação para lecionar nesse nível se dá pela formação em nível superior no curso de Pedagogia e/ou pela antiga formação a nível normal médio.

Algo que precisa ser exposto e elucidado é a quantidade de anos que algumas professoras estão exercendo a docência, por exemplo, 32, 39 e 41 anos. Esse fato se dá pelo motivo de que até maio de 2022 este município funcionava sobre o regime jurídico “Celetista” (que é regido pela CLT) e, nesse regime, até o ano de 2019 @s professor@s poderiam se aposentar e mesmo assim continuarem com suas matrículas ativas, dando aula até serem enquadrados na lei da aposentadoria compulsória quando completassem 75 anos de idade (Brasil, 2015) e assim terem sua matrícula desativada.³² Logo, quem se aposentou antes de 2019 manteve sua matrícula ativa e continuou a dar aula, mas quem se aposentou após 2019 não pôde mais continuar trabalhando e desligou-se do município.

Um fato a se valorizar é que quinze das dezesesseis participantes têm especialização, dentre elas Psicopedagogia, Planejamento escolar, Geografia e meio ambiente, Língua portuguesa e artes, Educação infantil - Alfabetização e letramento e essas especializações possibilitam aos professores o acesso à formação continuada e uma maior capacitação profissional, porém, um dos problemas encontrados nessa tabela é que nenhuma dessas professoras cursaram mestrado, e esse dado aponta para uma cruel realidade da nossa região e do Brasil de maneira geral, que é o fato de como a pós graduação *stricto sensu* tem contemplado a poucos professores da educação básica.

³¹Uma das professoras tinha graduação em geografia e segunda graduação em pedagogia.

³² Com a reforma trabalhista lei 13467/2017. Funcionários aposentados, não podem mais continuar com matrículas ativas.

Dando continuidade à análise do questionário, indagamos as professoras sobre qual sua opinião sobre o uso de filmes na escola. Partindo do pressuposto que os filmes de maneira geral se constituem como uma importante ferramenta pedagógica, possibilitando a professores e estudantes a inserção em universos literários distintos e permitindo a troca de conhecimentos e o contato com experiências éticas e estéticas presentes na sétima arte, as falas das docentes apontaram para:

Cinderela afirma que o filme *“é um recurso muito rico pra se trabalhar com os alunos. A utilização de filmes como formas pedagógicas em salas de aula, independente da temática ou gênero que o professor escolher, pode despertar no aluno o interesse pelo conhecimento”*. A literatura de maneira geral, e os filmes mais especificamente, têm realmente esse potencial de proporcionar o contato com determinadas situações, muitas delas até para além do currículo formal.

Enquanto isso, a participante Elza compreende o uso dos filmes em sala de aula como *“uma boa ferramenta de desenvolvimento na formação crítica do alunado”*. O cinema, caso seja utilizado de maneira consciente e planejada, pode vir a contribuir com o desenvolvimento da criticidade dos estudantes, desde que fomenta discussões que os façam questionar seu lugar no campo social, histórico e econômico.

Já a participante Aladdin faz uma fala que dialoga bem com nossa pesquisa: *“na minha opinião, o uso de filmes nas atividades escolares é de certa forma tanto positivo quanto negativo pois o mesmo terá várias interpretações”*. Os filmes têm realmente essas características, tanto de apresentar pontos positivos, como negativos. Muitos filmes estão tomados de ideologias racistas, misóginas, homofóbicas e xenófobas, onde por exemplo excluem determinadas populações (negros, LGBTQ) e menosprezam outras (mulheres, negros). Porém, hoje, já conseguimos ter acesso a uma gama de filmes que possibilitam um olhar mais sensível e progressista a essas temáticas supracitadas, contribuindo assim para a criação de pequenas fissuras no tecido social hegemônico. Em três falas foram destacadas referência ao desenvolvimento da imaginação:

“Uma ótima ferramenta para despertar a imaginação e a criatividade.”
(FIONA)

“De suma importância para despertar a imaginação dos alunos.”
(ZANGADO)

“Excelente, pois as crianças tem uma imaginação nas alturas com os contos de fadas, cada filme tem um objetivo para ser trabalhado na sala com os discentes.” (JASMINI)

A construção da imaginação das crianças é um processo gradual e que não pode ser forçado ou apressado. Por vezes vemos as escolas conduzirem os processos imaginativos/criativos como algo que está “adormecido” e a qualquer momento pode ser acordado e colocado em prática. Quando na verdade, assim como outros processos cognitivos a imaginação/criatividade necessita ser estimulada para que possa se desenvolver. E esse desenvolvimento está necessariamente associado à tarefa de ampliar do universo cultural dos nossos estudantes. Tarefa essa que nossa escola tem falhado nos últimos anos, possivelmente pelo desinteresse do Estado nesse desenvolvimento que é visualizado mediante ausência de formação dos professores, condições precárias de trabalho ou ausência de materiais.

A próxima pergunta foi objetiva e buscou saber quais dos professores costumavam utilizar filmes em suas aulas com as crianças. Doze professores responderam que sim. Enquanto 4 responderam que não (Malévola, Zangado, Serena e Aladdin). Chama nossa atenção o fato de Zangado apontar para a importância de se usar filmes na sala de aula, porém não o fazer. Questionada mais à frente, Zangado afirma que não reproduz os filmes *“porque estou no reforço escolar e ainda não tive uma oportunidade adequada”*. Ou seja, o fato de estar fora de sala de aula no momento tem a impedido de reproduzir esses filmes.

Caso semelhante acontece com Serena que embora compreenda que o uso de filmes em sala de aula (*“ajuda no processo de aprendizagem dos alunos de forma dinâmica”*) também respondeu que não usa filmes em suas aulas. Indagada mais à frente, ela arremata afirmando que: *“Tenho dificuldade de trabalhar com esses materiais e preciso de ajuda”*. Nesse momento, vemos a fala de uma professora que não conseguiu se graduar, que tem como formação apenas o antigo normal, além de quase 40 anos de magistério que usando de toda sua humildade assume suas dificuldades e solicita ajuda. Mediante sua resposta inicial se mostra uma professora sensível à importância do uso do cinema no processo de ensino aprendizagem, porém tem sido vítima da ausência de formações continuadas que possam superar as lacunas da sua formação inicial. Infelizmente, muitos são esses casos, onde professores têm consciência da importância de determinadas ações e atitudes, porém, se veem de mãos atadas para executá-las por não terem tido oportunidades de acesso a formações ou momento de aprendizagens sistematizados, prejudicando assim o sujeito como professor e seus alunos.

Solicitamos então para as participantes que usavam filmes em sala de aula que dessem exemplos dos que já foram exibidos.

FILMES	MENÇÕES		FILMES	MENÇÕES
--------	---------	--	--------	---------

Chapeuzinho Vermelho	III		Pinóquio	I
Moana	II		PeppaPig	I
Cinderela	II		A era do Gelo	I
O Rei Leão	II		Tinker Bell	I
Branca de Neve	II		Vida de Inseto	I
Os três porquinhos	II		O bicho vai pegar	I
Pica pau	I		Bob Esponja	I
Extraordinário	I		A princesa e o sapo	I
Pantera Negra	I		Alice no país das maravilhas	I
Kiriku	I		Estrela de Belém	I
Intocáveis	I		Escritores da liberdade	I
Mãos talentosas	I			

*Os filmes em amarelo são aqueles que tiveram sua primeira exibição anterior a 1999.

Como exposto, vários foram os filmes indicados, sendo muitos deles em animações (Pica pau, Três porquinhos, Bob Esponja) e outros do gênero contos de fadas, como: Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e Cinderela. Fizemos esse questionamento para inicialmente mapearmos quais os filmes são utilizados por professores nas escolas e quais eram utilizados com maior frequência e em diferentes espaços. Além disso, buscamos notar em qual período histórico esses filmes foram gravados e refletir porque continuam a ser reproduzidos. Vale ressaltar que a maioria desses filmes são excelentes, e que não é o tempo em que foram gravados que os fazem serem relevantes ou não. O que queremos problematizar é: será que nossos professores não têm tido dificuldade em se atualizar sobre novas produções cinematográficas, tendo em vista que das 21 sugestões de filme, 13, ou seja, mais de 60% foram gravadas no século passado?

Seguindo, perguntamos se as professoras realizavam atividades relacionadas ao filme, antes e/ou após a exibição do mesmo. Do total, onze responderam que sim e cinco que não. Das que apontaram como sim, damos destaques às falas das participantes:

“Passo atividade de interpretação após o filme, produção textual escrito e oral”. (BRANCA DE NEVE);

“Trabalho antes explicando o tema do filme, depois com debates orais e desenhos explicativos dos objetivos propostos”.(JASMINI)

“Depende da temática que estou desenvolvendo. Posso solicitar antes e depois para realizar uma comparação. Ou realizo uma explanação sobre o tema e fecho com o filme e depois um diálogo. Ou deixo para realizar após o filme”. (POCAHONTAS)

O cinema pode contribuir de maneira significativa para a sistematização de conhecimentos ou habilidades já consolidadas ou não pelos estudantes. A professora Jasmini salientou a importância de explicar antes de exibir o filme o seu tema e do que ele tratará, ação essa importante como contextualização e disciplinamento do olhar das crianças. Contudo é preciso pontuar também que essa ação não necessariamente é imprescindível e que existem outras formas de se trabalhar. Uma das possibilidades é o exercício de permitir que os alunos reflitam e consigam compreender as nuances dos filmes a partir de uma experiência que não necessariamente precisa ser guiada, ou seja, exibe-se o filme sem a explicação e ao final discute-o. Ambas as possibilidades são válidas e com potencial para serem satisfatórias, mas ponderamos que nosso objetivo não é ranqueá-las, mas apresentá-las como propostas.

Respondida essa pergunta, as indagamos: Qual sua opinião sobre reprodução de filmes nas escolas sem o acompanhamento de atividade ao final de sua exibição? Constatamos que dez participantes responderam de maneira depreciativa essa ação. Vejamos alguns exemplos:

“Na escola, tudo tem que ser muito sistematizado porque senão o aluno não valoriza”. (ZANGADO)

“Fica um trabalho incompleto, pois as crianças comentam e adoram interagir através de teatro, desenhos”. (JAMINI)

“Acho que fica muito vago ... solto ... sem finalidade ... passar por passar ou porque não planejou...” (TIANA)

Fiona apresenta que essa atitude tornaria a exibição do filme como algo desmotivado e só para diversão e não para despertar aprendizado. Por vezes temos essa visão equivocada do fazer pedagógico, em alguns momentos pensamos aprendizagem e diversão como campos opostos e antagônicos, quando na verdade não são, ou pelo menos não precisam ser. O currículo educacional opera de modo a direcionar professores a ministrarem conteúdos por cima de conteúdos, buscando uma formação exacerbada formação cognitiva, porém em alguns momentos desmembrada da formação afetiva e psicológica, e isso é um erro. Freire (2016. p. 16) ressalta que “formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas”. É possível aprender se divertindo e também não é proibido ir para a escola para “apenas” se divertir, o espaço educacional necessita ser entendido como um ambiente que abraça, que alegra e que torna felizes nossos estudantes e professores.

De forma corriqueira, nós, enquanto professores ficamos tão presos às amarras do currículo formal, buscando sempre uma finalidade pedagógica e didática para nossas ações que não valorizamos a importância do brincar pelo brincar, do assistir pelo assistir e do ler pelo ler por exemplo, tanto que Zangado pondera: *“na escola, tudo tem que ser muito sistematizado porque se não o aluno não valoriza.”*. Certa vez, conversando com uma colega de trabalho, ela me dizendo que gostaria de fazer uma amarelinha no pátio da escola para que os alunos durante os intervalos das aulas e tempos livres tivessem condições de, a partir dela, desenvolver sua lateralidade, coordenação motora ampla, esquema corporal. Estou de acordo que a amarelinha pode desenvolver tudo isso, mas fiquei um pouco pensativo e me questionando. O nosso foco não deveria ser em primeiro lugar garantir que o aluno se divirta? Para além do desenvolvimento motor, e da finalidade pedagógica, será que colocar finalidades pedagógicas em primeiro lugar ajudará essas crianças a gostarem e sentirem prazer nessa atividade?

Situação parecida acontece com a leitura e com a exibição do filme. Se informado que ao final do filme o aluno responderá um questionário de 20 perguntas sobre o filme, essa ação o ajudará ou o atrapalhará na sua experiência enquanto espectador? Fazendo esse questionamento durante as oficinas, uma professora relatou que: *“mas isso aí me pegou. Eu ainda não tinha pensado que poderia passar um filme para que eles apenas assistissem. Sempre me prendia a atividade que viria depois, o conteúdo que estava trabalhando e como ligava os dois.”*

Outro ponto a se destacar sobre as finalidades pedagógicas é que nem os castigos escapam dela. Particularmente sou um crítico ferrenho a determinadas punições que de forma recorrente vemos sendo aplicadas nas escolas. Pensemos dois casos: um estudante que começa a “dar trabalho” em sala de aula, não fazer as atividades, conversar demais ou atrapalhar os colegas. Corriqueiramente, uma forma de contornar isso é castigar esse aluno sentando-o perto da mesa do professor. Então, estamos implicitamente afirmando para a criança que estar perto do professor é um castigo e que caso ele melhore, irá para outro lugar da sala. É assim que gostaríamos de ensinar nossos pequenos, que estar perto do professor é ruim?

Outro ponto é o castigo pela leitura. Digamos que uma criança aprontou alguma coisa, brigou, falou palavrão ou não cumpriu algumas das regras. A escola, muitas vezes erroneamente, penaliza esse aluno com a leitura de um livro ou texto. “Já que você fez isso, vai sentar aqui com a professora e ler esse livro” Essa atitude mais ajuda ou atrapalha ao desenvolvimento pelo gosto da leitura? É importante que as escolas de maneira geral

repensem suas atitudes com relação à supervalorização de finalidades pedagógicas no cotidiano escolar, para que não continuemos pecando em fazer com que situações que a priori devam ser prazerosas sejam utilizadas em momento de opressão e de aborrecimento para nossas crianças.

Na fala de Tiana: “acho que fica muito vago... solto... sem finalidade... passar por passar ou porque não planejou...”. Devemos aqui ressaltar que muitas vezes filmes são exibidos na escola de maneira aleatória e, de fato, sem o devido planejamento e cuidado, por vezes ocupando até aulas vagas de professores, porém a exibição livre de filmes, desde que planejada e organizada tem um potencial imenso para desenvolver a fruição estética dos nossos alunos, além de permitir a eles o contato com filmes que estão em voga no cenário mundial, mas que por inúmeros motivos não puderam assistir. Durante esse ano de 2022 estamos exibindo um filme por mês nas nossas aulas no fundamental I. Dois que podemos destacar são “A fera do mar” e “Lightyear”, filmes que entraram em cartaz no corrente ano e que conseguimos proporcionar que as crianças os assistissem durante o seu ano de lançamento.

Perguntamos também se as participantes gostavam de contos de fadas. Do total, quinze responderam que sim e uma que não. Feito isso, solicitamos sua justificativa:

“Porque é uma forma dos alunos trabalharem com textos que despertam o amor pelo conhecimento, pela aprendizagem.” (SERENA)

“Os filmes de contos eles sempre traz a mensagem de amor, união, esperança, coragem... amizade... e outros valores que cada vez estar ficando cada vez mais difícil...” (TIANA)

“É interessante a forma como é narrada, os personagens e um mundo tão fantasioso. Um mundo bem diferente da nossa realidade.” (RAPUNZEL)

No recorte das falas das professoras, vemos uma visão encantadora sobre os contos de fadas. Tiana aponta para os valores que esses filmes disseminam, tais como amor, esperança e coragem, complementando com Abramovich (1997. p.17) que faz uma reflexão sobre textos de maneira geral, mas que pode ser aplicada quando nos referimos a filmes, ela salienta que é “através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica.”

Foi questionado se os participantes utilizavam contos de fadas (de maneira geral) durante suas aulas. Quinze responderam que sim e apenas Cinderela respondeu que não. Ela relata que o motivo de não gostar dos contos é que “às vezes só aparecem o lado bom da vida”. De fato, muitas vezes essas histórias, sobretudo as animadas, apresentam finais felizes

como uma redenção pelo sofrimento vivido pelas personagens, mas nem sempre essas histórias foram entendidas dessa maneira. Quando essas histórias eram narradas na França no século XVIII apresentavam um mundo brutal e inescrupuloso:

A função das narrativas maravilhosas da tradição oral poderia ser apenas a de ajudar os habitantes de aldeias camponesas a atravessar as longas noites de inverno. Sua matéria? Os perigos do mundo, a crueldade, a morte, a fome, a violência dos homens e da natureza. Os contos populares pré-modernos talvez fizessem pouco mais do que nomear os medos presentes no coração de todos, adultos e crianças que se reuniam em volta do fogo enquanto os lobos uivavam lá fora, o frio recrudescia e a fome era um espectro capaz de ceifar a vida dos mais frágeis, mês a mês. (CORSO. 2006. p.16)

Perguntamos também em qual momento utilizavam esse recurso. Diversos foram os momentos citados, como na rotina diária, no momento em que o aluno está cansado de tanta exigência para tornar o momento prazeroso, quando se trabalha os gêneros textuais, na roda de leitura, Dia das crianças, folclore, contação de história por exemplo.

Foram indagadas como utilizavam esses contos de fadas e as respostas foram: através de textos, organizando a sala de aula e deixando à vontade, na roda de leitura, de forma estrategista de datas comemorativas, trabalhando um debate crítico do conto de fadas, através de texto com atividade trabalhando conhecimento com a resposta proposta pelo aluno, leitura compartilhada, teatro, fantoche e desenhos animados, utilizando datashow e TV.

Perguntamos se elas empregavam contos de fadas adaptados para o cinema para a sala de aula. Doze responderam que sim e quatro que não. Ao questioná-las sobre os objetivos recebemos as seguintes respostas: entreter; chamar a atenção dos alunos; trabalhar o gênero sinopse; mostrar que diante de fatos da vida a pessoa muda sentimentos e ações; despertar o gosto pelas histórias; desenvolver a criatividade, imaginação, emoções e sentimentos

Também perguntamos quais princesas/príncipes dos filmes de contos de fadas chamam mais sua atenção:

Princesas	Menções		Princesas	Menções
Branca de Neve	X		Maria	I
Cinderela	IX		Pocahontas	I
Rapunzel	IV		Mulan	I
Bela	III		Chapeuzinho Vermelho	I

Moana	I	Anastácia	I
-------	---	-----------	---

Nessa tabela, vemos como as princesas tradicionais estão ainda em voga quando pensamos nesses personagens. Com exceção da Moana que é uma princesa mais contemporânea. Todas as outras são de filmes que tiveram suas primeiras versões da década de 90 para trás. Isso mostra qual a matriz de referência das professoras e como precisamos estar nos atualizando quanto a essas novas produções.

Em seguida, apresentamos a imagem a baixo e pedimos para que analisassem as três Princesas (Branca de Neve, Cinderela e Aurora) e relatassem o que mais chamou a atenção ao vê-las

FIGURA 03. Branca de Neve, Cinderela e Aurora



Fonte: l1nq.com/Oy4bG - l1nq.com/QMVjb - l1nq.com/7Az2C

Aceso em 01 de junho de 2022.

Cabe salientar que deixamos essa pergunta bem aberta e subjetiva para que as participantes tivessem essa liberdade para a princípio visualizar o que quisessem, sendo assim tivemos respostas bem diversas, mas sobretudo, respostas direcionadas a meiguice, doçura e beleza:

São meigas e humildes. (SIMBA)

A simplicidade e ao mesmo tempo a elegância das três. (MALÉVOLA)

A beleza natural, as cores do vestido, os penteados dos cabelos, elegância. (JASMINI)

As vestimentas e as expressões corporais que indicam doçura e bondade. (MÉRIDA)

Uma das características dos contos de fadas é fazer a associação do ético ao estético, por isso, muitas vezes vemos as bruxas sendo maltrapilhas, com narizes pontudos e verrugas espalhadas pelo corpo. Enquanto príncipes e princesas com peles lisas, vestes limpas e coloridas, além de corpos sem marcas. “A fada, a princesa, a mocinha, são sempre protótipos de raça ariana: cabelos longos e loiros, olhos azuis, corpo esbelto, altura média, roupa imaculada.” (ABRAMOVICH, 1997, p. 36)

Essa associação não foge à fala das professoras que também acabam por fazê-las, vendo princesas bem-vestidas e as associando a pessoas simples e doces. Essa característica é potencializada pela imagem em movimento produzida pelo cinema que “fala por meio das imagens, que se transformam em ideias e juízos. O cinema impõe ideias com mais força do que o livro, porque este fala sobre as coisas, enquanto o cinema as mostra diretamente” (DIDONET *apud* ZANONI, 2017, p. 4).

Das dezesseis respostas, duas precisam ser destacadas, pois apresentam ponderações sobre os estereótipos dos personagens e como estes devem ser levados em consideração. Rapunzel e Tiana respectivamente chamam nossa atenção para “*as vestimentas e o padrão do corpo.*” E que “*todas seguem o mesmo padrão...de beleza...o rosto é o mesmo...a cor da pele...*” Durante a realização das oficinas debatemos sobre essa padronização da beleza dos contos, mas regressaremos a essa discussão posteriormente, ao analisarmos o Questionário 2.

Fizemos o mesmo exercício só que agora com os príncipes. Pedimos para que os analisassem, apresentando o que mais chamou a atenção ao vê-los. (Florian, Encantado e Philip)

FIGURA 04. Florian, Encantado e Philip

Fonte: l1nq.com/dyvrX - l1nq.com/3OsfR - l1nq.com/BnSZl

Aceso em 01 de junho de 2022.

Nesse momento, podemos notar respostas mais sucintas, provavelmente pela fadiga dada a extensão do questionário ou pelo fato de os príncipes não serem tão atrativos para esse público como as princesas. O mais recorrente foi falar da postura e beleza dos príncipes, além de suas elegâncias e cavalheirismo. Destacamos as falas de:

As roupas de época, os rostos lindos, charme. (JASMINI)
A forma de serem cavalheiros e sempre ser do bem. (MOANA)
Todos são lindos. Perfeitos! (CINDERELA)
Postura, vestimentas. (POCAHONTAS)

Mais uma vez vemos a associação do belo ao bom, porém nesse momento sendo somado ao fato da postura, seja realçando o cavalheirismo ou a uma postura mais “imponente”. Diante dessas falas, novamente destacamos a de Tiana que pondera que: “*Os príncipes também seguem um padrão de beleza, a cor da pele também...*” fazemos essa menção pois no segundo questionário afirmações como essas se repetiram e precisaremos fazer esses contrapontos.

Solicitamos também que as professoras sugerissem três filmes (independente do gênero) para serem reproduzidos em turmas do fundamental 1 e que se preferissem poderiam descrever a turma. Ex: Branca de Neve para a turma do 2º ano. Seguem as sugestões:

Filme	1º ano	2º ano	3º ano	4º ano	5º ano	Apenas menção
Chapeuzinho vermelho	I	I		II		I
Pinóquio	I	II				I
Os três porquinhos	I	I				
Branca de Neve e Os Sete Anões	I	I	I	I		I
Encantado	I					
A Bela e a Fera		I	I	I	I	II
João e Maria			I	I		I
A pequena Sereia		I				
A princesa e o Sapo			I			
Cinderela				I	I	I
O bicho vai pegar				I	I	
Frozen - Uma Aventura Congelante				I		
MULAN				I		
Malévola					I	I
O Patinho Feio						I
Rei leão						I
Tarzan						I
Moana						I
Enrolados						II
Rapunzel						I
Irmão urso						I
Anastácia						I

*Os filmes em amarelo são aqueles que tiveram sua primeira exibição anterior a 1999.

Pertinente fazermos essa sugestão de filmes para termos consciência do repertório dos nossos professores atualmente. Temos discutido que nos últimos anos tem sido produzidos filmes com uma maior sensibilidade para as lutas e demandas de povos historicamente oprimidos (negros, mulheres), como os citados acima Enrolados, Moana e A princesa e o Sapo, que já conseguem dar conta de pluralizar mais a etnia dos personagens, como as representações de personagens femininas mais atuantes. O problema identificado a partir dessa pesquisa é que

uma grande parte dos professores não conseguem ter acesso a essas novas produções cinematográficas, fazendo com que fiquem muitas vezes reféns de produções mais tradicionais. Tanto que das quarenta e seis sugestões de filmes, trinta e cinco datam de filmes produzidos ainda no século passado totalizando 76% dessas indicações. É sempre importante destacar que não estamos defendendo que filmes antigos são ruins e novos são bons. Pelo contrário, um dos pilares dessa pesquisa é que todas as animações têm pontos positivos e negativos, e que todas elas precisam ter espaço nas escolas. O nosso ponto de discussão é que precisamos garantir que esses professores tenham acesso a essas novas produções cinematográficas.

Outra questão sensível foi como (TV ou data-show) e onde (sala de aula, sala de vídeo, pátio) são reproduzidos os filmes com sua turma. Solicitamos também que relatassem sobre dificuldades ou facilidade em reproduzir esses filmes. Nesse momento buscamos entender quais estratégias e obstáculos nossas participantes enfrentavam.

A partir da fala das professoras, quanto às ferramentas utilizadas, duas reproduzem em TV, seis em datashow, Branca de Neve relatou que reproduz os filmes “*com o meu celular na sala de aula*”. Já no que diz respeito ao espaço, sete reproduzem na sala de aula, uma na sala de multimeios e três não estão conseguindo fazer essa reprodução ainda.

Primeiro quanto ao equipamento e material necessário. Num plano ideal, onde se dispõe de materiais e espaço adequado (realidade diferente de muitas das nossas escolas) o estudante deveria ser levado para uma sala específica para a reprodução do filme, onde a acústica fosse boa e ruídos externos não atrapalhassem a experiência da sessão. O filme pode ser reproduzido em datashow ou em televisor desde que com polegadas suficiente para que todos os alunos consigam assistir, e com imagem e áudio em alta qualidade. Na ausência desse espaço a sala de aula serve como alternativa para essa reprodução. Dito isso, como sabemos que muitas vezes não encontramos essa realidade, precisamos fazer adaptações e ajustes e a partir disso dialogaremos com as falas das nossas participantes e como elas têm buscado minimizar esses problemas.

A precariedade de espaço e materiais, somado a ausência de formação continuada para auxiliar os professores com o uso dessas tecnologias atrapalha na reprodução de filmes na escola. A professora Mérida corrobora essa reflexão ao afirmar que “*geralmente, (reproduzo filmes) na sala de aula com o uso do datashow. A principal dificuldade é a precariedade dos equipamentos disponíveis.*” (grifo nosso). Já a professora Pocahontas demonstra mais desenvoltura no uso das tecnologias: “*sempre utilizei TV ou Datashow. (quanto ao local) Depende da disponibilidade no dia de agendamento. Sempre tive facilidades na utilização das*

ferramentas.” (grifo nosso). A professora Cinderela arremata que as exposições são feitas: *“na sala de multimeios, onde temos um cinema”*.

Somado a esses relatos exitosos, também temos os de professoras que sofrem pela precariedade de materiais, o que escancara uma dura realidade das nossas escolas que mesmo públicas, pertencentes ao mesmo município são tão diferentes em relação a seus materiais e espaços. A professora Malévola dá seu depoimento dizendo que: *“na escola não tem como usar, porque não tem aparelho”*. Já Elza relembra que: *“a velocidade da internet disponível dificulta a execução”*.

Para encerrar essa primeira parte da pesquisa, questionamos o que elas entendiam por ideologia. Assim como o termo não tem uma única definição, também tivemos várias compreensões diferentes sobre o que seria esse entendimento por ideologia. Em um primeiro momento vemos uma associação do termo ideologia como sinônimo de ideias, conseguimos visualizar isso nas falas de Simba, Branca de Neve e Moana respectivamente: *“são ideias, valores, a forma de agir de uma pessoa ou grupo”*; *“são ideias, pensamentos”*. E *“pode se representar pelo pensamento, ou um conjunto de ideia e valores”*.

Também podemos notar essa definição associada ao entendimento de valores, sejam eles compreendido de várias maneiras, vejamos as respostas:

“São os valores do ser humano de pertence a um grupo que tenha sua própria ideologia” (FIONA)

“Conjunto de ideias, princípios, valores, pensamentos e doutrinas de um indivíduo ou determinado grupo, orientado para suas ações sociais e políticas.”(JASMINI)

“É um modo de pensar e agir de acordo com determinados valores” e Cinderela *“Ideologia é uma maneira de pensar. São suas idéias, valores e princípios resumidos.”* (MÉRIDA)

“Um valor ... ideal...sonho a ser alcançado...determinação em buscar, lutar pelo que acredita...e não desiste...acreditar” (TIANA)

Mediante a análise do Q1 podemos notar que em muitos casos existe uma grande dificuldade nos professores compreenderem os significados de ideologia, além de um baixo repertório de filmes de animações mais atuais, isso somado a um entendimento confuso sobre o cinema como ferramenta pedagógica. Dessa maneira, organizamos nossa formação buscando superar essas lacunas e expandir o universo cinematográfico dos professores. Assim, organizamos oficinas expositivas e dialogadas, onde apresentamos alguns discursos ideológicos presentes nos filmes de animação e posteriormente solicitamos que assistissem ao filme A Pequena Sereia e apontassem em roda de conversa quais discursos ideológicos estavam presente nesses filmes (capítulo posterior). Ao fim das oficinas, submetemos os participantes a um

segundo questionário, onde confrontamos as respostas e compreendendo se houve consolidação ou não dos conceitos sistematizados durante a formação.

V. A SEREIA É PEQUENA, MAS A REFLEXÃO É GRANDE

Antes de analisarmos o filme e apresentarmos o que fora discutido nas oficinas, cabe fazermos uma breve sinopse do filme: Ariel é uma sereia adolescente que mora no fundo do oceano num reino chamado Atlântida. Ela é uma princesa, pois é filha do Rei Tritão e tem como amigo o peixe chamado de Linguado. Pelo fato de Ariel se aventurar demais fora de Atlântida, seu pai designa o caranguejo Sebastião para segui-la e informa-lo das ações de Ariel. Durante um dia, Ariel salva o príncipe Erick de um afogamento, cabe explicitar que o contato com pessoas é estritamente proibido para as sereias, pois os humanos são vistos como inimigos dos seres do mar. Após salvá-lo, a princesa canta para o príncipe que mesmo inconsciente e sem ver a princesa, se apaixona por sua voz. Ariel mantém essa informação em sigilo para que seu pai não descubra, para além disso, a princesa encontra diversos objetos de humanos, como castiçal, óculos e colheres, fazendo uma coleção de todos esses “tesouros”. Após o desenrolar da história, seu pai descobre o fascínio de Ariel pelo mundo da superfície, e que está amando um humano, então, decide destruir todos os objetos colecionados por Ariel. A princesa procura Úrsula para que ela lhe ajude a ir a superfície, a feiticeira se compromete a dar um par de pernas a Ariel se ela a entregasse sua voz, acordo aceito por Ariel que vai até a superfície com a missão de fazer o príncipe se apaixonar por ela mesmo sem falar. No final do filme, Erick e Ariel conseguem vencer Úrsula, Tritão concede pernas a Ariel e permite que ambos vivam na superfície e se casem.

5.1 ANALISANDO O FILME A PEQUENA SEREIA

O filme A pequena Sereia foi assistido por todas as integrantes da pesquisa e discutido durante um encontro. As participantes foram separadas em duas equipes, uma de nome Sebastião e outra de nome Linguado. Foi destinado um tempo para que as equipes debatessem entre si e elencassem pontos para serem socializados em grupo. Nesse momento, o pesquisador não participou, as professoras ficaram à vontade para refletir sobre possíveis conteúdos ideológicos e situações que lhes atravessaram de alguma maneira. Encerradas as discussões em grupo, socializamos os pontos elencados pelas equipes de maneira dialogada, nesse momento, enquanto pesquisadores, fizemos intervenções e considerações sobre os pontos abordados.

No início da socialização coletiva as participantes foram questionadas sobre a experiência de assistirem contos de fadas, logo, houve falas como: *“foi muito bom voltar a assistir esse tipo de filme”*; *“assisti ele (o filme) com minha filha, ela gostou bastante, senti*

que estava me conectando com ela”; “tinha assistido ele (o filme) na infância, não lembrava que era tão bom”; “quando eu era pequena, meu sonho era ser uma sereia.”

O contato com os contos de fadas e com a literatura infantil tem essa característica de trazer um certo encantamento a quem os assiste, as produções literárias atravessam seus espectadores de maneira individual e significativa. Podendo despertar sentimentos diversos e representações. Além do mais, essas produções, pelo fato de serem destinadas ao público infantil, não podem ser esgotadas apenas com crianças: adolescentes e adultos também podem se emocionar e gostarem de assistirem esses filmes, afinal, ter contato com produções literárias é também:

Suscitar o imaginário, é ter curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões (como as personagens fizeram...) é uma possibilidade de descobrir o mundo imenso dos conflitos, dos impasses, das soluções que todos vivemos e atravessamos - dum jeito ou de outro - através de problemas que vão sendo defrontados, enfrentados (ou não), resolvidos (ou não) pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo)... É a cada vez ir se identificando com outra personagem (cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança)... e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas... (ABRAMOVICH, 1997. p 17)

Cabe o destaque que antes dessa oficina, aconteceram outras, onde foram apresentadas às professoras definições de ideologias e como elas agem nos contos de fadas, muitas vezes colaborando para uma colonização cultural e manutenção de estereótipos de beleza, felicidade e família por exemplo.

As apresentações das equipes foram feitas de maneira alternada, onde cada grupo destacava uma situação que chamou a atenção, e que caso convergisse com um ponto frisado pela outra equipe, essa, ao final da fala poderia complementá-la. Nós como pesquisadores tomamos uma posição de mediação e de provocação, deixando as participantes bem livres e a vontade para elaborarem seus discursos.

A equipe Linguado começou destacando o tipo físico da vilã Úrsula. Em uma das falas foi dito: *“não gostei da vilã ser gordinha. Por que ela é gorda e a pequena sereia é magra? Depois desse filme, comecei a pesquisar outras vilãs e fiquei muito revoltada quando eu vi a quantidade de pessoas (personagens) do mal gordas e pessoas (personagens) do bem magras.*

Invariavelmente a bruxa, o gigante e outras personagens são extremamente feias, ou até monstruosas, grotescas ou deformadas, fazendo com que o afastamento físico, a repulsa instintiva, a reação da pele sejam o detonador do temor e do medo, e não a ameaça emocional do que elas representam - de fato

- para a criança... afinal, a bruxa não é mostrada como um ser misterioso, enigmático, que conhece e domina outros saberes, que pode até ser muito sedutora e atraente (e por isso perigosa e ameaçadora). (ABRAMOVICH, 1997. p 36)

Nessa fala a professora conseguiu suscitar uma discussão pertinente entre a associação do bem ao magro e do mal ao gordo, onde o ético se entrelaça e perigosamente se mistura ao estético. Não seremos levianos aqui de dizer que todas as vilãs são gordas, porque não são. Mas temos que discutir como a presença de vilãs gordas como Úrsula e a Rainha de Copas em Alice no país das maravilhas pode contribuir para a construção de um imaginário coletivo de discriminação e opressão a pessoas mais pesadas, sobretudo para crianças. Por isso, diante desse cenário nos questionamos: onde estão as princesas e príncipes gordinhos?

FIGURA 05. Úrsula de perfil



Fonte: encurtador.com.br/wDLU7 Acesso em 01 de setembro de 2022.

A equipe Sebastião destacou um ponto que também foi apresentado pela equipe Linguado que é a situação da estereotipação da beleza desses contos, sendo a quantidade exorbitante de príncipes e princesas brancas e com cabelos lisos. Uma professora chegou a relatar: “quando eu bati o olho no filme, já vi logo que a princesa era branca, o príncipe era branco, o rei do mar era branco. Passei o filme todo procurando um personagem negro e não encontrei”. De fato, os filmes de contos de fadas, assim como na nossa sociedade trazem a

marca de um racismo que é estrutural e que deve ser combatido, e garantida a popularização de diversas etnias nesses contos.

Durante a escrita desse trabalho, foi anunciada a versão da pequena sereia em *live action*. Essa informação por si só não deveria causar espanto, pois nos últimos anos temos vários filmes da Disney ganhando versões em *live action* (Timão e Pumba, Bela e a Fera, Mulan) mas uma situação que não deveria causar tanto espanto, mas gerou polêmicas nos últimos dias, foi a escolha da atriz Halle Bailey para interpretar a pequena sereia, o problema gira em torno da atriz ser negra, enquanto a Ariel da animação é branca.

Atualmente, existem desde petição na internet para mudar a atriz, a xingamento e ameaças nas redes sociais de Halle e tentativa de boicote a Disney pela escolha da atriz. As desculpas para maquiar o racismo vão desde dizer que isso foge às origens da sereia, ou que não existem sereia negras (SÃO SEREIAS QUE NÃO EXISTEM, DE NENHUMA COR DE PELE) e até mesmo acusações de que Halle é feia. Tudo isso para esconder o real motivo da desaprovação: O racismo presente nessas acusações e a dificuldade em aceitar mulheres negras em posições de destaque.³³ Um ponto que deve ser destacado é que mesmo após as oficinas terem sido encerradas, algumas participantes me mandaram mensagem, comemorando o fato da Ariel nessa versão ser negra.

Conforme a discussão continuava, uma professora do grupo Sebastião comentou que se sentiu representada em Ariel, pois para sair precisava levar o Sebastião.

“Me lembrei da minha juventude. Era um saco! Só podia ir para a festa se meu irmão, quase dez anos mais novo, fosse comigo, eu podia era querer, mas papai só deixava se meu irmão fosse. E tinha uma coisa, tinha que ficar perto dele o tempo todo, igualzinho o caranguejo. Agora pense aí, você querer namorar e um menino de 9 anos no seu pé direto (Sebastião).”

Nesse momento iniciei a discussão sobre a prisão e constrangimento que mulheres são submetidas, e que por vezes o cárcere não é apenas físico, mas também protecionista, buscando a vigia e disciplinamento de ações, situações que acontecem nos contos de fadas, e que funcionam como reforço para a compreensão equivocada na nossa sociedade que mulheres são delicadas, ingênuas, vulneráveis e precisam ser salvas a todo momento. Enquanto o mundo deve ser conquistado pelos homens, as mulheres precisam de permissão para apenas, sair casa.

³³ Fenômenos semelhantes ocorreram quando foi anunciado a criação de uma animação que girava em torno de um Homem Aranha negro, Miles Morales. E quando Michael B. Jordan foi escalado para dar vida ao Tocha Humana em o quarteto fantástico.

[...] Com as práticas – de desumanização e de subordinação de conhecimentos – que privilegiam alguns sobre outros, “naturalizando” a diferença e ocultando as desigualdades que se estruturam e se mantêm em seu interior.[...] (WALSH, 2009. p. 23)

Aproveitando o gancho da fala dessa professora, outra participante da mesma equipe disse que também se sentiu representada na Ariel, quando o Tritão, ao descobrir que Ariel coleciona itens dos humanos, e que estava apaixonada por um, chega a destruir todos. Ela relata: *“em casa foi do mesmo jeito, quando meu pai descobriu as cartinhas de amor que recebia. Rasgou todas elas e disse para eu não inventar de namorar porque era muito nova. Devia ter uns 13, 14 anos na época”*

Assim acontecem com várias crianças e adolescentes quando seus pais se deparam com situações que estão relacionadas a namoro, gênero, sexo ou sexualidade (não confundir com sexualização): o mais fácil é proibir, brigar, nesse caso, rasgar. Mas é dever dos pais estabelecerem uma conversa franca com seus filhos sobre namoro, proibir, quebrar, rasgar não é a melhor saída. Nesse momento esses adolescentes precisam ser orientados, para que tenham consciência dos seus atos e como eles reverberam em suas vidas. O fato dos pais e professores não quererem que as crianças e adolescentes falem ou pensem sobre namoro e sexo não vai impedi-los de falarem e pensarem sobre namoro e sexo.

Outra discussão levantada foi como o namoro e a sexualização é permitida aos meninos e negadas as meninas, mas é permitida aos meninos heterossexuais, aos bissexuais ou aos homossexuais esse mesmo direito é negado. Precisamos ter consciência dessas situações de opressão e permissividade sexuais que são permitidos ou negados a diferentes corpos e nos questionar sempre: por que a sociedade tem percepções tão diferentes entre corpos de homens e de mulheres?

A equipe Linguado também ponderou sobre a Gaivota que dá informações erradas sobre os objetos dos humanos que Ariel encontra no oceano. Em algum momento do filme a princesa leva um garfo para a gaivota que diz se tratar de um “abolozumba” objeto usado pelos humanos para “endireitar o cabelo”. Uma professora citou que gostou das novas utilidades dadas aos objetos e que: *“daria uma excelente atividade para fazer com os meninos, colocar eles para dar novos significados e utilidade aos objetos”*. Outra professora se preocupou com o fato de Ariel estar sendo enganada pela gaivota. *“é engraçado os novos significados, mas é tão ruim quando queremos saber para que serve algo e quem nos ensina, nos ensina errado.”*

Compactuamos com ambas as reflexões, porém quando assistimos ao filme, essa cena nos remeteu a Paulo Freire quando ele reforça que na educação temos algumas pessoas

influentes que se acham os sabichões da educação e que não devemos aceitar suas informações de maneira passiva, mas sim analítica. Para isso, Freire (2013, p. 35-36) critica que devemos:

[...]recusar o papel de puras seguidoras dóceis dos pacotes que sabichões e sabichonas produzem em seus gabinetes numa demonstração inequívoca, primeiro, de seu autoritarismo, segundo como alongamento de seu autoritarismo, da sua absoluta descrença na possibilidade que tem as professoras de saber e de criar.

Uma provocação feita por nós foi o preço que é pago por Ariel para poder se tornar humana. Sua voz. Ariel entrega sua voz a Úrsula para que ela lhe dê pernas para viver na superfície. Durante o ritual de retirada da voz da mulher Úrsula canta:

O homem abomina tagarelas
Garota caladinha ele adora
 Se a mulher ficar falando
 O dia inteiro e fofocando
 O homem se zanga, diz adeus e vai embora
 Não vá querer jogar conversa fora
 Que os homens fazem tudo pra evitar
Sabe quem é mais querida?
É a garota retraída!
E só as bem quietinhas vão casar! (Grifo nosso)

Úrsula na sua música reproduz falas machistas e que são pertinentes de serem discutidas. Sobretudo o comportamento feminino, que está atrelado ao comportamento calmo que as mulheres são orientadas desde a infância a terem. Quantas vezes já vimos o discurso que coíbe meninas pelo seu comportamento mais agitado, “isso não é comportamento de menina”. Para isso Bento (2006, p. 90) reflete:

A infância é o momento em que os enunciados performativos são interiorizados e em que se produz a estilização do gêneros: "Homem não chora", "Sente-se como uma menina!". Esses enunciados performativos têm a função de criar corpos que produzam as performances de gênero hegemônicas. Conforme sugeriu Butler são novas evocações ritualizadas da lei e heterossexual.

E quanto à voz? Talvez esse seja o maior dos preços a serem pagos. Quantas mulheres são silenciadas em casamentos abusivos e opressores? Quantas mulheres historicamente tiveram suas produções silenciadas? Essa metáfora chega a ser explícita. Para amar você deve perder seu direito de voz. Ou seja, sua fala. E mais uma vez mostra as concessões que as mulheres precisam fazer para serem aceitas, diferente dos homens. O príncipe, por exemplo,

não precisou fazer nenhuma concessão para se entregar ao amor. Foi Ariel que entregou sua própria voz, foi Ariel que ficou longe do pai, foi Ariel que abandonou seus amigos, foi Ariel que subiu a superfície.

Também foi provocado por nós o fato desse conto (e tantos outros) acontecerem em monarquias, que se por um lado é bom pensar e imaginar contos em universos fantasiosos e imaginativos, por outro, corremos o risco de estarmos propagando a ideologia de acreditar que os reis e princesas estão associados a pessoas boas e benevolentes. Situação essa que a história da humanidade provou não verdadeira.

Nos contos eles são mostrados como benfeitores e lutadores dos direitos dos flagelados, mas, na história, foram poucos os reis que tiveram tal atitude. Na realidade eles aumentavam os impostos, escravizavam seu povo, racionavam alimento à população enquanto comiam banquetes. (SILVA, 2016. p. 43)

Pois bem, esses foram alguns pontos de destaque e de análise coletiva do filme “A Pequena Sereia”. Agora, nos debruçaremos em analisarmos os questionários iniciais e finais dos professores sobre seus conhecimentos prévios sobre o processo ideológico nos contos de fadas e sobre os conhecimentos consolidados ao fim das oficinas.

VI. VOU PLANANDO E SUBINDO, PARA O IMENSO AZUL DO CÉU...

Feita a análise do primeiro questionário, nesse momento nos propomos a dialogar com as respostas do segundo questionário (Q2). Após as oficinas, submetemos os participantes a um novo questionário a fim de perceber quais aprendizagens foram consolidadas e quais foram as compreensões apreendidas sobre a relação ideologia e cinema pelas professoras. Cabe salientar que durante as oficinas quatro professoras desistiram da participação na pesquisa, fazendo com que concluíssemos o trabalho com doze participantes.

6.1. QUESTIONÁRIO 2 E MAIS PROVOCAÇÕES:

A primeira indagação feita a elas foi: quais aspectos ideológicos dos contos de fadas discutidos na formação mais lhe surpreendeu ao ser discutido? As respostas foram satisfatórias e percebemos que as professoras invariavelmente conseguiram apresentar pontos que foram discutidos durante as oficinas. Dentre as falas realçamos:

“O padronização de beleza, a aparência, a cor da pele branca, o cabelo liso e corpo magro.” (BRANCA DE NEVE)

“A padronização de beleza, O rei branco tem direito a felicidade, os personagens magros tem os seus privilégios, as princesas são brancas e magras e os personagens gordos são considerados detestáveis entre outros...” (RAPUNZEL)

*“Padrão de beleza (desconstruir) *conceito bom e belo X feio e ruim.” (MERIDA)*

“As ideias da diversidade dos personagens explicada no contexto da fala.” (SERENA)

A ideologia da padronização da beleza foi um tema recorrente nas falas das professoras, evidenciando que esse termo foi relativamente bem apropriado pelas participantes. Durante as oficinas ponderamos sobre a capacidade de reforço ao discurso ideológico de construção de estereótipos de beleza que esses contos podem produzir e como eles também podem ajudar também a desconstruí-los, inserindo quando possível personagens de outras etnias, corpos e gêneros.

A segunda pergunta esteve direcionada ao gosto pelas princesas favoritas, e se após as oficinas elas permaneciam as mesmas ou se foram mudadas durante o percurso, a partir das novas princesas apresentadas e dos debates estabelecidos.

“Não, pois eu não analisava os estereótipos de beleza e não trazia os contos para a nossa realidade”. (BRANCA DE NEVE)

“Existe um conflito...daí, ainda existe o felizes para sempre...porém ha uma mudança ao modo de ver que determinados costumes são vencidos...e a forma de pensamento também...existe aceitação...” (TIANA)

“Pois a identificação com cada personagem é dada pelo primeiro contato do telespectador” (SERENA)

Antes de refletirmos sobre as respostas, é necessário elucidar algumas situações sobre a pergunta. Buscamos a partir das questões refletir sobre quais os personagens que nos representam e porque nos sentimos representados por eles. Quais características sentimentais, físicas e comportamentais nos aproximam de determinados personagens e não de outros. Durante as oficinas fora comentado sobre a animação “A fera do mar”, longa que traz uma garotinha negra que ao invés de caçar e assassinar monstros marinhos como a tradição sugere (ou melhor, o discurso ideológico enraizado na população), busca compreender os motivos que fazem os seres humanos caçarem esses monstros, possibilitando a compreensão de que as feras apenas se defendem dos ataques dos homens. Apontando para uma situação onde são os homens que perturbam a paz dos monstros e não vice-versa, porém, o discurso ideológico, presente nos livros de histórias faz a população acreditar que as feras são inimigas e isso faz nossa heroína se questionar: quem escreve essas histórias e com qual finalidade as escreve? Após essa sugestão, uma professora abriu o microfone, perguntou o nome do filme mais uma vez e disse que o iria trabalhar com seus alunos na semana seguinte. Trazemos essa situação porque é necessário que nossos professores tenham ampliado seu repertório cinematográfico, para poder contribuir na apresentação de personagens que tenham alguma identificação com as crianças.

Serena fala sobre esse primeiro contato do espectador com o personagem e como ele por vezes é apaixonante ao ponto de fazer com que a criança se identifique imediatamente com ele. Esse ano (2022), durante a disciplina de literatura e cinema³⁴ foi exibido o filme de animação “Mulan” e após a animação, quando discutíamos em grupo sobre os pontos que cada um julgou mais sensível uma estudante que vem passando por conflitos de gênero chegou a chorar no seu depoimento. Relembrou que quando cortou seu cabelo longo, transformando-o em chanel, sua família e especialmente sua mãe havia brigado com ela, a impedindo de ir ao aniversário de uma prima por conta disso, e que além do mais, após a pandemia quando regressou à escola com o cabelo cortado, sentiu uma repulsa de alguns professores e colegas, chegando a ouvir que estava “mesmo um doidim” com aquele cabelo.

³⁴ Componente eletivo ministrado com alunos do fundamental II

FIGURA 06. Mulan cortando o cabelo

Fonte: l1nq.com/8Pjuk Acesso em 01 de dezembro de 2022.

Por esse motivo é que o fato de essa aluna assistir ao filme Mulan e ver a personagem cortando os cabelos para poder ir para a guerra a atravessou de uma maneira que a fez se emocionar durante o filme e durante a socialização, chegando a comentar durante a aula que ninguém sabe o que ela passa e ninguém sabe o que ela sente e que seu corte de cabelo marcou uma mudança na sua vida³⁵.

Quando produzimos conhecimento, argumenta Bell Hooks, nossos discursos incorporam não apenas palavras de luta, mas também de dor - a dor da opressão. E ao ouvir nossos discursos, pode-se também ouvir a dor e a emoção contidas em sua precariedade: a precariedade, ela argumenta, de ainda sermos excluídas/os de lugares aos quais acabamos de “chegar”, mas dificilmente podemos “ficar”. (KILOMBA. 2016. p. 59)

Ao passo que a escola deveria ser esse espaço que acolhe as diferenças e as socializa na busca por respeito e equidade, por vezes ela acaba segregando e não sendo democrática ao ponto de excluir estudantes por variáveis motivos e diferentes preconceitos. Expandindo um pouco mais a reflexão, podemos pensar também em autor@s que a partir da sua obra poderiam colaborar para a construção de identidades sejam ela de gênero, etnias ou classes sociais, por exemplo, citemos o caso de Carolina Maria de Jesus, escritora negra, favelada e que não recebe

³⁵ Novamente, é difícil não se emocionar ao escrever sobre esse caso

o devido reconhecimento pela sua produção literária muito pelo fato da sua condição de gênero e étnica.

É preciso democratizar e pluralizar os personagens dos contos, mas também quem os escreve, para que no tocante a esses casos, nossas alunas negras possam crescer sabendo que existem escritoras negras e compreender porque elas são historicamente silenciadas e a quem interessa esse silêncio. E no bojo dessa produção de referências, os contos de fadas e as produções cinematográficas de maneira geral podem contribuir para enxergarmos e nos identificarmos ou nos distanciarmos com diversos personagens, como no caso citado acima.

Na terceira pergunta fizemos novamente o questionamento sobre a imagem das princesas Branca de Neve, Cinderela e Aurora (imagem 03) e o que chamava a atenção ao vê-las. Nesse momento buscamos compreender se as oficinas auxiliaram para um direcionamento do olhar em relação às discussões realizadas. Notamos nas respostas das professoras uma propensão para a fala sobre os estereótipos de belezas e suas padronizações.

Dentre as afirmações destacamos:

“Todas com cabelos lisos e peles claras.” (MOANA)

“Agora eu vejo as características, a cor, a magreza, a sexualidade e também o que acontece na realidade de cada conto.” (BRANCA DE NEVE)

“O padrão de beleza que elas representam....” (TIANA)

“O corpo”. (RAPUNZEL)

“A cor da pele sempre clara, a postura, aspectos físicos sempre deslumbrante.” (POCAHONTAS)

“São brancas, aspectos simpáticos, são bonitos, bom aspecto” (MALÉVOLA)

Branca de Neve no primeiro questionário sobre o que chamou sua atenção nas princesas relatou sobre *“a roupa, a simplicidade e a meiguice de Branca de Neve”* porém, após as oficinas conseguiu perceber elementos mais elaborados e críticos sobre as imagens, chegando a comentar que: *“agora vê as características”*. Dando um tom a sua resposta como se sentisse cega ou sem enxergar essas particularidades durante todos os anos. Acontece que essas características estão há bastante tempo nesses contos, porém fomos educados e condicionados a não as reparar, a não prestarmos atenção nas ausências de personagens de diversas culturas, etnias e gêneros ou em comportamento que reforçam ideologias machistas e misóginas, como o fato de mulheres costumeiramente fazerem o trabalho doméstico.

Já a participante Malévola, quando questionada pela primeira vez, se atentou para a simplicidade e a elegância presente nas princesas, mas, nesse momento, conseguiu manifestar atenção para a presença da pele branca presente nas três princesas. Enquanto isso, Pocahontas

apontou no primeiro questionário as vestimentas, postura e delicadeza das princesas, contudo no segundo questionário já se sensibilizou a ponderar sobre os aspectos físicos e de pele, mas ambas conseguiram compreender como o fato da falta de princesas e príncipes negros é um problema, quando condicionado a relação entre o branco ao bonito e limpo e o preto ao feio e sujo.

Em consequência, o modelo de beleza branca pode estar se tornando desejável. As crianças não-brancas passam a admirar e desejar para si esta estética, a exemplo do que diz a pequena. Denise (negra): “É, eu disse para minha professora que eu não queria ser preta, eu queria ser com a Angélica. Ela é bonita. (CAVALLEIRO. 2000, p. 65)

Temos consciência da subjetividade da nossa pergunta. Quando perguntamos o que chama a atenção durante o olhar das imagens, várias possibilidades podem ser apontadas e observadas, e nesse momento não existem respostas certas ou erradas, o que estamos fazendo é optar por usar a mesma pergunta para que pudéssemos notar se algumas professoras fariam essa associação entre as princesas e estereótipos de beleza, tomando assim posições mais críticas sem serem impelidas pela pergunta a fazer essa relação. Além do mais, faz necessário explicar que o fato de não responderem nesse momento sobre assuntos relacionados às oficinas não faz da resposta mais ou menos crítica

Durante nossas oficinas apresentamos duas imagens (figura 07) e a partir delas indagávamos nossas participantes sobre um aspecto aparentemente simples. Qual desses personagens apresentados tinham namorad@s. O objetivo era fazer com que elas refletissem sobre de que modo o entendido como belo é muitas vezes condicionado a situações amorosas mais favoráveis do que os outros personagens não compreendidos como belos. Geralmente há uma associação perigosa entre o *eros* e o estético. Para isso usamos como exemplo personagens do filme *a Bela e a Fera*.

FIGURA 07 Fifi e a Guarda Roupa acima e Lumiere, Horloge e Lefou.



Fonte: 11nq.com/flpyB - 11nq.com/VtrVW - 11nq.com/WxfHA - 11nq.com/biAIZ - 11nq.com/plL4n **Acesso** em 01 de junho de 2022

Durante a apresentação, questionamos quais dos personagens acima tinham pares românticos nos filmes. Como apenas uma professora na oficina já tinha assistido ao filme *A Bela e a Fera* ficou mais dinâmica a reflexão. A resposta correta é que o candelabro Lumiere tem um *affair* com a espanadora Fifi.

Mas por que fazemos esse questionamento? Para podermos problematizar que não é por acaso que o casal romântico é magro, apontando para um direcionamento ideológico perigoso que relaciona corpos magros a relacionamentos, marginalizando os mais gordinhos e não dando a eles (muitas vezes) o direito de se relacionarem nos contos, cabendo a eles papéis secundários de consolar, ajudar ou arrumar/cuidar dos personagens apaixonados.

Assim, muitos desses contos contribuem para a manutenção da ideologia de ideais de beleza estereotipados, sobretudo quando correlacionam essa beleza com a felicidade de um relacionamento e aceitação social. Logo, Fifi e Lumiere tem o direito a essa aceitação, diferente da Guarda-Roupa, Horloge e Lefou, assim como Ariel merece o príncipe e Úrsula apenas a inveja e a ganância, da mesma forma como Cinderela merece ir a festa, enquanto a fada madrinha apenas providenciar suas roupas a partir de magia e assim como Branca de Neve merece o príncipe enquanto os anões não merecem princesas.

Fizemos também o mesmo exercício, solicitando que analisassem os príncipes Florian, Encantado e Philip, (Figura 04) e o que os chamava a atenção ao vê-los. Dentre as falas realçamos:

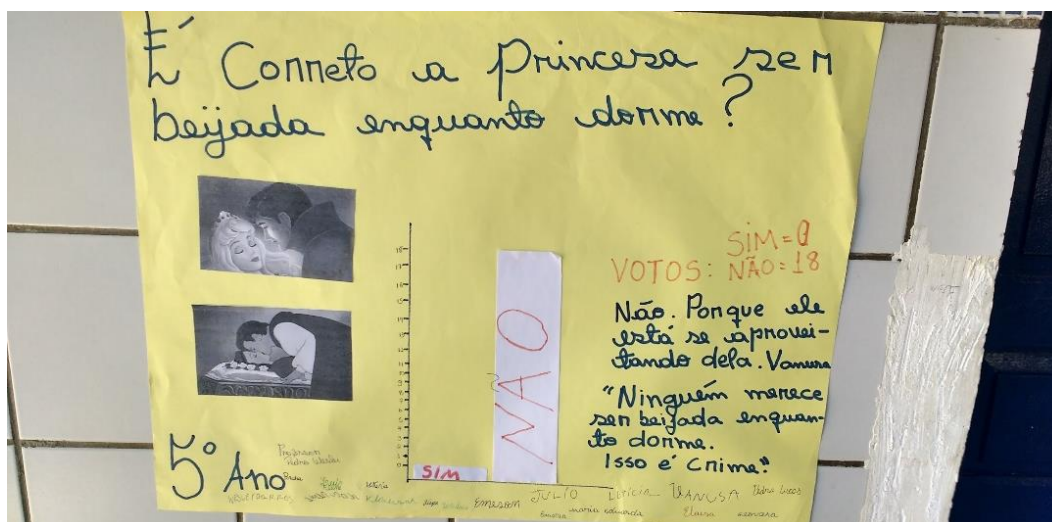
“Na mesma forma das princesas, todos elegantes”. (MOANA)

“O padrão de beleza, todos os príncipes tem a pele branca, cabelos lisos e são magros. Todas as princesas são salvas e beijadas por eles”. (BRANCA DE NEVE)

“seus trajes típicos de príncipes de contos de fadas, com capas e outros apetrechos que simboliza a realeza masculina nos contos de fada” (SERENA)

“Aparência física (sempre pele clara)”. (POCAHONTAS)

Fazendo o exercício de comparação, Jasmini no primeiro momento apontou que as roupas da época a chamaram a atenção. Posteriormente indagada novamente respondeu de maneira bem parecida. Moana comenta que as princesas são salvas e beijadas por eles (príncipes). Durante as oficinas fora apresentada uma atividade por nós desenvolvida com estudantes do quinto ano. Onde eles são submetidos a uma parte dessas discussões que realizamos até aqui e ao final são questionados se é correto a princesa ser beijada enquanto dorme. É produzido um cartaz e colado na entrada da sala.

FIGURA 08. Produção dos Estudantes do Quinto ano

Arquivo Pessoal.

Nessa atividade, além de discutirmos os contos de maneira geral, usamos essas histórias como fio condutor para dialogarmos um pouco sobre as formas de assédio sexual, como identificá-las e quais canais buscar para ajudar quem está nessa situação. Além disso, foi produzido em conjunto com os alunos um gráfico de coluna para indicar as suas respostas e a partir dele conseguirem compreender como é construído esse time de gráfico. Chama a atenção a maturidade das respostas de alguns estudantes ao afirmarem que o príncipe está se “aproveitando” da princesa ou que essa atitude deveria ser compreendida como crime.

Dando continuidade à análise das perguntas. Questionamos nossas professoras sobre: quais aspectos, além da história, poderiam ser observados ou levados em consideração, durante a escolha de filmes de contos de fadas para trabalhar com crianças durante as aulas? Dentre as respostas frisamos:

“As características física e psicológica”. (SIMBA)

“A representatividade de determinados personagens nos contos.” (RAPUNZEL)

Simba e Rapunzel ponderaram sobre a importância de estarmos atentos tanto à representatividade (como já exposto nesse trabalho) como também às características físicas. Quem são os personagens e porque usá-los. Pensando os contos, no seu uso como ferramenta pedagógica e como possibilidade para ajudar crianças, podemos usar essas histórias para provocar debates relacionados a mudanças corporais ou com relação à convivência com familiares. A história de Valente é boa nesse sentido, pois além da mãe de Mérida ter se tornado uma Ursa por conta das escolhas da princesa, mostra como a relação afetiva entre pais e filhos podem ser turbulentas e mesmo assim cheias de amor (ou não).

“Valores que são abordados...como: amizade, amor, verdade....”(TIANA)

*“Aspectos afetivos, socioemocional, responsabilidade social”.
(POCAHONTAS)*

“A determinação dos personagens, bem como o senso de bondade presente nos personagens principais. Também estimular a criatividade com as histórias de cada conto de fada, além de estimular os alunos a serem críticos da própria história.” (SERENA)

Tiana, Pocahontas e Serena apontaram para aspectos afetivos e sociais presentes nos conflitos dos contos que podem ser internalizados e discutidos por professores e alunos durante o processo de ensino aprendizagem, mas também têm a sensibilidade de fazerem referência a valores que os personagens principais têm e que precisam ser valorizados e estimulados. Um desses valores a serem citados são os comportamentos que podem ser entendidos como éticos ou não. O momento em que a heroína se depara com uma situação que é mais fácil, porém não é a correta, optando pela mais difícil, porém ética. Temos o exemplo dos três porquinhos, onde o porquinho mais velho da casa de tijolos poderia simplesmente não abrir a porta para seus irmãos que não se dedicaram a construir uma casa segura como ele, mas mesmo assim abriu e enfrentou o lobo mal como um líder.

O próximo questionamento respondido por nossas participantes foi a opinião sobre reprodução de filmes nas escolas sem o acompanhamento de uma atividade ao final de sua exibição. Essa é mais uma pergunta que se repetiu no Q1. Nesse momento buscamos fazê-los refletirem sobre a gama de possibilidades que os filmes podem colaborar na formação do educando. Destacamos inicialmente as falas:

Fiona: “A reprodução de filme sem atividade no final tem suas contribuições, como animação e descontração”.

Zangado: “Sem a atividade no final tem como objetivo a diversão e descontração”.

Branca de Neve: “Não há necessidade de sempre se fazer uma atividade. O filme tem que ser prazeroso, como uma experiência cultural.”

Rapunzel: “É importante proporcionar o filme sem a cobrança de atividades, mas é importante também discutir de forma crítica com os alunos determinadas situações presentes nos filmes”.

Mérida: “Depois da oficina compreendi que se deve oportunizar aos alunos assistir filmes por prazer, porém sempre planejado, organizado”.

Apontamos algumas falas que convergem com o que fora apresentado nas oficinas. Inicialmente Fiona tinha respondido que julgava essa ação como *“desnecessário e desmotivado pois se torna algo só pra diversão e não pra despertar aprendizado”*, posteriormente compreendeu esse momento como de animação e descontração. A julgar

pelas falas podemos fazer a inferência que houve uma mudança na forma como ela vê o uso de filmes na sala de aula.

Enquanto isso, Zangado, que afirmava que “*na escola, tudo tem que ser muito sistematizado porque se não o aluno não valoriza.*”, após as oficinas conseguiu compreender que os filmes também podem colaborar e serem usados para a descontração e diversão. O estudo por si só às vezes é desgastante e cansativo, por isso, a importância do lúdico e da reprodução fílmica para tornar o processo de ensino e aprendizagem menos penoso e mais prazeroso.

Pegando o gancho em dois pontos citados por Mérida e Rapunzel, o planejamento e a criticidade. O planejamento para exibição de um filme se torna indispensável, pois é preciso escolher bem, ter assistido antes de exibi-lo, testar o áudio, se em uma sala com os ventiladores ligados os estudantes conseguirão ouvir bem o som, tendo em vista que a experiência auditiva é importantíssima para a compreensão dos diálogos e a criação do clímax do filme.

É preciso ainda observar se a imagem projetada (caso seja em datashow) consegue dar nitidez para todos os alunos da sala (inclusive os que estão mais atrás), verificar em qual parede ou quadro será projetada essa imagem, pois às vezes quadros mal apagados podem conter manchas que atrapalham a visão do estudante. Ter dimensão da duração do filme e se esse não atrapalhará o funcionamento da rotina escolar como o recreio e a merenda e se caso comprometa esses momentos, quais alternativas serão buscadas para que os alunos não sejam prejudicados. Essas medidas buscam minimizar os problemas que advêm de exibições de filmes “de todo jeito³⁶”.

E falando sobre isso, aqui explicitamos nossa posição sobre uma prática que é recorrente nas escolas e que pode colaborar para que os estudantes percam o interesse nos filmes que é a reprodução dos mesmos como “*matação de aula*”. Por vezes vemos filmes e documentários sendo exibidos a jovens, porque determinado professor faltou, porque choveu e foram poucos alunos, ou porque eles estão ociosos. Muitas vezes, sendo escolhidos às pressas e sem os devidos cuidados supracitados. Em relato durante a disciplina de literatura e cinema alguns alunos comentaram que só na escola a turma dele já assistiu ao filme *Mãos talentosas* quatro vezes, e quando indagados sobre a repetição, os alunos comentaram que a resposta é: vão assistir novamente porque o filme é bom. Por melhor que seja o filme não se pode reproduzi-lo repetidas vezes dessa maneira para os estudantes. Outro problema é termos

³⁶ O uso da expressão informal é necessária nesse momento, tendo em vista não encontrar um termo formal que contemple essa reflexão.

filmes que por vezes são abortados e interrompidos no meio, sem a conclusão porque precisa-se dar conta de outras agendas da escola.

Quanto à criticidade, é de suma importância que a partir dos filmes consigamos proporcionar aos estudantes esse olhar mais crítico sobre diferentes realidades e sobre realidades semelhantes às que vivem. A animação Shrek é um bom exemplo para trabalhar e dialogar sobre o papel dos contos de fadas e como esses têm influência na forma como vivenciamos nosso mundo. O romance entre o Burro e a Dragoa se apresenta como possibilidade para apresentar como os diferentes podem se amar e se relacionar. Essas leituras críticas dos filmes, somadas ao movimento de associar o que é vivido no filme com o que é vivido no mundo são necessárias, pois é preciso encontrar relação entre o que se lê e o que vem ocorrendo no país, cidade ou bairro (FREIRE, 2016).

A penúltima pergunta foi ao fim dessas oficinas: o que você entende por ideologia? Usamos novamente a mesma pergunta para compararmos as respostas e vemos o que conseguiu ser consolidado. Antes de analisarmos, lembramos que temos consciência da quantidade de definições de ideologia, sendo elas políticas, filosóficas e históricas e que vários autores contribuíram para o entendimento do termo e que em nenhum momento queremos dizer que determinado autor está certo ou errado, mas que optamos por uma linha de pensamento para balizar esse trabalho. Essa nossa fala é corroborada por Zangado que afirma ser “algo que possui diferentes significados”, por Malévola reforçando “que tem vários significados, mas pode ser crítica” e por Branca de Neve ao dizer “que tem muitas definições que as ideias se relacionam com a política, estrutura de poder.”

Diante das falas colhidas, a que mais se aproxima da nossa compreensão sobre ideologia nesse trabalho é a de Rapunzel quando afirma que “não existe uma única definição. Vários autores apresentam um conceito sobre ideologia. A ideologia tem por finalidade naturalizar determinadas situações, para que estas sejam consideradas na sociedade como aceitáveis e normais.” Trabalhamos o termo ideologia nessa pesquisa como ideias que mediadas de maneira histórica, políticas e social contribuem para a construção de sociedades, em especial a compreensão que funcionam como cimento social para alicerçar práticas sociais, dentre elas algumas preconceituosas que buscam a manutenção da opressão de determinadas camadas e povos da sociedade.

Por outro lado, durante as respostas, a definição de ideologia ainda esteve associada a um sistema de ideias, como vimos nas falas de:

*“Conjunto de **ideias**, e pensamentos diferentes”.* (MOANA)

*“Entendi que são as diversidades de **ideias** presentes na sociedade. Cada grupo tem suas **ideias**, suas ideologias e que cada indivíduo é pertencente a sua própria ideologia” (SERENA)*

*“Falando de forma simples é a maneira de compreender o mundo, as **ideias** que são responsáveis por nossas ações.” (MÉRIDA)*

(grifo nosso)

Por fim, perguntamos a elas se a participação nas oficinas havia contribuído para sua formação e obtivemos a unanimidade de doze respostas sim. Como complemento solicitamos que justificassem suas respostas. A partir das respostas conseguimos compreender que esse momento não foi prazeroso e enriquecedor apenas para nós que mediamos as oficinas, mas também para elas, principalmente pela troca de aprendizagens e sobretudo por compreender como cada uma visualizou e foi atravessada de maneira diferente pelas oficinas. Iniciaremos por Jasmini e Tiana relatando que:

Nunca tinha pensado de forma crítica em relação os desenhos de princesas, e as personagens más serem gordas, as de cores escuras serem empregadas, foi um grande leque de conhecimento, principalmente de realizar a atividade sem pedir um trabalho escrito, instigar de forma pacífica o querer de assistir de interesse próprio. (JASMINI)

As oficinas me fizeram observar alguns pontos que até então não tinha despertado pra observar... como por exemplo.... Que para representar as coisas ruins no contos de fadas... os personagens são geralmente pessoas gordas, feias, velhas... e outros detalhes... enfim observei com mais atenção... (TIANA)

Ambas se atentaram para a criação dos estereótipos, sobretudo para o local onde cada gênero, corpo e etnia é minuciosamente direcionado nesses filmes. Reforçamos novamente que hoje temos muitas animações que buscam romper com esses preceitos e preconceitos, mas alguns contos tradicionais ainda estão carregados dessa carga ideológica e que é importante que os professores tenham consciência disso.

Branca de Neve comenta que:

A partir de agora eu vejo os contos de fadas com um novo olhar. Antes de tudo vou analisar bem, antes de trazer para a sala de aula, pois muitas causam traumas nas crianças, muitas vezes não conhecemos a realidades deles.

De fato, algumas produções podem ser um tanto traumáticas para as crianças, em especial as mais pequenas, por isso é de suma importância consultarmos a classificação indicativa para que não corramos o risco de estarmos reproduzindo filmes para faixas etárias não condizentes. Não se deve exhibir, por exemplo, *A paixão de Cristo* de Mel Gibson que tem censura mínima de 14 anos para estudantes do quinto ano.

Enquanto isso, Simba expõe que as formações contribuíram “demais. Fez perceber coisas que nunca havia despertado. Oficinas riquíssimas de informações.” Paralelo a essa fala, temos Pocahontas que afirmou que “*sim, terei um novo olhar para realizar as análises de filmes, buscando compreender cada aspecto ideológico.*”

De forma mais elaborada Rapunzel comenta que “*A discussão sobre ideologia proporcionou uma visão crítica sobre os contos de fadas, bem como compreender a importância dos filmes, como forma também de pluralizar o conhecimento.*”

Encerradas essas discussões e feita a apresentação e análise das repostas do Q2, seguiremos com nossas considerações finais buscando apontar e refletir sobre os pontos positivos e negativos dessa pesquisa e como essa teve relevância para aqueles que a escrevem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho realizado durante essa pesquisa permitiu compreender a percepção de professores do Ensino Fundamental I de três escolas do município de Barbalha-CE sobre ideologia, cinema e sua relação com o trabalho docente, tanto as potencialidades, como as fragilidades do uso do cinema como ferramenta pedagógica.

Conseguimos notar a ausência de materiais adequados para a exibição dos filmes e como essa lacuna impacta diretamente no trabalho docente, prejudicando os professores a proporcionarem uma melhor fruição estética aos estudantes. Ao fim dessa pesquisa, reforçamos nosso entendimento e defesa de que as escolas (sem exceções) necessitam de televisores com acesso à internet (smart tvs), caixas de som, datashows e notebook. Não ter esses equipamentos é ferir direitos dos alunos ao acesso a uma educação de qualidade. E ainda mencionamos que a ausência desses materiais por muitas vezes encoraja professores a adquirirem esses equipamentos para melhorarem suas aulas, ação essa que não deve ser estimulada, pois por melhores que sejam as intenções desses docentes, tais atitudes de fazer o papel do estado desresponsabilizam o serviço público de providenciar tais equipamentos que são necessários para o fazer pedagógico diário.

Somado à ausência de materiais, vemos como a não sistematização de formações proposta pelas SMEs para tratar de assuntos relacionados a literatura e cinema e suas nuances prejudicam os professores em compreender esse campo de conhecimento como um espaço diverso, plural e contestado. Defendemos que para a implementação de práticas que garantam o efetivo uso do cinema na educação deve haver oficinas e formações com professores buscando garantir que os orientem desde a montar um datashow, saber onde encontram-se os filmes (plataformas ou serviços de streamings) e posteriormente como escolhê-los e discuti-los. Tendo em vista a compreensão dos aspectos ideológicos presentes nessas histórias.

Ainda sobre a formação continuada, ela é necessária para que possamos estar propiciando subsídios teóricos para nossos professores que muitas vezes ainda não tiveram acesso a uma discussão sistematizada dos conteúdos ideológicos que são postos em nossa sociedade como o racismo, homofobia e machismo, por exemplo, e que permeiam diretamente nossas escolas. Esses debates são pertinentes à educação, porque enquanto temos alunos que desconhecem essas situações, temos tantos outros que os experimentam violentamente durante o seu cotidiano escolar e social.

Observa-se que a educação atualmente ainda é marcada por influências do ensino tradicional, afirmação essa evidenciada mediante o autoritarismo e a cobrança exacerbada por avaliações e resultados, somados a um currículo esquartejado que distancia componentes curriculares dificultando um diálogo inter/pluri/transdisciplinar contribuindo de maneira significativa para dificultar a efetivação de um ensino de qualidade.

É importante pensarmos que o trabalho com a desconstrução de algumas ideologias como racismo, xenofobia, homofobia, aliados a estereotipações de beleza e felicidade contribui para iniciar um processo de superação de preconceitos e de discriminação presentes na relação entre professores x alun@s, professores x professores e alun@s x alun@s.

Consideramos que nossa problemática foi respondida, tendo em vista que conseguimos visualizar como os professores das escolas apontadas trabalham (ou não) com conto de fadas adaptados ao cinema, porém, mesmo conseguindo responder a esse questionamento, temos consciência que essa pesquisa não dá conta de solucionar muitas das inquietações provocadas por ela mesma durante sua escrita, e culmina por gerar mais alguns problemas como: Seria possível criar uma cultura cinematográfica dentro das escolas? Quantas mais escolas nesse município não dispõem de equipamentos eletrônicos para a exibição de filmes? Será que as professoras conseguiram efetivar na prática as discussões realizadas durante as oficinas? Os estudantes dessas professoras estão conseguindo obter (indiretamente) proveito dessas oficinas? As professoras, agora, (teoricamente) sabedoras da relevância do cinema, tem reivindicando melhores condições para a exibição de filmes?

Conseguimos amadurecer durante o processo dessa pesquisa que o trabalho de compreensão, apropriação, discussão e sistematização (não necessariamente nessa ordem) das ideologias e de suas intersecções com o fazer docente e o cinema colabora de maneira relevante para a construção da consciência crítica dos professores e alun@s. Por vezes enquanto professores e imersos nas atividades diárias não damos conta de compreender que a escola, embora sendo um espaço para a aquisição de aspecto formais de ensino, também deve se consolidar como um espaço para o desenvolvimento da criticidade dos estudantes e professores, criticidade essa que deve ser construída em comunhão e não apenas de maneira unilateral. O professor não deve ser apenas um aplicador de conhecimento.

Aproveitamos esse espaço para nos solidarizarmos com os professores desse município, em especial os que dedicaram um pouco do seu tempo para participarem dessa pesquisa.

Reforçamos que embora interpretando suas respostas, em nenhum momento nos julgamos superiores a vocês, pelo contrário, buscamos diariamente um diálogo que fosse

horizontal e não vertical, que conversássemos de professores para professores e não de pesquisador para objetos da pesquisa.

Reforçamos ainda que esse trabalho assim como a educação não é neutro politicamente e também não tem o intuito de ser. Para combatermos as ideologias dominantes e que oprimem determinados povos da nossa sociedade precisamos nos posicionarmos durante a nossa escrita de forma veemente contrária a qualquer discurso ou prática que pregue ódio e massacre a determinados povos. E reiteremos que discurso de ódio, não é opinião! E que devemos estar atentos para que estes não sejam camuflados ou maquiados mediante ideologias na busca de serem socialmente aceitos.

Compreendemos também, em nossas formações que é possível abrir espaços de reflexões a partir dos contos, desde que sejam problematizados e discutidos seus pontos positivos e negativos. E que é a partir da formação continuada que poderemos dar condições para que nossos professores que estão no chão da escola reflitam sua prática e superarem o discurso ideológico presente nos contos de fadas e em outros aspectos da vida em sociedade.

Mais uma vez, não queremos aqui por fim ou extinguir qualquer conto ou história, não é essa nossa intenção. Queremos sim que essas histórias sejam colocadas em contextos adequados para que possam ser entendidas dentro dos seus espaços históricos, políticos, psicológicos e sociais. Afinal, como exposto durante o trabalho, os contos de fadas são construídos e fundamentados com diversas ideologias que precisam ser contextualizadas, problematizadas e combatidas.

Sabemos que essas reflexões e propostas aqui sugeridas são embriões de uma mudança na educação que se aproxima mais lentamente do que nossa sociedade necessita, porém mais rápida do que em outros períodos históricos, dito isso, parafraseamos a fada madrinha no filme da Cinderela “Até mesmos os milagres levam um pouco de tempo para acontecer”, permaneçamos em vigília e lutando. Dias menos obscuros hão de vir.

*E essa história entrou por uma porta e saiu por outra, quem
quiser que conte outra...*

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil gostosuras ou bobices**. 5ª Ed. (2ª impressão) São Paulo: Editora Afiliada, 1997.

ALMEIDA, Rogério de. **Cinema e educação: fundamentos e perspectivas**. Educação em Revista Belo Horizonte, nº.33. Ed. 153836. 2017

AZEVEDO, Fernando. **Literatura Infantil e Leitores. Da Teoria às Práticas**. 2ª Edição Revista e Ampliada. Lulu Press, Raleigh, N. C. ISBN: 978-1-326-10972-1. 2014.

AZEVEDO, Fernando. **Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores 1959**– Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

BETIM, Felipe e MARREIRO Flávia. O discurso de Bolsonaro na ONU, analisado e confrontado com dados. **El País**, São Paulo, 25 de setembro de 2019 - 15:04 BRT. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/24/politica/1569340250_255091.html> . Acesso em: 31 de março de 2021.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

BONAZZI, Maria; ECO, Umberto. **Mentiras que parecem verdades**. 4ª Ed. São Paulo: Summus editorial, 1972.

BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso** (5a. ed.). Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 1986.

BRANDÃO, N.A, **A questão da Ideologia em Antonio Gramsci**, Revista trabalho & Educação – Vol. 16, nº 2: jul / dez – 2007.

BRASIL. **Lei complementar**, nº 152, de 3 de dezembro de 2015.

CAVALLEIRO, Eliane, **Do silencio do lar, ao silencio da escola: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil**, São Paulo, Contexto, 2000.

CERVANTES. Miguel de.1547-1616. **Dom Quixote, o cavaleiro da triste figura**. Miguel de Cervantes ; adaptação em português de José Angeli. – São Paulo : Scipione, 1997.

CHARLOT, Bernard. **O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição**. In Autores: D'ÁVILA, Cristina Maria (ORG). **Ser professor na contemporaneidade: Desafios, ludicidade e protagonismo**. Curitiba. Editora CRV. 2013. P. 15-38.

COLLINS, Patricia Hill. BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1. ed. - São Paulo :Boitempo, 2020.

COSTA, Patricia de Fátima Abreu. **Contos de Fada – Uma análise semi-ótica** . Disponível na Internet via <http://www.filologia.org.br/ixcnlf/8/05.htm>. Arquivo capturado em 10 de junho de 2021.

CORSO, Mario e Diana Lichtein. **Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DINIZ, M. L. V. P. **O Belo, o Bom e o Bem comportado - O discurso ideológico nos contos de fadas**. In: Anais do XXIV Seminário do GEL - Grupo de Estudos linguísticos do Estado de São Paulo (pags. 352-358) FFLCH/USP-SP, 1995 Disponível em: <http://webmail.faac.unesp.br/~mldiniz/>. Acessado em 14 de maio de 201Arquivo capturado em 10 de junho de 2021.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002

EAGLETON, Terry. **Ideologia. Uma introdução**. São Paulo. Editora Boitempo, 1997.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessário a prática educativa**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2013.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUIMARÃES. A.M. **O cinema e a escola: Formas imagéticas da violência**. Cadernos Cedes, ano XIX, nº 47, dezembro/98

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 1, 2011a.

GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v. 2, 2011b.

KILOMA, Grada. **Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

LEITE, Vanessa. **“Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade**. Rio de Janeiro. Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latinoamericana. 2019.

LIBÂNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez. 1994.

LOWY, Michael. **Ideologia e Ciências Sociais: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: 11ª edição - Editora Cortez, 1996.

MAIA, A. F. **Notas sobre ideologia e educação**. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 2, n.3, 1998.

MARX, Karl. **Ideologia Alemã**. São Paulo. Editora Martim Fontes, 1998.

NÓVOA, Antônio. **Os professores na virada do milênio: do excesso do discurso a pobreza de práticas**. Educação e Pesquisa. São Paulo, 1999.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 12 dez. 2021.

OLIVEIRA, Carmen Irene C. **Representações imagéticas do fazer científico no contexto do instituto nacional do cinema educativo**. Cad. Cedes, Campinas, v. 34, n. 92, p. 35-50, jan.-abr. 2014

PEREIRA, G; BARBOSA, M.I.B; FILHO, L.A.C.R. **Ouvindo imagens: ensaio sobre uma oficina audiovisual inclusiva de cinema e educação**. Pro-Posições.Campinas, SP, V. 30, edição 20180041, 2019.

REIS, E. P. **Gramsci, as revistas, o intelectual e a educação**. Educação em Revista. Belo Horizonte, n.34, edição 178809. Ano 2018

SAVIANI, D. **Histórias das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas. Autores associados, 2008.

SEVERINO. A.J. **Educação, ideologia e contra ideologia**. São Paulo. EPU, 1986.

SILVA, Pedro Weslei de Oliveira. **Ideologia nos contos de fadas: Problematicando o que aparenta não ter problema**. Monografia (Graduação em Pedagogia) Universidade Regional do Cariri – URCA. Crato-CE, 2016.

SILVEIRA. Anderson Ederson Luís. **Literatura Infantil e Cinema**. Disponível em:<<http://cepad.net.br/discursividade/EDICOES/14/Arquivos/ANDERSON.pdf>>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2020.

THOMPSON, J.B. **Ideologia e Cultura Moderna: Teoria Social Crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis-RJ - Editora Vozes, 1995.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

Xavier, I. **Um cinema que “educa” é um cinema que (nos) faz pensar: Entrevista com Ismail Xavier**. *Educação & Realidade*, 33(1), 13-20.dla. (2008).

WALSH, Catherine. **Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver**. In: _ CANDAU, Vera Maria (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009. p. 12-43.

ZANONI, Fábio de Godoy Del Picchia. **O Cinema Escolar como Berço do Entretenimento**. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 42, n. 2, p. 557-577, abr./jun. 2017. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623654581>

APÊNDICE

Questionário Inicial - Q1

Questionário 01

NOME FICITICIO _____ DATA _____

1. Qual sua formação? Graduação e especialização.
2. Qual seu vínculo empregatício? Efetivo ou temporário/substituto
3. Há quantos anos atua como professor@? E quantos anos atua nessa escola?
4. Qual seu conto de fadas preferido? Justifique
5. Você já assistiu algum filme no cinema? Se sim, quais? Se não, tente relatar os motivos.
6. Você costuma utilizar filmes durante suas aulas? Se sim, quais você se recorda de ter utilizados? E quais atividades realizou?
7. Já chegou a usar filmes de contos de fadas? Se sim quais? Qual era o objetivo?
8. Qual sua opinião sobre o uso de filmes na escola?
9. Qual sua opinião sobre reprodução de filmes nas escolas sem o acompanhamento de uma atividade ao final de sua exibição?
10. Sugira três filmes (independente do gênero) para serem reproduzidos em turmas do fundamental 1 (se preferir pode descrever a turma). Ex: Branca de Neve para a turma do 2º ano.
11. Quais princesas/príncipes de filmes de contos de fadas chamam mais sua atenção?
12. Analisando as três Princesas abaixo (Branca de Neve, Cinderela e Aurora) o que te chama a atenção ao vê-las?



13. Analisando os três príncipes abaixo (Florian, Encantado e Philip), o que te chama a atenção aos vê-los.



14. O que você entende por ideologia?

15. Como (TV ou datashow) e onde (sala de aula, sala de vídeo, pátio) você reproduz os filmes com sua turma?

Questionário Final – Q2

NOME FICITICIO _____ DATA _____

1. Quais aspectos ideológicos dos Contos de fadas discutidos na formação mais lhe surpreendeu ao ser discutido?
2. Ao final dessas oficinas, as princesas/príncipes favoritas de filmes de contos de fadas permanecem as mesmas?
3. Analisando as três Princesas abaixo (Branca de Neve, Cinderela e Aurora) o que te chama a atenção ao vê-las?



4. Analisando os três príncipes abaixo (Florian, Encantado e Philip), o que te chama a atenção ao vê-los.



5. Quais outros aspectos, além da história, podem ser observados ou levados em consideração, durante a escolha de filmes de Contos de fadas para trabalhar com crianças durante as aulas?
6. Qual sua opinião sobre reprodução de filmes nas escolas sem o acompanhamento de uma atividade ao final de sua exibição?
7. Ao fim dessas oficinas, o que você entende por ideologia?
8. A participação nas oficinas contribuiu para sua formação?

() Sim () Não

Justifique:

ANEXO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidad@ para participar, como voluntári@, em uma pesquisa científica do Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri - URCA. Caso você não queira participar, não há problema algum. Você não precisa me explicar porque, e não haverá nenhum tipo de punição por isso. Você tem todo o direito de não querer participar do estudo, basta selecionar a opção correspondente no final deste documento.

Para confirmar sua participação você precisará ler todo este documento e depois selecionar a opção correspondente no final dele. Este documento se chama TCLE (Termo de Consentimento livre e esclarecido). Nele estão contidas as principais informações sobre o estudo, objetivos, metodologias, riscos e benefícios, dentre outras informações.

Este TCLE se refere ao projeto de pesquisa “IDEOLOGIA, CINEMA E FORMAÇÃO DOCENTE: O QUE NÃO TE CONTAM SOBRE OS CONTOS DE FADAS”, cujo objetivo é “Analisar os aspectos ideológicos presentes em contos de fadas adaptados ao cinema, problematizando suas contradições de maneira dialética durante a formação docente continuada.”.

No ato da assinatura aceitando participar da pesquisa, você receberá uma cópia deste documento, além do mais, você também poderá solicitar aos pesquisadores do estudo uma versão deste documento a qualquer momento por um dos e-mails registrados no final deste termo.

A pesquisa será realizada inicialmente por meio de Oficinas e dois questionários, sendo um aplicado no início da pesquisa e outro ao final, ambos serão impressos e constituído por vinte perguntas. Estima-se que você precisará de aproximadamente uma hora para responde-las. A precisão de suas respostas é determinante para a qualidade da pesquisa.

O questionário 01 (Q1) estará disponível para ser respondido entre os dias 01 a 07 de maio e o questionário 02 (Q2) entre os dias 25 e 30 de junho de 2022. Para além dos questionários, também serão levados em conta durante essa pesquisa as falas dos participantes tal como suas produções durante as oficinas.

A oficinas terão momentos síncronos e assíncronos. Acontecendo nas terças e quintas a partir das 19 horas durante o mês de junho de 2022. Sendo a primeira prevista para 07/06/2022 e a última 30/06/2022. Segue uma pequena “sinopse” das oficinas. Oficina 1. Síncrona. Explicação do projeto e oficinas; preenchimento do TCLE e resolução do Q1; além de roda de conversa para junto com os participantes definirmos nossas futuras ações na busca da construção de conhecimento; Oficinas 02 e 03. Síncronas. Realização de um trabalho expositivo e dialogado apresentando de forma geral os princípios da ideologia, Contos de Fadas e seus impactos na literatura infantil e no fazer pedagógico diário. Oficina 04 e 05. Assíncrona. Assistirem ao filme “Mulan” e “Pequena Sereia”. Oficina 06. Síncrona. Atividade em grupo sobre os filmes assistidos. Oficina 07 e 08. Assíncrona. Realização da atividade dos participantes em suas salas de aulas com os alunos. Oficina 09 Síncrona. Socialização das nossas experiências em uma roda de conversa sobre os assuntos que permearam as aulas e quais foram os pontos sensíveis tocados pelos alunos Oficina 10. Síncrona. Avaliação das oficinas de forma dialogada e resolução do Q2.

Cabe ressaltar que você não será remunerado, visto que sua participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Caso decida desistir da pesquisa você poderá interromper o questionário e sair do estudo a qualquer momento, sem nenhuma restrição ou punição.

Informamos que os riscos dessa pesquisa são mínimos, mas por se tratar inicialmente de um questionário tentaremos assegurar a lisura do processo, garantindo que as identidades dos participantes sejam preservadas, para isso, cada participante receberá aleatoriamente um nome fictício de personagem de literatura infantil antes do início da primeira oficina para que possa responder o questionário de maneira segura. Usaremos esse procedimento, pois como submeteremos os participantes a dois questionários, um inicial e um final, poderemos analisar e comparar as suas respostas ao final do processo durante o período de análise dos dados. Essa tentativa busca evitar os riscos de sua exposição como pessoa física, estresse, vergonha ou algum tipo de constrangimento. Já nas oficinas, tentaremos estabelecer uma relação de diálogo bem franco e solidário, com um debate democrático e horizontal, a fim de evitar problemas como cansaço, vergonha e medo.

Nessa pesquisa usaremos de questionários para colher boa parte do material. Assim, para assegurar a lisura do processo, e garantir que as identidades dos participantes sejam preservadas, cada participante receberá aleatoriamente um nome

fictício de personagem de literatura infantil antes do início da primeira oficina para que possa responder o questionário de maneira segura. Usaremos esse procedimento, pois como submeteremos os participantes a dois questionários, um inicial e um final, poderemos analisar e comparar as suas respostas ao final do processo durante o período de análise dos dados. Essa tentativa busca evitar os riscos de sua exposição como pessoa física, estresse, vergonha ou algum tipo de constrangimento. Já nas oficinas, tentaremos estabelecer uma relação de diálogo bem franco e solidário, com um debate democrático e horizontal, a fim de evitar problemas como cansaço, vergonha e medo.

Salientamos que os benefícios dessa pesquisa são: garantir formação continuada aos professores; fazer com que os professores reflitam sobre os aspectos ideológicos nos contos de fadas; capacitar professores com relação ao uso de filmes como ferramenta pedagógica e construir uma série de episódios analisando alguns contos de fadas para que sejam disponibilizados no youtube. Ao final da pesquisa os participantes receberão um certificado de 60 horas emitido em parceria pela secretaria de Educação de Barbalha e o Programa de Mestrado Profissional em Educação da URCA.

Os pesquisadores garantem e se comprometem com o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

É garantido a você o direito a ressarcimento em caso de despesas comprovadamente relacionadas à sua participação no estudo, bem como ao direito a indenização em caso de danos nos termos da lei.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Regional do Cariri - URCA. Caso persistam dúvidas sobre o estudo, ou em caso de denúncias e/ou sugestões o Comitê de Ética está disponível para atender você no endereço: Rua Cel. Antônio Luiz, 1161 – Pimenta – Crato-CE – CEP.: 63.100-000, Fone (88) 312.1212 ramal 2424 – E-Mail: cep@urca.br. Para contatar o pesquisador Responsável por essa pesquisa, você poderá encaminhar um e-mail, ligar ou mandar mensagem pelo WhatsApp para eles a qualquer momento: Pedro Weslei de Oliveira Silva, (88) 99664-0444 e e-mail wesleipedagogia@gmail.com.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, concordo em participar voluntariamente do presente estudo como participante. O pesquisador me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa, o que terei que fazer, inclusive sobre os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação. O pesquisador me garantiu que eu poderei sair da pesquisa a qualquer momento, sem dar nenhuma explicação, e que esta decisão não me trará nenhum tipo de penalidade ou interrupção de meu tratamento.

Fui informado também que terei uma cópia do TCLE, tanto física como em PDF e que posso solicitar uma versão dele via e-mail para os pesquisadores a qualquer momento.

ACEITO PARTICIPAR ()

_____, ____/____/2022

NÃO ACEITO PARTICIPAR ()

_____, ____/____/2022

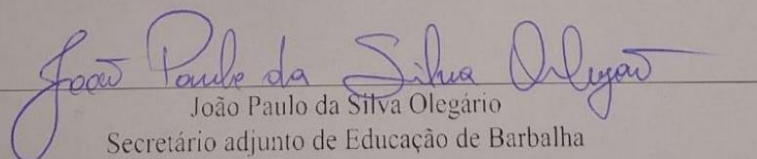
GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
PREFEITURA MUNICIPAL DE BARBALHA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DE BARBALHA

CARTA DE ANUÊNCIA DE INSTITUIÇÃO PARTICIPANTE

Declaramos para os devidos fins, que aceitaremos o pesquisador PEDRO WESLEI DE OLIVEIRA SILVA, aluno do mestrado profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri – URCA, a desenvolver o seu projeto de pesquisa ***IDEOLOGIA, CINEMA E FORMAÇÃO DOCENTE: O QUE NÃO TE CONTAM SOBRE OS CONTOS DE FADAS*** que está sob a coordenação/orientação da Professora Dra. Maria Dulcinea da Silva Loureiro. O presente trabalho é uma pesquisa-ação e envolve a realização 10 oficinas com professores do Ensino Fundamental 1 das três escolas de menor IDEB desse município.

Os dados e narrativas serão coletados/as através de questionários e diálogos com os participantes durante as oficinas. Durante a coleta de dados, serão usados nomes fictícios afim de não identificar os participantes. A coleta somente se iniciará após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Regional do Cariri. De acordo com a resolução 466/2012 CNS, toda pesquisa possui risco com gradações específicas e nos comprometemos em seguir todos os protocolos necessários, em respeito as legislações vigentes para que a pesquisa transcorra da melhor forma possível. O descumprimento desse condicionamento assegura-o o direito de retirar esta anuência a qualquer momento da pesquisa.

Barbalha - CE, em 25 de abril de 2022.


João Paulo da Silva Olegário
Secretário adjunto de Educação de Barbalha

Secretaria Municipal de Educação
Barbalha – CE